

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Raquel da Silva Capaz

Lisboa, janeiro de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) José Maria de Almeida

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) Raquel de Silva Capaz

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação
Pré-escolar

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 13 de dezembro de 20 12



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Raquel da Silva Capaz

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, sob a orientação do Professor Doutor José Maria de Almeida

Lisboa, janeiro de 2013

Agradecimentos

Quero começar por agradecer à minha família, e, em especial, aos meus pais e ao meu irmão, e aos meus amigos por toda a força que me deram nos momentos mais difíceis, e por me terem apoiado em todas as minhas decisões, mesmo que não concordassem com estas.

Em seguida, quero agradecer ao Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, Doutor António Ponces de Carvalho, por me ter facultado a possibilidade de frequentar este mestrado.

Não posso deixar de agradecer também ao meu orientador, Professor Doutor José de Almeida, pela ajuda que me deu ao longo do mestrado, em particular, por me ter ensinado a realizar o relatório de Estágio Profissional, com muita paciência e disponibilidade para esclarecer as minhas dúvidas que foram surgindo.

Às minhas colegas de turma, principalmente à Inês Esteves e à Ana Inês Silva, que ao longo da licenciatura e do mestrado, foram sempre incansáveis, quando eu precisei, e pela partilha de ideias, informações e, principalmente, por toda a ajuda que me deram.

Também quero agradecer a todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus e das escolas (e outras instituições onde estagiei), por terem contribuído para a minha formação e crescimento enquanto futura educadora.

Muito obrigada a todos!

Índice Geral

Índice de Quadros.....	IX
Índice de Figuras	X
Introdução.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	2
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio.....	2
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	3
4. Identificação do grupo de estágio.....	3
5. Metodologia utilizada.....	3
6. Pertinência do estágio	6
7. Cronograma	6
CAPÍTULO 1 – Relatos diários.....	8
1.1 1. ^a Secção – Grupo dos 3 anos.....	9
1.1.1 Caracterização da turma.....	9
1.1.2 Caracterização do espaço.....	9
1.1.3 Horário da turma	10
1.1.4 Rotinas.....	10
1.1.5 Relatos diários, Inferências e Fundamentação Teórica	11
1.2 2. ^a Secção – Grupo dos 4 anos	26
1.2.1 Caracterização da turma.....	26
1.2.2 Caracterização do espaço.....	26
1.2.3 Horário da turma	27
1.2.4 Relatos diários, Inferências e Fundamentação Teórica	27
1.3 3. ^a Secção – Grupo dos 5 anos	40
1.3.1 Caracterização da turma.....	40
1.3.2 Caracterização do espaço.....	40
1.3.3 Horário da turma	41
1.3.4 Relatos diários, Inferências e Fundamentação Teórica	41
1.4 4. ^a Secção – Creche (semana intensiva)	55
1.5 5. ^a Secção – Grupo dos 4 anos	57
1.5.1 Caracterização da turma.....	57
1.5.2 Caracterização do espaço.....	57
1.5.3 Horário da turma	58
1.5.4 Relatos diários, Inferências e Fundamentação Teórica	58

1.6	Secção 6 – Grupo dos 5 anos.....	71
1.6.1	Caracterização da turma.....	71
1.6.2	Caracterização do espaço.....	71
1.6.3	Horário da turma	71
1.6.4	Relatos diários, Inferências e Fundamentação Teórica	72
CAPÍTULO 2 – Planificações		90
2.1	Descrição do Capítulo	91
2.2	Fundamentação Teórica.....	91
2.3	Planificações	95
2.3.1	Domínio da Matemática	95
2.3.2	Área do Conhecimento do Mundo	97
2.3.3	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	99
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação		102
3.1	Descrição do Capítulo	103
3.2	Fundamentação Teórica.....	103
3.3	Dispositivos de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da matemática	107
3.3.1	Descrição dos parâmetros e critérios.....	107
3.3.2	Descrição da grelha de avaliação	109
3.3.3	Análise conclusiva	110
3.4	Dispositivo de Avaliação da área de Expressões e Comunicação: Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	111
3.4.1	Descrição dos parâmetros e critérios.....	111
3.4.2	Descrição da grelha de avaliação	113
3.4.3	Análise conclusiva	114
3.5	Dispositivo de Avaliação da área do Conhecimento do Mundo	115
3.5.1	Descrição dos parâmetros e critérios.....	115
3.5.2	Descrição da grelha de avaliação	117
3.5.3	Análise conclusiva	118
Reflexão Final.....		119
1	Considerações finais	119
2	Limitações	120
3	Novas pesquisas	121
Referências Bibliográficas.....		122
Anexo 1 – Dispositivo de Avaliação do Domínio de Matemática		130

Anexo 2 – Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	131
Anexo 3 – Dispositivo de Avaliação da área do Conhecimento do Mundo	132

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos momentos de estágio	7
Quadro 2 – Horário do grupo dos 3 anos	10
Quadro 3 – Horário do grupo dos 4 anos	27
Quadro 4 – Horário do grupo dos 5 anos	41
Quadro 5 – Horário do grupo dos 4 anos	58
Quadro 6 – Horário do grupo dos 5 anos	71
Quadro 7 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem...	93
Quadro 8 – Plano de aula no Domínio da Matemática	95
Quadro 9 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo	97
Quadro 10 – Plano de aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita ..	99
Quadro 11 - Escala de avaliação utilizada	107
Quadro 12 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação	107/108
Quadro 13 – Grelha de avaliação	109
Quadro 14 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação	111
Quadro 15 – Grelha de avaliação	113
Quadro 16 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação	115
Quadro 17 – Grelha de avaliação	117

Índice de Figuras

Figura 1 – Gráfico de classificações obtidas na área de Expressão e Comunicação:
Domínio da Matemática 110

Figura 2 – Gráfico de classificações obtidas na área de Expressão e Comunicação:
Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita 114

Figura 3 – Gráfico de classificações obtidas na área de Conhecimento do Mundo 118

Introdução

1. Identificação do local de estágio

A realização deste relatório de estágio Profissional destina-se às Unidades Curriculares I e II, sendo indispensável à conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar, concretizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este trabalho corresponde ao estágio realizado numa escola de Lisboa, onde assisti e estagiei nos três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar, com a duração de 2 semestres. No 1.º semestre comecei no grupo dos 3 anos, passando para o grupo dos 4 anos e, por último, o grupo dos 5 anos. No 2.º Semestre estagiei no grupo dos 4 e 5 anos.

O horário de estágio compreendia 12 horas semanais, das 9 horas até às 13 horas, à segunda, terça e sexta-feira.

Esta escola é formada pelo corpo docente da Educação Pré-Escolar e docentes do 1.º Ciclo de Ensino Básico, entre outros colaboradores não docentes.

Numa descrição geral podemos dizer que esta instituição é constituída por catorze salas de aulas, um salão, uma biblioteca, um ginásio, casas de banho, uma sala de informática, um refeitório, uma cozinha, um gabinete da direção e dois recreios.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio

Na introdução deste trabalho é possível ver a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório e a sua importância, descrevo o meu grupo de estágio, a metodologia que utilizei para a realização do relatório, abordo a pertinência do estágio, bem como a cronologia referente ao relatório de estágio profissional.

Para além da introdução, o presente relatório está organizado da seguinte maneira: CAPÍTULO 1 – Relatos diários; CAPÍTULO 2 – Planificações, CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação; Reflexão final.

No CAPÍTULO 1, realizo nas narrativas dos relatos diários que se encontram organizados por secções. Cada secção corresponde a um momento de estágio e estes serão descritos pela mesma ordem que se desenvolveram.

Neste capítulo será feita a descrição de cada turma, assim como o relato de todas as práticas observadas, que serão inferidas e fundamentadas teoricamente.

No CAPÍTULO 2, apresento os planos de aula, elaborados por mim, com as respetivas estratégias, e ainda inferências e fundamentação teórica.

No CAPÍTULO 3, exponho os dispositivos de avaliação concretizados durante a prática pedagógica mostrando as avaliações que realizei durante as aulas que lecionei no estágio.

Por fim, apresentarei a reflexão final, onde são referidos os objetivos que foram lançados no decorrer deste estágio, e como é que contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional, para além das limitações.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A realização do Relatório de Estágio Profissional foi muito importante, visto que é um elemento fundamental e indispensável para a minha formação profissional, pois permite-me analisar e refletir sobre as práticas observadas.

Tal como afirma Zeichner (1993, p.17), “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e que o tipo de saberes inteiramente tirado das experiencias dos outros.”

Para a elaboração deste relatório tive de investigar e estudar diversos conceitos, ideias e métodos, que contribuem para a construção do conhecimento sobre o ensino, e vai consolidar todo o meu trabalho no estágio.

Como já referi anteriormente, o estágio é sustentado com a realização deste relatório uma vez que a parte prática, ou seja, o estágio, vai ser apoiado pela realização do relatório, que exige pesquisa científica.

4. Identificação do grupo de estágio

O meu grupo de estágio, no 1.º semestre foi composto por duas colegas, e no 2.º semestre não tive nenhuma colega a estagiar na mesma sala que eu.

Devido à formação de grupos para a prática pedagógica, foi possível partilhar experiências vividas no estágio, com as minhas colegas, em que refletimos e compartilhamos opiniões de métodos, com o objetivo de nos ajudarmos umas às outras. Segundo Gourgand (1980, p.15), “o grupo é portanto, para cada um, o pretexto para analisar os seus métodos e o seu comportamento, compará-los aos dos seus colegas, ver como pode melhorá-los. Nesta medida, ele é formativo.”

Contudo, também acho benéfico ter estado um semestre a estagiar sozinha, pois deste modo a minha prática aproxima-se mais da realidade, pois quando for trabalhar, não vou ter nenhuma colega para me auxiliar enquanto dou aulas.

5. Metodologia utilizada

A metodologia que utilizei na recolha de dados no estágio e na concretização deste relatório foi de índole qualitativa, com o recurso a dois instrumentos de recolha de dados: a observação e a análise documental.

A investigação realizada comporta algumas características enunciadas por Bogdan & Biklen (1994), relativamente à investigação qualitativa, tais como:

- I. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- II. Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto direto;
- III. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- IV. A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
- V. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (pp. 47-50)

Desde que integrei as turmas de Licenciatura em Educação Básica até às de Mestrado em Educação Pré-Escolar, tive a oportunidade de estagiar nas diversas escolas, e com isso, pude realizar e observar o processo de ensino-aprendizagem, recolhendo dados. Todas as aulas que assisti, durante o mestrado, estão registadas, de forma a que quem ler este relatório perceba o que decorreu em cada dia de estágio. Quivy e Campenhoudt (1992, p.157) afirmam que no decorrer das observações são reunidas várias informações que serão analisadas posteriormente, e a recolha de dados “consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas” nos alunos de uma determinada amostra (p.185).

De acordo com Sousa (2009), a observação permite efetuar registos dos acontecimentos, comportamentos e atitudes, no seu contexto próprio.

Como defende Bailey (citado por Sousa, 2009), o processo de observação tem diversas vantagens, como o fato das observações serem superiores a experiências; questionários e entrevistas no que refere a recolha de dados comportamentais não-verbais; durante a observação, o observador pode tirar notas do que considera mais relevante.

Contudo, tal com Sousa (2009) afirma, são necessárias normas específicas para proporcionar uma observação justa e rigorosa. O observador deve ser objetivo de modo a tornar-se Universal, para que os outros observadores vejam o mesmo, nas mesmas condições.

Segundo o autor anterior, Sousa (2009, p. 110), “as formas de observação que são utilizadas dependem essencialmente dos objetivos que se pretendem atingir e variam em grau de formalidade e rigorosidade, conforme o que se pretende observar”.

Através da observação direta e participativa, recolhi dados em contexto educativo, pois não basta ler livros sobre educação, mas também é necessário ver e interpretar o que acontece na realidade educativa.

Para Quivy e Campenhoudt (1992, p.165), “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados”, pois reúne a informação procurada sendo esta observada nos sujeitos (os alunos).

No entanto, a observação direta, nem sempre demonstra se uma criança adquiriu ou não os conhecimentos. Veríssimo (2000, p.30) menciona ser essencial a elaboração de grelhas de análise ou de observação, para se analisar o progresso dos alunos e para se sistematizar os juízos resultantes da observação, ou seja, escalas de classificação, resultantes da observação.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992, p.197), uma observação participante, “consiste em estudar uma comunidade (...) participando na vida colectiva”, de modo a que o investigador perturbe o menos possível.

Após a recolha de dados, segue-se a análise. Para tal, Bogdan e Biklen (1994, p.221) sistematizam a importância do “desenvolvimento de uma lista de categorias de codificação depois de ter recolhido os dados e de se encontrar preparado para os organizar”.

Miles e Huberman (citados por Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1994, p.107) afirmam que um modelo iterativo da análise dos dados na investigação consiste em três passos: “a redução dos dados, a sua apresentação/organização e a interpretação/verificação das conclusões”. Os autores anteriores (1994, p.109) interpretam a redução dos dados como um processo “de seleção, de centração, de simplificação, de abstração e de transformação do material compilado”.

Miles e Huberman (referidos por Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1994, p.118), definem a fase de tratamento de dados como “a estrutura de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões”.

De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994, p. 122), a interpretação das conclusões “consiste na atribuição de significado aos dados reduzidos e organizados através da formulação de relações ou de configurações expressas em proposições ou modelos”. Está relacionado com o objetivo de “extrair significados a partir de uma apresentação-síntese dos dados – pondo em evidência ocorrências regulares, esquemas, explicações (...)”.

Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994, p.123) concluem declarando “esta componente da análise integra, portanto, uma dimensão de verificação”.

Afonso (2005, p 88) refere-se à análise documental como uma “pesquisa arquivística ou documental”. O mesmo autor (2005, p.88) reforça que “a pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. Deste modo, “o investigador não precisa de recolher a informação original. Limita-se a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas”.

Sintetizando, para que seja possível a concretização de uma investigação é necessário um ambiente natural, onde o investigador possa recolher dados e estes devem ser explicados e fundamentados através de documentos elaborados anteriormente.

Este trabalho foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association).

6. Pertinência do estágio

O estágio é essencial para complementar a formação profissional, uma vez que ao efetuarmos com as crianças atividades lecionadas, prepararmos aulas, trocarmos ideias e conhecimentos, e isto faz-nos crescer enquanto futuros docentes.

Para Serrazina (2002, p.11), “o principal objectivo da formação deve ser o de os futuros professores se prepararem e se envolverem no seu princípio desenvolvimento profissional, de modo que o prossigam ao longo da sua carreira.”

A prática pedagógica é composta por momentos vivenciados em diversas situações, em diferentes realidades, onde colocamos em prática metodologias e conhecimentos, e onde procuramos novos métodos para alargar os nossos saberes.

É através do estágio que se desenvolvem capacidades essenciais para a vida profissional.

Considero o estágio profissional um dos momentos mais importantes, pois é através deste que é possível por em prática alguns métodos de ensino, e verificarmos se são os mais corretos, ou então como podemos melhorá-los. Ao colocarmos em prática a teoria que nos é ensinada apercebemo-nos que temos de adequar a teoria à realidade educativa em que estamos incluídos, uma vez que os alunos estão inseridos em diversas realidades, e têm diferentes necessidades.

A prática pedagógica foi muito importante para me consciencializar da melhor forma de estar, que deveria adotar de acordo com as várias idades dos alunos.

Para o meu crescimento foi fundamental o apoio e as opiniões das docentes pelas quais passei durante a minha vida académica. Sempre se mostraram disponíveis para esclarecer as minhas dúvidas ou para me aconselharem, de modo a que melhorasse o meu desempenho ao longo desta caminhada.

7. Cronograma

A prática pedagógica teve início no dia 27 de setembro de 2011 e terminou a 22 de junho de 2012. Durante este período, estagiei nos três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar. Cada momento de estágio está dividido por secções, e o

cronograma de estágio (Quadro 1) que se segue, representa a duração de tempo que estive em cada secção.

Quadro 1 – Distribuição dos momentos de estágio

Turmas	Primeiro dia	Último dia
1.^a Secção – Grupo dos 3 anos	27 de setembro de 2011	4 de novembro de 2011
2.^a Secção – Grupo dos 4 anos	7 de novembro de 2011	16 de dezembro de 2011
3.^a Secção – Grupo dos 5 anos	2 de janeiro de 2012	10 de fevereiro de 2012
3.^a Secção – Grupo dos 4 anos	5 de março de 2012	27 de abril de 2012
4.^a Secção – Grupo dos 5 anos	30 de abril de 2012	22 de junho de 2012

CAPÍTULO 1

Relatos Diários

1.1 1.ª Secção – Grupo dos 3 anos

1.1.1 Caraterização da turma

A 1.ª Secção representa o momento de estágio realizado no grupo dos 3 anos, sendo responsável por esta turma a educadora Ana.

De acordo com o Projeto Curricular de Grupo, este grupo é constituído por 29 crianças, das quais 13 são do género masculino e 16 são do sexo feminino. A maior parte destas crianças revela um desenvolvimento e uma maturidade considerada normal. Existem algumas crianças com dificuldades ao nível da linguagem, sendo que uma delas tem acompanhamento de terapia. A maioria das crianças revela pouca autonomia e grande dependência de um adulto nas idas à casa de banho, na hora da refeição, em vestir e despir, entre outras.

Não foi detetado qualquer criança com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.).

1.1.2 Caraterização do espaço

Para se entrar na sala dos 3 anos é necessário passar por outra sala também direccionada para acolher crianças com a mesma idade.

Esta sala é bastante grande, colorida e acolhedora. As paredes desta estão pintadas com cores muito atraentes e agradáveis à vista. A sala tem diversos placares onde a educadora coloca os trabalhos realizados pelos alunos. Forneiro (citado por Zabalza, 2001, p.239) afirma que “a sala de aula pode estar decorada de tal modo que eduque a sensibilidade estética infantil (...) a decoração transforma-se, assim, em conteúdo de aprendizagem: a harmonia de cores, a apresentação estética dos trabalhos, etc.”

A sala divide-se essencialmente em duas áreas distintas. Uma destas áreas tem 6 mesas hexagonais, e respetivas cadeiras. Ainda nesta área existem algumas arrumações para os materiais que são utilizados nas aulas. Na outra área há uma porta para os alunos irem à casa de banho e, há ainda um tapete onde os alunos normalmente ouvem histórias e fazem atividades em grupo. Zabalza (1998, p.134) refere que “uma distribuição da sala por zonas ou por núcleos de interesses é muito sugestiva para as crianças, permite um espectro de ações muito mais diferenciadas e reflete um modelo educativo mais centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança”.

1.1.3 Horário da turma

Quadro 2 – Horário do grupo de 3 anos

Grupo 3 Anos A	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/ 10h00	Act. Desenvol. Verbal	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura
10h00/ 10h30	Recreio	Desenho	Recreio	Informática/Biblioteca	Iniciação à Matemática
10h30 / 11h00	Grafismos	Recreio	Educação Física	Informática/Biblioteca	Recreio
11h00 / 11h30	Estimulação à Leitura	Trabalho de Grupo	Educação Musical	Recreio	Educação Física
11h30 / 12h00	Desenho	Cantinhos	Grafismos	Iniciação à Matemática	Recorte e Colagem
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Sesta				
15h00 /15h30	Iniciação à Matemática	Picotagem	Picotagem	Pintura	Modelagem /barro
15h30/ 16.00	Recorte e Colagem	Pintura	Desenho	Desenho	Cantinhos
16h00/ 16h30	Cantinhos	Jogos	Cantinhos	Jogos	Jogos
16h30/	Lanche				
17h00	Saída				

Educadora: Ana

(Horário sujeito a alterações)

1.1.4 Rotinas

Segundo Zabalza (1998, p.52), “as rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido”.

Conforme afirma Formosinho (1996, p.60), “a rotina diária cria uma estrutura para os acontecimentos do dia, cria uma estrutura para a agenda educacional diária; em resumo, cria uma estrutura para o tempo”.

O período de acolhimento acontece todos os dias pela manhã, em que as crianças são recebidas no salão, onde, juntamente com as estagiárias e os docentes de cada

turma formam uma roda com o objetivo de cantarem diversas músicas infantis durante 15 a 20 minutos.

A roda tem uma disposição específica. No centro desta ficam as crianças com 3 anos, depois as crianças com 4 anos e, em seguida, as crianças com 5 anos. As crianças do 1.º ano encontram-se atrás das crianças com 5 anos, posteriormente encontram-se as crianças do 2.º ano e assim sucessivamente até às crianças do 4.º ano.

Ao terminar a roda, as crianças com 3 anos dirigem-se para a respetiva sala para ouvirem todos os dias uma história.

Ao meio da manhã e da tarde as crianças realizam um lanche, e este pode ser pão com manteiga ou bolachas. Quando terminam o lanche vão para o recreio brincar, quando não está muito frio, ou então permanecem na sala de aula a brincar.

Depois do almoço, todos os dias, as crianças dormem a sesta.

As idas à casa de banho acontecem logo de manhã depois das crianças ouvirem a história, antes do almoço, depois do almoço e quando acordam da sesta.

Segundo Cordeiro (2009), no jardim-de-infância deve haver uma sequência lógica de atividades e o programa só ficará completo se não falharem as diversas fases, o que justifica a necessidade de rotinas no quotidiano das crianças.

1.1.5 Relatos Diários

26 de setembro de 2011

No primeiro dia de estágio houve uma reunião no museu da Escola Superior de Educação João de Deus, com o objetivo de se conversar sobre a Unidade Curricular de Prática Pedagógica.

Nesta reunião abordámos temas como o local e o grupo de estágio e esclareceram-se dúvidas que algumas estagiárias colocaram.

O local onde realizei o meu estágio foi num Jardim-Escola de Lisboa, que se iniciou na sala do grupo dos 3 anos. De seguida, fui para o grupo dos 4 anos e posteriormente, passei pelo grupo dos 5 anos, como já referi anteriormente.

Inferências e Fundamentação teórica

A realização destas reuniões é muito importante para que se possam esclarecer dúvidas, dar sugestões ou mesmo fazer críticas construtivas, para que se possa sempre melhorar. E é através destas agregações, onde se trocam experiências entre estagiárias mas também onde são partilhados relatos por parte dos professores que

nós, enquanto futuros docentes, ouvimos estratégias enriquecedoras para nossa formação, ou sugestões do que não se deve fazer. Durão (2010, p.26) refere:

A prática pedagógica acompanhada, orientada e refletida permite ao futuro educador/professor desenvolver competências e atitudes necessárias a um desempenho consciente, responsável e eficaz, constituindo-se, igualmente, uma das componentes vitais do seu processo de formação e de desenvolvimento e de aprendizagem do seu próprio sujeito.

É nestas reuniões que os professores nos orientam no nosso caminho enquanto futuros docentes, dizendo o que fizemos menos bem, e dando-nos sugestões para melhorarmos os nossos métodos de ensino que aplicamos quando realizamos a Prática Pedagógica. Alarcão e Tavares (citados por Durão, 2010) afirmam que:

reforçámos a nossa convicção de que a formação inicial é apenas uma etapa na formação que hoje se designa por formação ao longo da vida, estabelecendo assim uma continuidade entre o que se apelidava de formação inicial e de formação contínua (p.25).

Contudo, a nossa formação vai muito para além dos estágios profissionais, uma vez que esta se vai consolidando e desenvolvendo quando exercermos a nossa profissão. É com o passar do tempo, e com a experiência profissional que vamos aprender a encarar situações que não nos são proporcionadas durante os estágios.

27 de setembro de 2011

Quando chegámos ao Jardim-Escola, a diretora, estava à espera de todas as estagiárias dos mestrados, para dar algumas informações e para mostrar as instalações. Conduziu-nos também para as salas em que íamos realizar o estágio.

Entrámos na sala do grupo dos 3 anos e a educadora Ana estava a ler a história: “Urso Amarelo”. Quando terminou de ler, perguntou os nossos nomes, e apresentou-nos às crianças. De seguida, a educadora orientou uma aula de materiais, com os blocos lógicos.

Posteriormente, as crianças jogaram ao “Jogo das cadeiras”, e mais tarde foram para o recreio brincar livremente.

Ao regressarem para a sala dirigiram-se para as mesas, onde iriam concretizar uma proposta de trabalho, em que tinham de pintar os membros de um robot, que era desenhado com as figuras dos blocos lógicos. Após terminarem a proposta de trabalho, dirigiram-se para o salão onde almoçaram.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora Ana leu a história do “Urso Amarelo” de uma forma expressiva e motivante, fazendo inflexões de voz e diferentes tons de vozes para as personagens da história. As crianças estavam muito concentradas no que a educadora estava a dizer.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) afirmam que:

A consciência linguística, com a maior incidência na consciência fonológica, tem sido associada ao sucesso na aprendizagem da leitura, tornando-se, assim, relevantes práticas pedagógicas que favorecem a evolução, no nível pré-escolar, destas competências. (p.66)

A educadora pediu a colaboração das crianças para reproduzirem alguns sons ou mesmo para fazerem alguns gestos, o que também contribuiu para que as crianças tivessem fascinadas e entusiasmadas.

30 de setembro de 2011

As crianças de 3 anos, após terem participado na roda, ouviram uma história. Quando a leitura da mesma terminou, as crianças foram à casa de banho.

A professora Ana disse às suas crianças para se dirigirem às mesas onde estavam peças de blocos lógicos. Estas peças variam em forma, cor, tamanho e espessura. Inicialmente a educadora abordou a cor, em que pediu a cada uma das crianças que retirasse apenas uma peça amarela. Depois fez também referência à forma das peças, falando em particular do círculo. Mais tarde realizaram uma proposta de trabalho em que as crianças rasgaram papel amarelo e colaram-no.

Às 11 horas, a Ana levou as crianças até ao ginásio, para estes terem aula de Educação Física.

Inferências e Fundamentação Teórica

Alcina (citado por Caldeira 2009, p.365) afirma que “os Blocos são um “material lógico” estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura”.

Este material deve ser apresentado às crianças calmamente, abordando, uma das quatro qualidades de cada vez. Segundo Caldeira (2009, p.367), “é importante convencionar-se com as crianças um código que lhes permita identificar separadamente cada atributo das peças. Esse código fará com que as crianças pensem nos atributos dos blocos, mesmo sem os terem à mão”.

Inicialmente deve-se falar sobre o atributo da cor, pois é considerada a característica mais fácil para as crianças reconhecerem. A educadora Ana questionava as crianças sobre este atributo, mais especificamente sobre a cor amarela, pois esta cor já tinha sido abordada quando a educadora deu uma aula com o 1.º Dom de Froebel.

3 de outubro de 2011

As educadoras começaram o dia conversando sobre o fim de semana, perguntando a todas as crianças o que tinham feito durante o sábado e o domingo.

Após terminar a conversa, a educadora Ana distribuiu uma proposta de trabalho de composição orientada por materiais diversos, que consistia em amachucar um pedaço de papel, e colá-lo. Em cima do papel amachucado as crianças colaram duas folhas, feitas em papel. Quando terminaram a proposta de trabalho, as crianças sentaram-se no tapete e a educadora direcionou uma aula com o 1.º Dom, onde mostrou somente a bola amarela.

Antes das crianças se dirigirem para o salão, onde almoçam, a educadora Ana leu a história: “Pedro no Parque”.

Inferências e Fundamentação Teórica

Formosinho *et al.* (1996, p.13) referem que “as capacidades crescentes das crianças para comunicar, discutir, negociar, dar a vez, cooperar (...), desempenham um papel na interação social”. As educadoras, ao conversarem e ao promoverem diálogos com as crianças, contribuem para que elas desenvolvam o seu vocabulário, respeitem os colegas, aprendam a ouvir a opinião dos outros, entre outras coisas.

Os autores anteriores (1996, p. 29) afirmam ainda que “algumas crianças da pré-escola, por exemplo, podem não ser capazes de exprimir o que necessitam ou querem”.

Zabalza (1998, p.198) defende que “aprendendo a verbalizar os sentimentos e a escutar o outro, a criança está desenvolvendo capacidades para enfrentar situações de conflito, reconhecendo pontos de vista diferentes do seu, respeitando-os e aceitando-os”.

E através dos diálogos estabelecidos com as crianças, que estas vão ganhando mais à vontade para se exprimirem, ou vão ouvindo os colegas e vão percebendo que podem dar a sua opinião, pois esta vai ser respeitada.

4 de outubro de 2011

A educadora Ana iniciou o dia com a leitura de uma história: “O rato do campo e o rato da cidade.” De seguida, as crianças dirigiram-se para as mesas, onde foi distribuída uma proposta de trabalho em que o objetivo era desenhar o sol. Após terminarem a realização da atividade, as crianças foram para o recreio brincar livremente.

Ao regressarem para a sala, a educadora leu outra história, cujo título era: “Rato Renato diz mentiras.”

Posteriormente, as crianças foram para as mesas onde recortaram papel com tesoura. À medida que terminavam de recortar, dirigiam-se para o tapete onde brincaram com legos.

Antes do almoço, a educadora Ana colocou o filme do Noddy para as crianças verem enquanto esperavam para irem almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Esta foi a primeira vez que as crianças utilizaram a tesoura. Antes de distribuir as tesouras, a educadora explicou as regras e os cuidados a ter para se mexer naquele material. Segundo Cordeiro (2008):

A utilização da tesoura adverte para o cuidado a ter com alguns objectos, e o sentido da utilização dos recortes faz com que deixem de rasgar só por rasgar, distinguindo o que é útil do que é mero desperdício. A evolução da rasgagem para o recorte mostra uma subida no patamar das competências finais (p.373)

A maioria das crianças utilizou a tesoura sem dificuldades o que mostra que é muito provável que as crianças já tenham trabalhado com este material anteriormente. A turma começou por recortar apenas um pedaço de papel, sem que as crianças tivessem limitações na forma como estas o deveriam fazer.

7 de outubro de 2011

A manhã foi iniciada com uma dramatização realizada pelo meu grupo de estágio, e pelo grupo de estágio que estava no outro grupo dos 3 anos. O título desta dramatização era “A Carochinha”.

De seguida, as crianças foram concretizar uma proposta de trabalho, em que tinham de pintar o vaso que tinha mais flores. Assim que terminaram a proposta de trabalho foram para o recreio fazer um jogo com a educadora Ana. O nome do jogo é o “lencinho”, em que as crianças estavam todas em roda, e a criança X, tem um lenço

na mão e vai colocá-lo atrás da criança Y, e este tem de ir a correr atrás da criança X para o apanhar. A criança que está a fugir tem de chegar novamente ao lugar onde estava o colega Y, sem ser apanhado. Ao terminarem o jogo, as crianças foram comer as bolachas e brincaram livremente no recreio.

Posteriormente foram para a sala, pois iam para a aula de Educação Física. As crianças fizeram um comboio para que cada um desabotoasse os botões do bibe do colega que se encontrava na sua frente, e foram para o ginásio.

Depois da aula de ginástica, as crianças fizeram uma proposta de trabalho em que tinham de picotar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Cordeiro (2008) afirma que o recreio é muito importante. Defende ainda que:

o recreio representa uma oportunidade diária das crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377)

Através do jogo realizado pela educadora, as crianças correram respeitando as regras do jogo, fortaleceram o seu desenvolvimento motor ao se levantarem e sentarem. Ao brincarem livremente pelo recreio também desenvolvem inúmeras competências, visto que podem brincar em grupo ou individualmente. Para além de estarem a desenvolver as suas capacidades motoras também estão a trabalhar a interação social.

10 de outubro de 2011

As educadoras do grupo dos 3 anos iniciaram a manhã de segunda-feira conversando com as crianças sobre o que estas tinham feito durante o fim de semana.

Após todas as crianças dizerem como decorreu o fim de semana, foram à casa de banho, e as crianças da educadora Paula foram para as mesas realizar um ditado gráfico.

Quando as crianças terminaram a proposta de trabalho, a educadora leu a história da “Ursa Luka”.

Mais tarde, as crianças sentaram-se no tapete e assistiram a uma aula do 1.º Dom que a educadora lecionou.

Inferências e Fundamentação Teórica

O 1.º Dom de Froebel é um material estruturado que tem diversos interesses pedagógicos. De acordo com Caldeira (2009, p.243), os interesses pedagógicos deste material são: “aprendizagens das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal; enriquecimento do vocabulário; jogos de memória; seriação; conjunto; contagem”.

Através destes interesses pedagógicos é possível realizar diversas atividades, com o objetivo de desenvolver conhecimentos e capacidades perante a idade das crianças. Este material é fundamentalmente destinado a crianças com 2/3 anos de idade.

11 de outubro de 2011

Durante toda a manhã, foi a minha colega de estágio que deu uma aula programada, cujo tema era a visão e o tato. Esta aula foi iniciada com uma conversa com as crianças sobre os sentidos, e, em seguida, leu o livro: “Não quero usar óculos!”.

Posteriormente, a minha colega mostrou uma caixa às crianças, e explicou que dentro desta, estavam alguns objetos que eles através do tato, tinham de descobrir o que eram.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com a Enciclopédia de Educação Infantil (1997, p 55), “o sentido do tacto permite conhecer as características “visíveis” dos objetos”. E através do exercício que a minha colega organizou para as crianças, estas puderam perceber que através das características dos objetos e sem utilizarem o sentido da visão, também é possível descobrirem qual o objeto que têm nas mãos.

Ainda na obra referida acima, está escrito que “no âmbito deste sentido, deve tratar-se da percepção da consciência, da textura, da temperatura, do reconhecimento das formas, proporções do objecto no espaço e do seu peso”. Há crianças que ao mexerem, ao tocarem nos objetos vão se aperceber que alguns têm características iguais ou semelhante, mas têm outras particularidades que possibilitam a distinção dos materiais.

14 de outubro de 2011

Após o acolhimento das crianças, foi a vez da outra colega de estágio dar uma aula durante toda a manhã. O tema da sua aula era os sentidos, mais especificamente, o paladar e o olfato.

Começou por estabelecer um diálogo com as crianças sobre o tema e também leu um livro sobre o paladar. Depois tinha uns alimentos dentro de copos, para que as crianças tentassem adivinhar quais eram através do sentido do paladar.

Em seguida, as crianças foram para as mesas, onde a educadora Ana continuou a falar sobre o mesmo sentido. Posteriormente comeram o pão e foram para a aula de Educação Física.

Ao regressarem do ginásio, as crianças foram realizar uma proposta de trabalho, que tinha um pinto desenhado, e estas tinham de fazer a dobragem do bico para o colar na imagem.

Inferências e Fundamentação Teórica

A aula da minha colega não correu muito bem, o que levou à intervenção da educadora Ana. Esta foi a primeira aula que a minha colega lecionou, uma vez que ela só entrou para a ESE João de Deus, para tirar o mestrado e, nunca teve a possibilidade de dar uma aula durante a sua licenciatura. A falta de experiência prejudicou-a no decorrer da sua aula. Contudo, apesar desta aula ter corrido menos bem, pode-se tirar sempre aspetos positivos, pois é através da formação contínua, do que corre bem e menos bem, que nós, enquanto futuros docentes vamos melhorando as nossas metodologias em sala de aula, ao fazermos uma reflexão do que aconteceu e ao ouvirmos as críticas construtivas que as professoras nos vão fazendo. Tal como afirmam Fernandes, Dias, Neves e Almeida (2001, p.53), a formação continua deve ser entendida como “uma construção através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente”. Só ao praticarmos é que vamos conseguir melhorar o nosso desempenho, pois vamo-nos apercebendo do que é que fizemos menos bem e o que correu melhor.

17 de outubro de 2011

No dia 17 de outubro, foi a minha vez de dar aula durante toda a manhã, e o tema da aula era a continuação das aulas das minhas colegas, ou seja, sobre os sentidos, em que tinha de me focar mais no sentido da audição.

A manhã foi iniciada com uma conversa entre as educadoras e as crianças sobre o que estes tinham feito durante o fim de semana.

Após a ida das crianças à casa de banho, iniciei a aula com o livro “Os 5 sentidos”, em que através das imagens as crianças tinham de dizer o que viam, e eu ia-lhes colocando diversas questões dirigidas para que fossem elas a contar a história através das ilustrações. Em seguida, coloquei um CD, com vários sons; por exemplo, sons de animais ou sons que conseguimos produzir com o nosso corpo, entre outros, para cada criança tentar adivinhar que som é que ouviu.

Quando regressaram do recreio, as crianças dirigiram-se para as mesas onde mostrei três instrumentos musicais, que eram: a pandeireta, os ferrinhos e as maracas. Explorei o som de cada instrumento e depois escolhi um instrumento, e as crianças tinham de contar o número de vezes que eu toquei o instrumento musical. Perguntava também qual o instrumento que tinha tocado mais, e qual o que tinha tocado menos vezes.

No final, as crianças foram para o tapete para a realização de um jogo. Este jogo consistia em que as crianças conhecessem os colegas só através da voz. A criança que estava a descobrir quem era o colega tinha os olhos tapados.

Inferências e Fundamentação Teórica

Conforme referem Hohmann e Weikart (1997, p.662), “as crianças estão rodeadas de sons – o som da chuva (...) as crianças em idade pré-escolar apreciam ouvir e identificar os sons que ouvem”. As crianças gostaram imenso de realizar esta atividade, e enquanto os sons estavam a ser reproduzidos, as crianças estavam todas em silêncio, ansiosos para que conseguissem identificar o som, e sempre que o colega que tinha que identificar o som, não conseguia, os restantes elementos da turma colocavam o dedo no ar, para puderem dar a sua resposta, de modo a identificarem o som. A maioria das crianças queria estar sempre a participar, e estavam muito contentes e entusiasmadas com a atividade.

18 de outubro de 2011

Depois do acolhimento das crianças no salão, os alunos de 3 anos foram para a sala deles, onde a educadora leu uma história cujo título era “A casa do Mikey Mouse. Perto e longe.”

Logo de seguida, as crianças assistiram a uma aula de fronteiras, em que a educadora deu a noção de conjunto, ensinou também a noção de conjunto vazio, de conjunto singular e de conjunto universal. Depois de assistirem à aula de conjuntos no tapete, foram para as mesas onde utilizaram os blocos lógicos, para que cada criança fizesse o seu conjunto de acordo com a orientação da educadora.

As crianças depois de comerem a bolacha, realizaram uma tarefa em que tiveram de picotar um círculo que a educadora Ana tinha desenhado em folhas amarelas. Antes de distribuir o material necessário para a realização desta tarefa, a educadora relembrou as regras deste material. Quando terminaram foram para o recreio brincar.

Após o regresso do recreio, a educadora fez uma revisão dos sentidos e depois as crianças foram almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças já tinham trabalhado com o material de picotagem. Contudo, para evitar que acontecesse algum acidente com as crianças, a educadora lembrou que o pico servia apenas para fazer picotagem no papel que ela distribuía, e que não queria ver nenhuma criança a apontar, ou a magoar um colega com este material.

A utilização do pico é um dos materiais que contribui para o desenvolvimento da motricidade fina. Portugal e Laevers (2010, p.52) mencionam que “a manipulação de pequenos instrumentos e objetos, requerendo uma coordenação meticulosa ao nível da mão e dos dedos, podendo envolver a coordenação olho-mão”.

A tarefa realizada permitiu que as crianças desenvolvessem a motricidade fina, mas também lhes incutiu um sentido de responsabilidade, pois tiveram que arrumar o material utilizado.

21 de outubro de 2011

Tal como as educadoras dos dois grupos de 3 anos propuseram, nesta sexta-feira realizámos mais uma dramatização, e a peça escolhida foi “Caracolinhos de ouro e os três ursos”. Após terminarmos a dramatização, as crianças foram à casa de banho e dirigiram-se para a sua sala. A educadora Ana deu uma aula com o 3.º Dom, em que ensinou as construções do muro baixo e do muro alto, e contou uma história com o auxílio das construções de modo a que as crianças fizessem alguns cálculos.

Em seguida, as crianças ouviram a leitura do livro “Rato Renato não quer ir à escola”, feita por uma das minhas colegas. A leitura desta história foi uma proposta surpresa feita pela educadora.

Ao terminarem de comer a bolacha, as crianças fizeram uma pintura livre com guaches de três cores. As minhas colegas de estágio e eu auxiliámos a educadora na prática desta atividade, em que cada uma de nós chamava uma criança para vir elaborar a sua pintura.

Em seguida, as crianças foram para a aula de Educação Física. Quando esta chegou ao fim, as crianças dirigiram-se para o recreio e, em seguida, foram almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças, ao ouvirem contar histórias ou ao assistirem a dramatizações, vão desenvolver valores, como, por exemplo, ouvirem com atenção a peça que está a ser dramatizada, ou vão ter contacto com um mundo diferente do seu quotidiano, onde convivem com personagens do mundo da fantasia.

Traça (1998) defende que o educador, ao contar uma história, deve:

Utilizar palavras que evoquem cores, sonos, perfumes, cheiros, substituir, sempre que possível, uma palavra abstracta pela sua concretização material, servir-se dum vocabulário simples e rico, evitar palavras “difíceis”, conduzir o ouvinte na progressão da narrativa” (p.138).

As crianças ao ouvirem histórias ou ao assistirem a dramatizações, vão aumentar o seu vocabulário, vão aprender a utilizar os tempos verbais corretos nas frases, além de melhorarem outras competências linguísticas.

24 de outubro de 2011

Como era habitual todas as segundas-feiras, as educadoras conversavam e questionavam as crianças acerca do fim de semana. Em seguida, a educadora Ana pediu a uma das minhas colegas de estágio, para ler a história do “Elmer e o ursinho de peluche”. Quando concluiu a leitura, as crianças foram para as mesas onde realizaram uma proposta de trabalho, em que tinham de completar os grafismos com o lápis de carvão e posteriormente tinham de pintá-los com dedadas de tinta.

De seguida, as crianças foram para a rua, onde cantaram e brincaram livremente. Ao regressarem do recreio, a Educadora Ana dinamizou uma aula de matemática, utilizando o *Cuisener*. Depois as crianças foram à casa de banho, viram um filme e dirigiram-se para o salão, onde almoçaram.

Inferências e Fundamentação Teórica

É essencial que as crianças realizem trabalhos em que desenvolvam a motricidade fina, pois são fundamentais para a futura aprendizagem da escrita.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (1997, p.69), evidencia-se “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito”.

Quantas mais oportunidades as crianças tiverem para manejar o lápis, mais facilmente vão adquirir a capacidade de aprender o domínio da escrita.

25 de outubro de 2011

Nesta manhã uma colega minha e eu dinamizámos uma aula em conjunto.

Ela iniciou a aula fazendo uma revisão dos sentidos. Em seguida, leu o livro do “João Porcalhão”. Depois de ler o livro e de falar sobre o mesmo com as crianças, distribuiu uma proposta de trabalho em que tinham de pintar uma imagem que representava os micróbios, e cada criança colava o seu micróbio pela sala.

Quando regressaram do recreio, as crianças sentaram-se no tapete, e eu li o livro da “Camila não quer tomar banho”, e falei sobre os principais hábitos de higiene que deviam ter, mostrando alguns objetos que utilizamos para fazer a higiene. Quando mostrei todos os objetos que levei para a aula, disse às crianças para irem para as mesas, onde concretizaram uma proposta de trabalho de picotagem.

Inferências e Fundamentação Teórica

Enquanto eu ia mostrando os objetos que tinha dentro de um cesto, as crianças estavam muito entusiasmadas e curiosas para ver o que eu tinha levado para a aula.

Portugal e Laevers (2010) mencionam que as crianças gostam de observar plantas, animais ou mesmo objetos. Mostram conhecimentos sobre os objetos e seres vivos observados, e contribuem com ideias adequadas à compreensão do mundo natural e tecnológico.

É fundamental que a escola proporcione às crianças aulas práticas de modo a terem contacto com diversos objetos ou animais, de modo a aprofundarem os seus conhecimentos.

28 de outubro de 2011

Nesta sexta-feira, a história que escolhemos para a dramatização foi "A Galinha Ruiva", em que utilizámos fantoches para a concretização da mesma.

Ao terminar a dramatização, as crianças da educadora Ana foram para as mesas realizar uma proposta de trabalho, devendo colar bolinhas de papéis no desenho.

De seguida, a educadora leu a história do "Elmer e o Arco-Irís", e depois as crianças fizeram um harmónio com duas fitas de papel que a educadora distribuiu por cada criança. Depois tiveram aula de Educação Física, e foram almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

A elaboração do harmónio é uma atividade que requer atenção e concentração, pois é uma tarefa um pouco complicada de realizar logo no início do ano letivo, para crianças com apenas 3 anos de idade.

Segundo Portugal e Laevers (2010, p.53), "a criança sente-se atraída por tarefas que requerem destreza, precisão e complexidade de movimentos".

Ao realizarem esta tarefa, as crianças estavam a desenvolver a motricidade fina e, no final, quando já tinham o seu harmónio, ficaram muito contentes com o resultado do seu trabalho.

31 de outubro de 2011

Durante este dia todas as crianças com 3 anos se juntaram na mesma sala, uma vez que a educadora Ana não foi trabalhar.

A educadora do outro grupo conversou com as crianças e explicou que neste dia, iam todos para a sala dela, e que seria a estagiária Inês a orientar os trabalhos.

A minha colega dinamizou uma aula sobre a família e começou com a leitura do livro "A Camila celebra o Natal" e aproveitou a história para falar em alguns elementos da família.

Entretanto, a professora de Educação Física encaminhou algumas crianças para a Informática, enquanto as crianças da educadora Ana ficaram na sala a brincar com peças de legos. Passado algum tempo, a professora de Educação Física trouxe as crianças que tinha levado anteriormente, e conduziu as crianças que estavam a brincar, para que estas também tivessem Informática.

Quando as crianças regressaram da Informática, a Inês continuou a aula sobre a família, fazendo uma árvore genealógica com os alunos, sobre a história que tinha sido lida anteriormente.

Mais tarde, a educadora leu uma história cujo título era “ A Clara aprende a nadar”, e, em seguida, foram almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Muitas crianças já estão familiarizadas com o computador, pois, em casa entretêm-se no computador a jogar. A escola deve aproveitar este contacto que as crianças já têm, para aliar a capacidade e o gosto que elas têm de mexer no computador, para aumentar os conhecimentos delas, utilizando o computador como meio de aprendizagens.

Silveira-Botelho (2009, p. 377) lembra que “a criança nasce rodeada das novas tecnologias, elas fazem parte do seu dia-a-dia, por isso cabe ao professor esse conhecimento para que possa intervir junto delas e saber acompanhá-las nesse percurso”.

As crianças gostam muito da aula de Informática, uma vez que têm contacto com as tecnologias, mais precisamente com imagens animadas.

4 de novembro de 2011

Neste dia, a minha colega fez uma atividade com as crianças, começando por fazer a leitura da história “Anita dona de casa” e, em seguida, fez um bolo com as crianças. O bolo que a minha colega decidiu fazer foi o Salame, e ela pediu a colaboração das crianças para a confeção deste.

Quando terminou de fazer o bolo, foi arrumar os objetos que utilizou durante a aula, e educadora dirigiu-se à cozinha para colocar o preparado no frigorífico. Eu fiquei com as crianças na sala e fiz uma roda com elas onde cantámos algumas músicas, até a educadora chegar. Quando esta chegou, entregou-me um livro e pediu-me que o lesse às crianças. O título do livro era “Marley, o traquinas”.

Em seguida as crianças tiveram aula de Educação Física, e depois foram almoçar.

Após o almoço, as crianças dormiram a sesta. Contudo algumas crianças tiveram dificuldade em adormecer, necessitando da chupeta.

Inferências e Fundamentação Teórica

A sesta é uma das rotinas diárias das crianças. Porém algumas delas têm os seus próprios hábitos e necessitam de um peluche, da fralda ou de outro objeto que os ajudem a adormecer.

Segundo Cordeiro (2008, p.306), “quem acorda cedo precisará mais de fazer a sesta, bem como nos dias em que as atividades foram muitas e, sobretudo, inovadoras”.

A sesta deve ser vista com algo agradável e necessário.

Este foi o meu último dia com o grupo dos 3 anos.

2.ª Secção – Grupo dos 4 anos

1.2.1 Caraterização da turma

O grupo dos 4 anos, é composto por 28 crianças 12 do sexo feminino, das quais 2 têm três anos e 10 têm quatro anos e 16 do sexo masculino, das quais 3 têm três anos e 13 têm quatro anos.

Neste grupo entraram duas meninas que não integravam o grupo no ano anterior.

Grande parte do grupo pertence ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra alguma motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.2 Caracterização do espaço

Sala do grupo dos 4 anos era no salão e este espaço era dividido por um biombo, onde se encontrava do outro lado outro grupo de 4 anos. O espaço de um dos grupos com 4 anos era preenchido com mesas hexagonais e cada mesa tinha cadeiras da mesma cor (mesa amarela, azul, encarnada...). Existia também um espaço onde se guardava os livros e os restantes brinquedos que os alunos traziam de casa. Dentro de um armário ficavam os jogos, puzzles, lápis para pintar e os lápis de carvão. Ainda noutro armário encontravam-se arrumados os dossiês, as tintas, pincéis e outros materiais.

No salão existem três painéis de cortiça onde são colocados os trabalhos realizados pelas crianças da faixa etária dos 4 anos.

1.2.3 Horário da turma

Quadro 3 – Horário do grupo de 4 anos

Grupo dos 4 anos	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/ 10h00	Estimulação à leitura	Iniciação à Matemática	Estimulação à leitura	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10h00/ 10h30		Educação Física	Educação Musical	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10h30 / 11h00	Recreio	Recreio			Recreio
11h00 / 11h30	Informática/ Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura
11h30 / 12h00			Iniciação à Matemática	Educação Física	
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Sesta				
15h00 /15h30	Desenho/ Corte/colagem	Modelagem/ Dobragens	Dramatização/ fantoches	Pintura/ Desenho	Expressão Plástica
15h30/ 16.00	Trabalho de grupo	Estimulação à leitura	Desenho livre	Modelagem/ Dobragens	Assembleia de alunos
16h00/ 16h30	Jogos livres de desenvolvimento da motricidade global				
16h30/	Lanche				
17h00	Saída				

Educadora: Laura

(Horário sujeito a alterações)

1.2.4 Relatos diários

7 de novembro de 2011

Neste dia a educadora Laura começou por dialogar com as crianças, sobre o que estes fizeram durante o fim de semana. Mais tarde, através do *PowerPoint*, as crianças assistiram a uma aula sobre as habitações.

A educadora deu também uma aula com o 4.º Dom, em que as crianças fizeram a construção do banco do jardim.

Antes do almoço, a educadora Iva foi buscar algumas crianças para irem à Informática e a educadora Filipa levou as outras crianças para a biblioteca.

Inferências e Fundamentação Teórica

A manipulação dos paralelepípedos do 4.º Dom de Froebel e a sua aplicação na elaboração de construções, permitiu à educadora relembrar as regras deste material com as crianças, a memorização por parte das crianças das construções e dos passos que se seguem até se obter a construção final, a contagem, raciocínio matemático entre outras capacidades.

Para Caldeira (2009, p. 255) “pretende-se que as crianças realizem construções que permitam actividades com variedade de raciocínios matemáticos”.

Para além das construções com o 4.º Dom, a educadora realizou questões de contagens e de cálculo mental às crianças.

8 de novembro de 2011

A manhã foi iniciada com o acolhimento, como é habitual, e, em seguida, a educadora Laura leu uma história cujo título era: “A bruxa Mimi e o dragão da meia-noite”. Quando a história terminou, a educadora Lúcia levou as crianças até ao ginásio, para terem Educação Física.

Ao regressarem para o salão, a educadora orientou uma aula com o Tangram. Em seguida, a educadora e as crianças foram para o hall de entrada, onde ouviram música e dançaram.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças gostam muito de dançar, e através da dança expressam-se de forma pessoal e ativamente, aprendendo a controlar o seu corpo.

Nas Metas de Aprendizagem da Educação Pré-Escolar, no que se refere ao domínio da dança, na meta 42, “a criança experimenta movimentos locomotores e não locomotores básicos e movimenta-se e expressa-se de forma coordenada”.

Esta atividade permite que as crianças expressem as suas emoções, esquemas de movimentos, desenvolvendo a sua autoestima e autoconfiança.

11 de novembro de 2011

Depois de ser feito o acolhimento, as crianças de 4 anos reuniram-se no salão, para que a educadora Laura e a educadora Andreia explicassem a lenda de S. Martinho através do *PowerPoint*. Em seguida, as crianças foram para as mesas e pintaram uma proposta de trabalho, elaborada pela educadora Laura.

Ao terminarem a proposta de trabalho, a educadora deu uma aula com o 4.º Dom.

Mais tarde, a educadora Laura surpreendeu uma das minhas colegas pedindo-lhe para ler o livro “Papá, por favor apanha-me a lua”, às crianças.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo do meu estágio nunca tinha assistido a uma aula de Conhecimento do Mundo, em que as duas turmas, neste caso o grupo de 4 anos, estivessem juntos. No decorrer da aula observei que as duas educadoras trabalharam em grupo, ao planear a aula sobre a lenda de S. Martinho. Para Trindade (2002, p.39), a cooperação serve “para se amplia as possibilidades de sucesso face a uma determinada tarefa”.

O trabalho em equipa permite uma maior troca de ideias e há um enriquecimento nos conteúdos.

A cooperação deve partir dos educadores, pois estes são os modelos das crianças, e elas, ao verem que o educador colabora com um colega, vão-se aperceber que também o podem e devem fazer.

14 de novembro de 2011

Neste dia as professoras de Prática Pedagógica apareceram no Jardim-Escola para fazerem aulas surpresas, em que foram ter com algumas estagiárias e disseram-lhes que elas iam dar uma aula.

A professora Teresa Botelho dirigiu-se ao salão e foi dizer a uma colega minha que ia dar uma aula. A professora Teresa disse-lhe que ela podia fazer o que quisesse com o livro. O título do livro era “ O Ratinho Torto”, e ao terminar a leitura, a minha colega conversou com as crianças e, em seguida, fez um jogo com elas.

Quando terminou a aula, as crianças foram para a sala de Informática ver um filme.

Mais tarde houve uma reunião com as professoras da Prática Pedagógica para comentar as aulas surpresas que foram lecionadas. Depois de terminada a reunião, as minhas colegas e eu, fomos ajudar as crianças durante a hora do almoço.

Inferências e Fundamentação Teórica

Neste dia tenho que salientar a importância de termos a possibilidade de dar aulas a uma turma, e essas aulas serem supervisionadas pelas professoras da Prática Pedagógica e pela educadora cooperante. De acordo com Alarcão e Tavares (2003, p.16), a Supervisão de professores é um procedimento em que um docente mais experiente orienta outro professor ou futuro professor, no seu desenvolvimento profissional.

Os mesmos autores (2003, p.35) referem ainda que o papel dos supervisores é fundamental para ajudar os estagiários a compreenderem as situações, a saberem agir em diversas situações, através da reflexão que é feita do desempenho dos estagiários.

Apesar de neste dia as aulas terem sido surpresa, em que nenhuma estagiária sabia previamente que iria dar aula, é sempre positivo termos a hipótese de praticarmos, para nos apercebermos de como vai ser a nossa vida profissional quando exercermos, mas sobretudo, para que pessoas com mais experiência, como as professoras supervisoras ou mesmo as educadoras cooperantes, possam ajudar-nos a melhorar o nosso desempenho.

15 de novembro de 2011

A educadora Laura, nesta manhã, surpreendeu a minha colega de estágio, ao pedir-lhe para ler a história “A bruxa Mimi e o tapete voador”, às crianças.

Em seguida, as crianças tiveram Educação Física, no ginásio, e antes de irem almoçar, as crianças assistiram a uma aula onde utilizaram os Blocos Lógicos e fizeram uma revisão das características das peças e de alguns conceitos. Sempre que uma criança respondia corretamente a uma questão, a educadora fazia um reforço positivo a essa criança.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero muito pertinente que o educador reveja os conteúdos durante as aulas, para que as crianças assimilem conhecimentos e que as suas aprendizagens sejam mais eficazes. O reforço positivo que a educador faz às crianças deve estar sempre ligada a esse procedimento, pois é uma maneira de elas se sentirem mais confiantes e, deste modo não têm receio de errar quando realizam atividades de sala de aula, ou noutra ocasião. Balancho e Coelho (1996) mencionam que:

todo o aluno é estimulado pelo êxito e inibido pelo fracasso. Trabalha melhor quando se sente seguro e perde o medo de fazer má figura perante os colegas. Por isso o desejo de êxito e o receio de fracasso constituem motivos para as actividades docentes (p. 20).

Para Feldman (1999, p. 194), “reforço é o processo pelo qual um estímulo aumenta a probabilidade de repetição de um comportamento anterior”. O reforço positivo faz com haja um aumento de confiança e de autoestima por parte da criança, o que é importante na resolução de problemas que possam surgir no quotidiano. O mesmo autor (1999 p. 195) acrescenta que o reforço positivo é um estímulo que, adicionado ao contexto, origina um aumento de uma resposta anterior. Pelos mesmos motivos é necessário que o educador evite o reforço negativo, para que não provoque insegurança e medo de arriscar por parte da criança. Felman (1999, p. 195) acrescenta ainda que “o reforço negativo verifica-se em duas formas importantes da aprendizagem: a da fuga e a da evitação.”. Cabe aos educadores reforçarem e aumentarem a confiança das crianças e, conseqüentemente, a sua autoestima.

18 de novembro de 2011

Neste dia as coordenadoras da Prática Pedagógica apareceram no Jardim-Escola para fazerem aulas surpresas.

Eu dei uma aula surpresa, e como material de apoio tinha um álbum, só com imagens, e um fantoche. Optei por contar a história que estava no livro, mas através do fantoche. Em seguida, conversei com as crianças, tentei fazer perguntas dirigidas, mas elas estavam sempre a responder sem ser na sua vez. Então disse-lhes para fazerem uma roda, onde cantámos músicas e dissemos lengalengas.

Quando a minha aula terminou, a educadora Laura mais as crianças foram para a sala dos 5 anos, onde tiveram uma aula com o tangram, em que a educadora pediu ajuda a algumas crianças para distribuírem o material.

Depois, todas as estagiárias e as professoras da Prática Pedagógicas tiveram uma reunião para falar sobre as aulas que decorreram.

Inferências e Fundamentação Teórica

É importante que a educadora peça a ajuda das crianças para distribuírem ou arrumarem o material, pois assim desenvolvem a autonomia, a independência e a responsabilidade nas crianças, e faz destas pessoas mais autónomas e capazes de integrarem na sala de aula e de participarem nas actividades escolares. Felman (1999,

p. 422) sugere que “as crianças desenvolvem independência e autonomia, se a exploração e a liberdade forem encorajadas, ou experimentam vergonha, dúvida e infelicidade, se forem superprotegidas e restringidas”.

É dever do educador proporcionar às crianças a execução de tarefas que permita tornem-se seres mais responsáveis.

21 de novembro de 2011

A educadora Laura começou por falar com as crianças sobre o que fizeram durante o fim de semana, e, em seguida, a educadora disse-me para elaborar um jogo e realizá-lo com as crianças, enquanto ela lia o livro, “A casa nova”.

Quando a educadora terminou a leitura levei o grupo para o ginásio e fiz diversos jogos. Passado algum tempo a educadora disse-me para mandar as crianças fazerem o comboio, pois as professoras da Prática Pedagógica estavam na escola, e a minha colega ia dar uma aula surpresa.

A professora Isabel Ruivo, uma das professoras da Prática Pedagógica, chegou ao salão e disse minha colega para ler o livro “A Sara, o Tomé e o Boneco de Neve”, fazendo estimulação de leitura. Ela leu o livro, conversou com as crianças, fazendo algumas perguntas sobre o mesmo, e, mais tarde, disse-lhes para fazerem uma roda e sentarem-se no chão, pois iam jogar ao “Carteiro”.

Como é habitual, no fim das aulas surpresas decorrerem, houve uma reunião com todas as professoras e estagiárias, na qual se falou sobre as aulas que tinham acontecido, realçando aspetos positivos e aspetos a melhorar.

Inferências e Fundamentação Teórica

A realização de um jogo é sempre uma atividade pela qual as crianças desejam, pois deste modo podem exprimir-se e desenvolverem-se.

Segundo Sanchis (2007, p.127), “durante todo o percurso pré-escolar, as actividades motoras e físicas contribuem para a construção harmoniosa da criança”. Considero a realização de jogos durante as aulas ou mesmo no recreio, muito benéficos, pois vão contribuir para o desenvolvimento físico das crianças. Reforçando, assim, a utilidade do jogo, Neto (1997, p. 21) cita que “em situações não formais, entende-se por jogo o processo de dar liberdade de a criança exprimir a sua motivação intrínseca e a necessidade de explorar o seu envolvimento físico e social sem constrangimentos (...)”.

Por isso, é fundamental que as educadoras ao planificarem as suas aulas, proporcionem momentos em que os jogos estejam presentes, de modo a favorecer o desenvolvimento das crianças.

22 de novembro de 2011

Uma das minhas colegas deu uma aula durante toda a manhã. Começou por fazer a leitura do livro “Eu sei tudo sobre mamãs.” Posteriormente, iniciou a aula sobre o Conhecimento do Mundo em que mostrou uma árvore genealógica, e em seguida construiu uma, com as crianças, utilizando imagens, em que as crianças tinham de as colar, de maneira a representar corretamente cada elemento de uma família.

Inferências e Fundamentação Teórica

O livro utilizado pela minha colega foi um livro trazido por uma criança, e a educadora sugeriu-lhe, anteriormente, que utilizasse o livro, uma vez que estava relacionado com o tema da sua aula. A minha colega aceitou a sugestão da educadora. A criança que levou o livro para a escola ficou muito contente por o seu livro ter sido utilizado na aula da estagiária. Penso que o facto das crianças levarem livros para a escola, mostra o gosto que têm por livros de histórias, mas também demonstra que gostam que a educadora ou a estagiária, neste caso, leiam o livro aos seus colegas. De acordo com Lopes (2006, p.64), “desenvolver nas crianças a sensibilidade e o gosto pela leitura”.

O mesmo autor (2006, p.66) refere ainda que o gosto pela leitura deve ser estimulado desde muito cedo, tal como lidar com os livros “no sentido de despertar a sua curiosidade pelos seus conteúdos”. Por isso, acho importante mencionar o facto das crianças levarem livros para o Jardim-Escola.

25 de novembro de 2011

A minha colega deu aula durante toda a manhã e começou por ler um livro cujo título era “A Camila vai ao médico”. Em seguida, ela levou as crianças para o ginásio, onde mostrou um *PowerPoint* em que tinha imagens de diversas profissões, como por exemplo, de médico, dentista, mecânico, e muitas outras, e as crianças tinham de descobrir qual a profissão que estava representada através das imagens. À medida que iam descobrindo as profissões, as crianças falavam sobre as mesmas.

Posteriormente, a minha colega conduziu as crianças até ao salão e estas dirigiram-se aos seus lugares, onde realizaram uma proposta de trabalho, em que tinham de fazer a correspondência entre as imagens.

E para finalizar a aula, fez um jogo com as crianças, em que ela dizia uma profissão e lançava a bola para uma delas, e esta tinha de enumerar um utensílio utilizado nessa mesma profissão.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças, ao falarem sobre as profissões que iam descobrindo na aula de Conhecimento do Mundo, estavam a partilhar as suas vivências e os seus conhecimentos do quotidiano. O conhecimento prévio que estas possuem é determinante para a obtenção de novas aprendizagens e de novos conceitos que podem-se integrar, nos conceitos que já possuía anteriormente. Estes conhecimentos prévios adquiridos pelas crianças designam-se de *concepções alternativas*. As *concepções alternativas* são explicações alternativas a versões científicas aceites. Cachapuz et al. (citado por Martins et al 2007, pp.27–28) designam as concepções alternativas de : *“ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites”*. Estes autores mencionam ainda que as mesmas não podem ser: *“encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”*.

As crianças vêm para a escola com explicações sobre o que acontece no seu quotidiano, contudo muitas dessas concepções alternativas não correspondem à realidade. Através dessas concepções o educador tem de encontrar as estratégias indicadas para levar as crianças a reformular e a perceber o que acontece no quotidiano.

28 de novembro de 2011

A educadora Laura propôs que uma das minhas colegas desse a aula surpresa neste dia e pediu para ela fazer a leitura da história: “Os meus amigos”. E assim foi, a Catarina encaminhou as crianças até à sala de informática, onde leu a história que a educadora lhe facultou.

Quando a aula terminou, a educadora levou as crianças para o salão, onde deu uma aula com o material geoplano. Nesta aula, a educadora disse às crianças para fazerem as figuras geométricas, com os elásticos, à medida que ela ia pedindo. Após

a educadora ter verificado as figuras geométricas de todas as crianças, eu comecei a distribuir as bolachas pelo grupo, antes de irem brincar.

Entretanto, a professora Iva foi buscar as crianças para terem informática. Durante a aula de Informática as crianças realizaram vários jogos nos computadores.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças, todos os dias, a meio da manhã, comem um pequeno lanche que pode ser bolachas ou pão, e só mais tarde é que almoçam.

As refeições são muito importantes para a vida. Por isso, devem ser incutidas às crianças, regras e desafios, para que estas apreciem e comam alimentos saudáveis. Lambert-Lagacé (1977, p.15) afirma que :

Sem uma variedade de alimentos, o equilíbrio alimentar será dificilmente atingido. Os elementos nutritivos estão dispersos por uma enorme variedade de alimentos; ao eliminarmos ou não aproveitarmos devidamente os vários alimentos, reduzimos as probabilidades de obter todos os elementos nutritivos importantes.

Deste modo é fundamental que a escola proporcione às crianças uma alimentação rica, variada e saudável.

29 de novembro de 2011

Neste dia foi a minha vez de dar aula durante toda a manhã, e o tema sobre o qual tinha de falar era as divisões da casa.

Comecei por ler a história “Caracolinhas de Ouro”, na qual falei sobre as divisões da casa que apareciam na história. Em seguida, direcionei as crianças para o ginásio, onde tiveram Educação Física com a professora Iva. Quando esta aula terminou, levei o grupo para o salão e dei a minha primeira aula com material estruturado de matemática, e o material que eu escolhi foi o 3.º Dom de Froebel. Enquanto eu contava uma pequena história, as crianças iam fazendo as construções à medida que estas iam surgindo na história. Quando todas as crianças concretizavam as construções corretamente, eu fazia algumas perguntas dirigidas de cálculo mental.

Quando acabei de lecionar esta aula, levei as crianças para o ginásio para fazermos, todos juntos a correspondência entre as divisões da casa, e alguns objetos que fazem parte destas, em que as crianças tinham de colar as imagens dos objetos na divisão correta da casa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na Educação Pré-Escolar é muito importante o uso de materiais manipulativos. Estes materiais são utensílios benéficos para introduzir a matemática, e para o desenvolvimento de competências deste domínio. Para Caldeira (2009), “o material manipulativo, através de diferentes atividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem” (p. 15).

A manipulação destes materiais ajuda a que as crianças façam contagens mais facilmente, e atinjam as competências e os objetivos pretendidos. Assim, tal como afirma Caldeira (2009), “o princípio básico referente ao uso de materiais, consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos” (p. 15). Acrescenta ainda que “os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas.” (p. 15). A utilização dos Dons de Froebel nas aulas vai de encontro com estes princípios.

O facto de ter contado uma história como meio de ligação entre o material e os conteúdos que pretendia lecionar foi positivo, pois desta forma as crianças estavam mais atentas e fascinadas, levando-as a responderem às questões matemáticas e a adquirirem conceitos de forma inconsciente. Para Caldeira (2009):

as construções podem ser exploradas através de uma história (...) tornando-se apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p. 255)

Os Dons de Froebel são um ótimo material para desenvolver diversas competências e destrezas nas crianças, como por exemplo, o equilíbrio, a orientação espacial, a motricidade fina, a coordenação óculo-manual, a noção de quantidade, a concentração, entre outros. Por ajudar a desenvolver as crianças, considero a utilização deste material uma mais-valia.

2 de dezembro de 2012

Neste dia, a educadora Laura não deu aulas e foi a educadora Andreia, da outra turma dos 4 anos, que deu aulas a todas as crianças com 4 anos. Começou por ler o livro “O leão e o rato” e, em seguida, as crianças fizeram um desenho sobre a história que ouviram. Quando acabaram o desenho, foram brincar ao jogo das cadeiras.

Depois de comerem as bolachas, a educadora e as crianças dirigiram-se para o ginásio onde permaneceram até à hora de almoço, a brincar e a ouvir música.

Inferências e Fundamentação Teórica

A hora do conto é essencial pois tem como objetivo fomentar o gosto pela leitura, divertir e estimular o desenvolvimento da imaginação, atenção, observação memória e reflexão. Gomes (2000, p. 38) afirma que “a defesa da hora do conto na perspectiva de contador/leitor visa sensibilizar para a importância desta prática no desenvolvimento das competências de leitura”.

O educador é responsável por criar e motivar o gosto pela leitura nas crianças. Segundo Magalhães (2008, p. 69), “por lidarem quotidianamente com as crianças [os prof.] têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o ato de ler”.

A meu ver, se todos os dias o educador ler um conto às crianças, esta tarefa vai tornar-se uma rotina, e vai contribuir para que as crianças se habituem a ouvir histórias na escola, e a pedirem aos pais para lhes lerem, também, em casa.

5 de dezembro de 2012

Após todos as crianças falarem sobre o seu fim de semana, a educadora Laura deu uma aula de domínio da matemática, em que utilizou o material de *Cuisenaire*.

Em seguida, as crianças foram treinar as coreografias das danças e as poesias que apresentaram aos pais na festa de Natal.

Antes de irem almoçar as crianças foram para a biblioteca, onde tiveram em contacto com diversos livros.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao presenciar os ensaios da festa de Natal apercebi-me que as crianças estavam muito motivadas e satisfeitas por irem treinar as atuações que iriam realizar na celebração.

Estas festas são elos de ligação entre o meio familiar e o meio escolar. A partir destes eventos, os pais contactam com a escola, participando nas atividades desenvolvidas pelos seus educandos. Para Morgado (1999, p. 80), é “importante que a comunicação com os pais e encarregados de educação assente numa atitude positiva”. A família e a escola têm um objetivo comum que é a formação da criança, e a aproximação e a cooperação deste dois meios, vai beneficiar a comunicação e incide principalmente sobre os interesses da criança.

6 de dezembro de 2012

A educadora Laura iniciou a manhã com domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, lendo a história “ Tudo ao contrário”.

Em seguida, as crianças foram para o ginásio onde tiveram aula de Educação Física. Ao terminar esta aula as crianças dirigiram-se para o salão, com a educadora Laura, e foram realizar uma proposta de trabalho de Domínio da Matemática.

Quando terminaram a execução da proposta, as duas turmas de 4 anos foram treinar para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Todas as festas realizadas na escola ao longo do ano letivo desempenham um papel fundamental, pois possibilitam que haja um envolvimento por parte dos encarregados de educação, que se podem envolver mais na vida escolar dos seus educandos apoiando-os, e assistindo ao trabalho que estes realizam na escola. Para Marques, Davies e Silva (1993):

A melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaço para eles se reunirem, proporcionar comunicação frequente, trata-los como verdadeiros membros da comunidade educativa.(p. 33)

Desta forma, os pais vão influenciar e incentivar as crianças a participarem e a envolverem-se com entusiasmo e alegria nas atividades escolares.

9 de dezembro de 2012

A manhã foi iniciada com a leitura da história “A raposa e as uvas”. Logo de seguida, as crianças foram para as mesas onde tinham de efetuar um grafismo da Árvore de Natal, tinham de pintá-la e desenhar enfeites na mesma.

Após comerem as bolachas, as crianças foram brincar ao jogo das cadeiras, e mais tarde foram para o ginásio treinar a sua participação na festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero muito benéfico, para a minha formação, poder participar na organização da festa de Natal, uma vez que ao envolver-me neste tipo de projetos enquanto realizo o meu estágio, aprendo o que é preciso fazer e como é que se faz. Devemos, de acordo com Perrenoud (1993, p.118), “fazer tudo para que a

responsabilização seja progressiva, para que a autonomia se construa através de experiências e estágios graduados”.

Deste modo, quando for exercer a minha profissão, já estarei um pouco mais familiarizada com a organização destes projetos, e não ficarei tão à deriva quando tiver que organizar algo deste género.

12, 13 e 16 de dezembro de 2012

Durante esta semana as crianças ensaiaram para a festa de Natal, que iria ser apresentada aos pais.

Nestes dias, as duas educadoras das turmas de 4 anos planificaram as atuações das crianças, e treinaram com elas as interpretações de cada grupo, pois estas estavam divididos por grupos, e cada grupo iria dançar uma música, outras crianças iriam dizer poesia, e as duas turmas iriam cantar para todos os presentes na festa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Segundo Aguera (2008, p.73), “as festas e celebrações constituem atos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças”. A mesma autora (2008, p.73) menciona ainda que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de ações nas quais as crianças devem participar”.

Este foi o último dia em que estagiei na sala da educadora Laura.

3.ª Secção – Grupo dos 5 anos

1.3.1 Caracterização da turma

Neste Jardim Escola, na Educação Infantil, a turma dos 5 anos é composta por 28 crianças, 14 do sexo feminino, das quais 3 têm quatro anos e 11 têm cinco anos, e 14 do sexo masculino, das quais 4 tem quatro anos e 10 têm cinco anos (em Setembro de 2011). Duas destas crianças frequentam pela primeira vez a escola.

Estas crianças pertencem a famílias maioritariamente cujo nível sócio-económico é médio e médio/alto e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação académica superior.

1.3.2 Caracterização do espaço

A sala dos 5 anos está situada na cave da escola. A sala tem mesas retangulares de dois lugares cada uma (14), e cadeiras (28) que estão dispostas em frente ao quadro de ardósia da mesma. Possui cinco armários para arrumação dos materiais didáticos da matemática, materiais de expressão plástica, material de uso diário (lápis, borracha, cola, tesouras), jogos didáticos, dossiês arquivadores dos trabalhos dos alunos, dossier de turma, dossiers com os portefólios da educadora e brinquedos. Existe uma pequena biblioteca na sala de aula, e as paredes estão decoradas com motivos geométricos e com cartazes alusivos a noções matemáticas já apreendidas pelas crianças. Uma vez que é nesta classe que as crianças iniciam a aprendizagem da leitura e da escrita, também está exposto um alfabeto por cima do quadro (organizado pela ordem da aprendizagem das letras na Cartilha Maternal). Existe um *placard* onde estão expostos os trabalhos das crianças sobre a Área do Conhecimento do Mundo e outro decorado com os aniversários das crianças e o horário semanal. Na sala existe uma secretária e uma cadeira para a educadora e ainda uma mesa com um computador para uso pessoal. Há também um espaço, onde as crianças se podem sentar no chão para brincar livremente ou para a educadora lecionar as suas atividades dispondo as crianças de outra forma, que não sentados nas cadeiras em frente das respetivas mesas.

1.3.3 Horário da turma

Quadro 4 – Horário do grupo de 5 anos

Grupo dos 5 anos	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/ 10h00	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h00/ 10h30	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h30 / 11h00	Recreio	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio	Aula de Ginástica
11h00 / 11h30	Informática / Biblioteca	Matemática (material)	Recreio	Conhecimento do Mundo	Recreio
11h30 / 12h00	Informática / Biblioteca	Matemática (escrita)	Dobragens / Fitas	Aula de Música	Conhecimento do Mundo
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Recreio				
14h30 / 15h00	Matemática (material)	Conhecimento do Mundo	Matemática (material)	Desenho / Pintura	Matemática (material)
15h00 / 15h30	Dobragens / Fitas	Pintura / Modelagem	Histórias / Lengas-Lengas / Destrava-Línguas	Aula de Inglês (início às 15h20m)	Matemática (escrita)
15h30 / 16h00	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Matemática (escrita)	Aula de Inglês (termina às 16h10m)	Assembleia de Grupo
16h00 / 16h30	Histórias / Lengas-Lengas / Destrava-Línguas	Dramatização	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Pintura / Modelagem
16h30 / 17h00	Lanche / Saída				

Educadora: Marta

(Horário sujeito a alterações)

1.3.4 Relatos diários

2 de janeiro de 2012

Como é habitual, o acolhimento no salão, deu início à manhã de atividades. Contudo apareceram poucas crianças no jardim-escola e, por isso, o acolhimento prolongou-se durante mais tempo do que é normal.

Enquanto estava no salão, perto de algumas colegas minhas, a educadora Marta dirigiu-se a nós e perguntou se éramos as estagiárias que iam permanecer na sala dela. Eu respondi que sim, e disse quem eram os restantes elementos do meu grupo. A educadora explicou que neste dia não viria grande parte das crianças, e por isso as que viessem iriam trabalhar nas mesas do grupo de 4 anos, no salão.

Quando o acolhimento terminou, a educadora Marta disse às crianças onde se deviam sentar, e distribuiu as propostas de trabalho que estas tinham em atraso. À medida que as crianças iam terminando o que tinham em atraso, a educadora distribuía uma proposta de trabalho para encontrar as diferenças nas figuras. Ao mesmo tempo que as crianças iam realizando as propostas de trabalho, a educadora Marta pediu às minhas colegas de estágio e a mim, que fizéssemos estrelas de várias cores, e que enfeitássemos a sala de aula com as estrelas.

Posteriormente, as crianças viram um filme e, mais tarde, foram almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora Marta foi muito simpática quando me abordou, perguntou quem eram as minhas colegas de estágio, pôs-me à vontade caso eu tivesse alguma dúvida ou se precisasse de ajuda em algo, ou de alguma opinião ou conselho. Explicou-me o que iríamos fazer durante esta manhã de estágio.

Alarcão e Tavares (citados por Durão, 2010) defendem que:

(...) a circulação espontânea e sem barreira entre o mundo do supervisor e o mundo do professor. Isso pressupõe maturidade humana que se alicerça num bom conhecimento de si mesmo e dos seus interlocutores, dos outros, abertura de espírito, compreensão, sensibilidade que vêm à presença no contacto social e, sobretudo, num olhar positivo e acolhedor (p. 44).

A forma como a educadora veio falar comigo, fazendo algumas perguntas sobre mim, demonstrou que sabe como receber os estagiários de uma forma muito acolhedora e motivante. Durão (2010, p.40) refere que “a supervisão implica uma relação interpessoal dinâmica, baseada no estímulo e facilitadora de toda uma aprendizagem e desenvolvimento convicto e empenhado”.

O facto da educadora ter vindo falar comigo, explicar-me o que íamos fazer durante a manhã, deu-me motivação para mais um momento de estágio, sabendo que iria ter a ajuda e o apoio da mesma.

3 de janeiro de 2012

A educadora Marta iniciou a manhã chamando as crianças, em grupos, para irem à cartilha. Enquanto umas aprendiam na Cartilha Maternal, outras estavam a realizar propostas de trabalhos, no seu lugar, relacionados com as letras que já aprenderam.

Quando as crianças regressaram do recreio a educadora lecionou uma aula de Matemática com o material de *Cuisenaire*, em que fez diversas situações problemáticas e apelou ao cálculo mental.

Inferências e Fundamentação Teórica

O método João de Deus assenta em estratégias adequadas e eficientes para o sucesso da leitura. No Guia Prático da Cartilha Maternal (1997) destacam-se algumas linhas de força deste método, das quais, saliento as seguintes:

apresentação de uma letra por dia para que possa ser bem conhecida e identificada; apresentação criteriosa do alfabeto que serve a língua portuguesa; o exercício de ler é dinâmico, interactivo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança; respeita o ritmo individual de cada criança; as letras são estudadas no seu papel dinâmico e nas suas diversas leituras (p. 92).

É na Educação Pré-Escolar que as crianças desenvolvem, uma consciência linguística, adquirindo os pré-requisitos necessários para o 1º ciclo.

Esta aprendizagem respeita o ritmo de cada criança, proporcionando-lhes os meios para que ela exercite e desenvolva as suas competências de leitura.

6 de janeiro de 2012

Neste dia a educadora perguntou às crianças se elas, sabiam o significado do dia de Reis Magos. Apenas uma criança soube responder corretamente à questão colocada.

Mais tarde, a turma terminou uma proposta de trabalho de iniciação à matemática.

Quando regressaram do recreio, as crianças tiveram aula de expressão musical com o professor Ricardo.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de salientar a importância da aula de Educação Musical e o prazer que dela retiram, mas também é de referir a relação que existe entre as crianças e o professor.

O professor é muito criativo e espontâneo, o que faz com que as crianças fiquem desejosas de ter esta aula.

Hohmann, Banet e Weikart (1984, p. 658) afirmam que “a música é um aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som”.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p.64), “a expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar”.

As crianças gostam imenso das aulas que o professor de música lhes proporciona e querem fazer sempre mais atividades no decorrer das aulas.

9 de janeiro de 2012

A educadora Marta deu aula de iniciação à Matemática utilizando o 3.º e 4.º Dons de Froboel, em simultâneo.

De seguida, as crianças tiveram aula de Educação Física, no ginásio da escola. Quando regressaram à sala de aula, a educadora continuou a aula de 3.º e 4.º Dons que estava a lecionar anteriormente.

Quando regressaram do recreio, passaram para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no qual foram à Cartilha Maternal. Enquanto a educadora chamava pequenos grupos para irem à Cartilha, as crianças que permaneciam no lugar realizavam propostas de trabalhos relacionados com a Cartilha Maternal.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora ia chamando as crianças em grupos para aprenderem uma lição nova, de acordo com os gráficos de leitura. As crianças quando se dirigem à Cartilha Maternal para aprenderem uma letra nova, leem, posteriormente, uma ou duas palavras, e formulam frases com as palavras lidas anteriormente. Ruivo (2006, p.3) menciona que “o uso de um livro grande na sala de aula é uma ideia original de João de Deus, permite que a criança tenha uma maior e mais ativa participação no ato de ler em voz alta, desenvolvendo-lhe o conceito de leitura”.

A mesma autora refere que:

é através do uso de um gráfico de leitura que o educador/professor se apercebe do ritmo de cada aluno. No gráfico, o educador/professor regista diariamente a lição que a criança aprende, para que também ao nível dos trabalhos individuais tenha atividades adequadas à sua capacidade de trabalho e desenvolva as

competências necessárias ao prosseguimento das aprendizagens na leitura e em outros domínios” (p.4).

É através dos gráficos de leitura, que a educadora consegue ter uma perceção do ritmo de cada crianças e perceber se é necessário alguma criança voltar atrás nas lições ou não.

10 de janeiro de 2012

As crianças começaram por elaborar um desenho em série. Em seguida, a educadora deu uma aula de blocos lógicos. No final desta aula, as crianças realizaram uma proposta de trabalho de iniciação à Matemática.

Quando terminaram a proposta de iniciação à Matemática, foi distribuída uma outra proposta de trabalho, mas de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Enquanto eram realizadas as propostas de trabalho, a educadora chamava grupos de crianças para irem à Cartilha Maternal.

Inferências e Fundamentação Teórica

A Cartilha Maternal permite à criança familiarizar-se com as letras e os seus valores fonéticos. Esta é um material de apoio ao Método de Leitura João de Deus. Ruivo (2009, p.100) afirma que o Método João de Deus:

Constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada.

A leitura pela Cartilha Maternal é realizada individualmente ou em pequenos grupos, sendo estes grupos organizados pela educadora, de acordo com os diferentes níveis de aprendizagens dos alunos.

13 de janeiro de 2012

A educadora iniciou a manhã lecionando uma aula com o geoplano, pedindo às crianças para fazerem diversas figuras geométricas com os elásticos. A docente ia fazendo as figuras que pedia às crianças para realizarem e projetava-as com o auxílio do retroprojektor.

Quando as crianças regressaram do recreio, a educadora deu uma aula de iniciação à matemática com o material de *Cuisenaire*. Contudo, antes de iniciar a aula

e de lembrar as regras do material que iam utilizar, a educadora impôs algumas regras de comportamento, porque as crianças estavam muito agitadas ao voltarem do recreio.

Antes do almoço, as crianças tiveram aula de Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças ao regressarem do intervalo vinham muito agitadas, visto que andaram a correr e a brincar. A educadora, para conseguir dar a aula, conversou com as crianças, impondo-lhes alguns limites e explicou-lhes que elas já tinham brincado no recreio, e que agora tinham de estar concentrados para aprenderem matéria a nova. Como afirmam Spodek e Saracho (1998, p. 156), “ao determinarem códigos de comportamento, os professores devem comunicar às crianças não somente os limites do aceitável, como também as razões para estes limites”.

Depois da educadora lhes explicar as regras, as crianças compreenderam o que lhes estava a ser dito e mudaram o seu comportamento dentro da sala de aula.

16 de janeiro de 2012

Neste dia, dei aula sobre os animais mamíferos e abordei particularmente a girafa. Esta aula tinha a duração de 4 horas, ou seja, toda a manhã.

Comecei pelo Domínio da Matemática, onde utilizei o material de calculadores multibásicos, em que dei algumas situações problemáticas.

Quando as crianças regressaram da aula de Educação Física, li a história do “Cuquedo” e as crianças iam dramatizando ao mesmo tempo. De seguida, fiz a dinamização da Cartilha Maternal, colando algumas palavras, que foram retiradas da história, no quadro e pedi a algumas crianças para tentarem ler as palavras.

Depois da aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizei um pequeno jogo com o grupo no recreio. Ao regressarmos para a sala de aula, dei aula de Conhecimento do Mundo, sobre a girafa, onde mostrei algumas imagens deste animal, e falei sobre as suas características.

Inferências e Fundamentação Teórica

Começo sempre as minhas aulas saudando as crianças, e todas respondem de uma forma alegre, ansiosas por saber qual será o tema da aula. Para Hohmann e

Weikart (2009, p. 75), “quando os adultos saúdam as crianças com prazer e respeito, as crianças, habitualmente, respondem em consonância.”

A leitura de histórias no jardim-de-infância deve ser uma prática recorrente, uma vez que possibilita a promoção da leitura e a emergência do código escrito.

Magalhães (2008, p.61) comenta que:

junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos é determinante uma propedêutica do ato de ler. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao ato de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a excitação da memória.

Gostei muito de dar esta aula, pois sinto que evolui desde a última.

17 de janeiro de 2012

A educadora chamava as crianças para se irem à Cartilha Maternal, em grupos, enquanto os outros elementos da turma permaneciam nos lugares e realizavam propostas de trabalhos relacionadas com a Cartilha Maternal.

Na aula de Domínio da Matemática, a educadora utilizou palhinhas e algarismos móveis, em que ditou algumas situações problemáticas e a turma realizou operação de adição ou soma. Para finalizar a aula, a educadora distribuiu uma proposta de trabalho, em que as crianças concretizaram algumas operações.

Inferências e Fundamentação Teórica

O material não estruturado “palhinhas”, ajuda as crianças a realizarem várias operações de uma forma mais concreta. As crianças quando são muito pequenas precisam do material para fazer contagens. Segundo Caldeira (2009), “as palhinhas funcionam como suporte à contagem” (p.317).

A autora anterior (2009, p.317) menciona que “na posse deste material, é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça”. No meu ponto de vista é fundamental o educador ser criativo e tornar a aprendizagem da criança mais fácil e dinâmica.

Foi perceptível que durante a aula de Domínio da Matemática, a participação ativa das crianças, e a motivação que tinham ao realizarem as propostas da educadora, demonstram que não é necessário gastar muito dinheiro em materiais, para proporcionar aulas diferentes, mas basta sermos criativos e aproveitarmos todos os materiais que utilizamos no quotidiano.

20 de janeiro de 2012

Uma das minhas colegas de estágio deu uma aula neste dia e começou pela aula de Conhecimento do Mundo. Em vez de dizer o tema da aula, distribuiu um puzzle a cada criança, para que elas conseguissem adivinhar qual o assunto que seria abordado. Quando foi descoberto o tema, a estagiária mostrou imagens de um ornitorrinco, falando das suas características e hábitos.

Em seguida, passou para a aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que as crianças tinham de formar a palavra, ornitorrinco, e depois distribuiu uma proposta de trabalho para cada criança colar o puzzle que tinha montado anteriormente e para fazerem a ligação do animal às suas características.

No Domínio da Matemática, utilizou o 3.º e 4.º Dons de Froebel e materiais não estruturados. Entretanto, o professor Ricardo veio à sala para dar aula de Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças ficaram muito motivadas e atentas ao que a estagiária dizia, por terem de ser elas a descobrir qual seria o tema da aula. Jensen (2002, p.83) menciona: “utilize rituais divertidos e energéticos para abertura da aula, para o desfecho e para a maior parte dos procedimentos que são por norma repetitivos”.

Desta forma o educador vai conseguir chamar a atenção das crianças, tirando o melhor proveito possível.

23 de janeiro de 2012

Uma estagiária deu aula neste dia e o tema a abordar era o golfinho. Começou por mostrar um *PowerPoint* em que mostrava diversas imagens dos golfinhos, e falava das suas características e dos seus hábitos.

Logo de seguida as crianças foram ter aula de Educação Física e quando regressaram a estagiária continuou a aula, lendo a história “A vida de Benjamim”.

Antes do almoço, a minha colega deu aula de Domínio da Matemática, utilizando o 3.º e 4.º Dons de Froebel.

Inferências e Fundamentação Teórica

A minha colega iniciou a aula pelo Domínio do Conhecimento do Mundo, em que mostrou imagens reais do golfinho. Spodek e Saracho (1998, p.335) afirmam que “as fotografias estimulam discussões e oferecem informação”.

Os autores anteriores (2008, p.335) referem ainda que “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante”. As imagens foram mostradas através do projetor, sendo bem visíveis, simples e grandes. Deste modo, todas as crianças as viam facilmente.

Posteriormente, a estagiária leu um livro relacionado com o tema que estava a falar. Enquanto lia, mostrava as imagens às crianças para que vissem as ilustrações da história, de modo a estimulá-las com o decorrer desta. Segundo Gomes (2000, p. 35), “o livro tem de se tornar familiar, a criança necessita de um convívio constante com o livro”.

O livro deve entusiasmar a criança através das suas características, como por exemplo, o brilho ou as ilustrações.

24 de janeiro de 2012

Neste dia uma das minhas colegas, deu aula durante a manhã e o tema abordado foi a borboleta. A minha colega começou por falar das características e dos seus hábitos, através de um *PowerPoint* com diversas imagens. Em seguida, leu a história da “Lagartinha Comilona” e, por último, deu aula de Domínio da Matemática, em que utilizou algarismos móveis e material não estruturado.

Antes do almoço organizou um pequeno jogo para as crianças.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os jogos são atividades educativas que devem ser proporcionadas às crianças, pois permitem o desenvolvimento das mesmas. Para Elkonin (1998, p.417) :

Os jogos prestam-se particularmente bem ao desenvolvimento da cooperação: no jogo, a criança coopera voluntariamente (de uma maneira autónoma) com as outras, praticando as regras. Os jogos deste género exigem muita descentração e coordenação inter-individual e as crianças são motivadas a utilizar a sua inteligência para jogar bem.

Considero que o jogo pode ser visto como uma forma de desenvolver aprendizagens, sem lhe retirar o carácter lúdico que lhe é próprio.

27 de janeiro de 2012

A manhã foi iniciada com a ida dos grupos à Cartilha Maternal, enquanto as outras crianças da turma realizam propostas de trabalhos dos cadernos de escrita.

Antes da hora do almoço as crianças tiveram aula de Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação Teórica

A música é uma arte que as crianças gostam de ouvir e de cantar. Para Cordeiro (2008, p.418), “habituar o ouvido a escutar música, mesmo se for apenas música ambiente, é fácil, e sem isso a educação das crianças ficará incompleta”.

Cordeiro (p.418) refere ainda que:

Ao habituarem-se a ouvir música, de preferência de vários tipos, as crianças desenvolverão os seus próprios gostos e preferências, evoluindo em conhecimentos, e sentindo-se atraídas a tentar, experimentar, investigar e descobrir novos estilos, novos sons e novos ritmos.

Ao decorrer da aula foi possível perceber o entusiasmo das crianças, enquanto ouviam e cantavam algumas músicas.

30 de janeiro de 2012

A educadora Marta começou por dar uma aula de Conhecimento do Mundo, sobre insetos. Esta aula foi lecionada com o auxílio do computador e do projetor, e o *PowerPoint* continha diversas imagens de insetos e as suas principais características.

Posteriormente, as crianças, a educadora e as minhas colegas e eu, fomos para o ginásio, onde houve um concerto da banda Corvos. Quando o concerto terminou as crianças dirigiram-se para o recreio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Hoje em dia existe uma grande diversidade de Tecnologias de Informação e Comunicação, e estas tecnologias estão cada vez mais presentes no nosso quotidiano. Deste modo, nada melhor do que utilizar estes meios tecnológicos para lecionar aulas, tornando-as diferentes do habitual, estimulando as crianças e familiarizando-as com estas tecnologias, mas também para que perceberem que estas novas tecnologias, para além de servirem para jogarem, também têm a finalidade de

informar as pessoas, e que durante as aulas podem ser utilizadas para transmitir conhecimentos.

A meu ver, as crianças devem, desde cedo, manter contacto com as novas tecnologias, para se irem apercebendo do que podem fazer com estes materiais. Quanto mais contacto mantiverem com as novas tecnologias, melhor vão saber manuseá-los, e vão poder desenvolver determinadas funções na sociedade. Silveira-Botelho (2009, p.114) refere que “não dominar as novas tecnologias de informação equivale, na prática, a um novo tipo de analfabetismo (info-analfabetismo).”

Através da utilização das novas tecnologias, as crianças podem desenvolver inúmeras competências, como por exemplo competências matemáticas, criando formas geométricas e pintando-as, ou competências linguísticas quando faz um desenho no computador e depois descreve o que representou. Segundo a mesma autora (p. 114), “as TIC podem, se convenientemente exploradas, ser um excelente instrumento educativo.”

Clemente e Nastasi (citados por Silveira-Botelho, 2009, p. 115) defendem que “as crianças contam histórias mais elaboradas acerca dos desenhos realizados no computador.”

O educador tem a tarefa de estimular as criança a trabalharem sempre que possível com as novas tecnologias, levando as crianças a quererem saber mais, e a quererem explorá-las.

31 de janeiro de 2012

Neste dia dei uma aula programada, em que uma professora da Prática Pedagógica foi assistir. Inicie a aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que li a história “A que sabe a lua”, e posteriormente fiz a dinamização da Cartilha Maternal, em que as crianças tinham que ler as palavras e colocá-las ao lado da respetiva imagem.

Logo de seguida, falei com as crianças sobre as características dos répteis e levei uma tartaruga, para falar sobre as suas características e os seus hábitos, para que as crianças pudessem mexer e ver de perto a constituição deste animal.

Antes da aula terminar, dinamizei o Domínio da Matemática, em que utilizei o material estruturado Cuisenaire, realizando um itinerário. Depois de dizer quais as peças que formavam o itinerário, as crianças tinham de retirar as peças do Cuisenaire e pintá-las com as mesmas cores das peças do material utilizado.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao elaborar uma proposta de trabalho, o educador deve ter em atenção que competências é que se quer desenvolver.

A tarefa do itinerário proporcionou o desenvolvimento de conceitos ligados à noção de número e quantidade. Esta permitiu desenvolver outras capacidades importantes, como sendo: a orientação espacial, a percepção da posição no espaço e coordenação visual-motora. De acordo com Moreira e Oliveira (2003, p.97), “é preciso também introduzir atividades que permitam o desenvolvimento da orientação espacial, o que implica proporcionar experiências que privilegiam relações ligadas à orientação, à direcção...”.

Este exercício permite que a criança identifique figuras iguais com orientações diferentes, visto que as peças do Cuisenaire permaneciam na horizontal e na vertical e tinham tamanhos diferentes.

Em relação à coordenação visual-motora, Moreira e Oliveira (2003, p.95) defendem que “começa a desenvolver-se muito cedo e refere-se à capacidade da criança em coordenar a visão com os movimentos do corpo”. Nesta atividade, a criança, ao retirar as barras de Cuisenaire da folha e pintar o espaço ocupado pelas mesmas, está a desenvolver esta destreza.

3 de fevereiro de 2012

O tema desta aula era o canguru, onde foram mostradas diversas imagens do animal, evidenciando as características físicas do mesmo. De seguida, foi realizada a dinamização da história “O leão e o canguru”, e posteriormente as crianças realizaram uma proposta de trabalho.

Antes da hora do almoço, os alunos ainda tiveram uma aula com o geoplano, em que realizaram figuras geométricas e percursos, de acordo com as instruções da educadora.

Inferências e Fundamentação Teórica

O discurso em sala de aula é um assunto muito importante e, por isso, é estudado em psicologia. O discurso está no meio do estudo psicológico do ensino e da aprendizagem porque a linguagem é o principal meio de comunicação entre professores e alunos, mas também porque é uma forma de representarmos os nossos pensamentos. A linguagem é uma ferramenta cultural que utilizamos para partilharmos

as experiências. E é através da linguagem, falada e escrita, que as futuras gerações vão conhecer o modo de vida dos seus antepassados, e vão entender as suas experiências. Segundo Coll e Derek (1998, p.14), “o discurso não é meramente a representação do pensamento na linguagem: é mais uma maneira social de pensar”.

Para os autores anteriores (1998, p.14), “o discurso tem um status especial na educação porque uma das metas declaradas da educação é o desenvolvimento da utilização efetiva da linguagem como um instrumento tanto psicológico como cultural”. A linguagem tem um papel fundamental na educação, porque com o consecutivo desenvolvimento desta, a criança vai ser capaz de compreender e de participar nos diálogos que são efetuados na escola e em casa, podendo socializar, e transmitir ideias e opiniões acerca de um determinado assunto.

6 de fevereiro de 2012

Neste dia dei aula durante 1 hora e 20 minutos e a educadora propôs o tema das plantas.

Iniciei a aula no Domínio da Matemática, e o material manipulativo que utilizei foram o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com estes materiais, as crianças elaboraram construções, mais especificamente a mobília de quarto e o poço, e também resolveram algumas situações problemáticas através do cálculo mental.

De seguida, passei para o Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, em que li a história “A viagem da sementinha”. Dinamizei a leitura recorrendo às regras da Cartilha Maternal, fazendo correspondência entre palavras e imagens.

No Conhecimento do Mundo levei uma planta para a sala e mostrei os seus constituintes e falei sobre a função de cada um deles.

Antes de terminar a aula fizemos uma atividade experimental, em que cada criança colocou algodão húmido no fundo de um copo e no meio do algodão colocaram um feijão. Os copos foram colocados num lugar iluminado e, no fim de realizarmos esta atividade, escrevi o nome de cada criança no respetivo copo, para que estes pudessem observar o que iria acontecer ao feijão.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na minha opinião deve-se aliar a teoria à prática, e deste modo, após ter ensinado os conceitos pretendidos, mostrei-os através de exemplos reais de uma planta, e

posteriormente cada criança plantou o seu próprio feijão, para que observassem a evolução e o crescimento da planta. Segundo Martins *et al.* (2007, p.13):

A observação da germinação de sementes e o seu desenvolvimento torna-se, assim, indispensável, nestas idades, quer por permitir (re) organizar as suas ideias, no sentido de as ir tonando mais próximas de ideias científicas (noções de ser vivo, planta, germinação, crescimento, ciclo de vida, necessidade de água, luz, ...), quer por ajudar a estruturar a noção de tempo (observação de um fenómeno contínuo, que se desenvolve ao longo de vários dias...).

É muito útil que o educador proporcione atividades que levem a uma parte prática, onde as crianças tenham a possibilidade de observar a experiência e a realidade do seu quotidiano.

7 de fevereiro de 2012

Neste dia os pais das crianças foram assistir à aula durante a manhã.

O tema abordado, neste dia, no Domínio do Conhecimento do Mundo foram as aves e as suas características. Posteriormente foram distribuídas umas propostas de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, cujo objetivo era a formação de frases.

No Domínio da Matemática, a educadora deu uma aula onde foram utilizados os Calculadores Multibásicos, para que as crianças realizassem leitura de números.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora começou por explicar que apesar dos pais irem assistir à aula, este dia seria como todos os outros, em que as crianças tinham de se portar bem, senão a educadora iria chamá-los à atenção, mesmo estando lá os Encarregados de Educação.

Durante o intervalo as crianças brincaram com os pais, e divertiram-se muito. Segundo Villas-Boas (2001):

como primeiros educadores, pais, irmãos e outros familiares criam e desenvolvem todo um ambiente familiar que pode ser mais ou menos favorável à aprendizagem, mas que influencia decisivamente a criança durante os seus estádios de desenvolvimento cognitivo (p.34).

É importante para as crianças que os pais assistam a uma aula, para que lhes possam mostrar o trabalho que fazem diariamente. Ainda durante a aula a educadora explicou que neste dia não podiam ir todos os pais, mas os que não tinham ido, teriam outras oportunidades de assistirem a uma aula.

10 de fevereiro de 2012

Nesta manhã as crianças terminaram propostas de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Quando concluíram as propostas de trabalho, as crianças fizeram um desenho sobre um tema que tinham falado anteriormente numa aula.

De seguida, algumas crianças, juntamente com algumas estagiárias, tiraram fotografias, para a FIL.

Antes de irem almoçar as crianças tiveram aula de Música, tal como todas as sextas feiras.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças, ao fazerem desenhos, estão a criar e a expressar-se, como sustenta Rodrigues (2002, p. 210), “o indivíduo revela-se em tudo o que faz. A expressão revela o seu ser”. Através deste tipo de atividades, as crianças desenvolvem capacidades como a imaginação, a sensibilidade e a destreza manual. O autor anterior (2002, p.14) afirma ainda que beneficia a exteriorização de “sentimentos, ideias e emoções”. Para Rodrigues (2002, p. 210), “a criança gosta de pintar, desenhar, modelar, construir, experimentando os mais diversos materiais”. Na Educação Pré-Escolar, as artes plásticas devem baseiam-se em atividades de experimentação e descoberta.

4.ª Secção – Estágio Intensivo Centro Educativo de Alvalade I

27 de fevereiro a 2 de março de 2012

Durante esta semana, eu e mais três colegas estagiámos na creche.

No primeiro dia de estágio estive sempre no berçário, onde se encontram as crianças com menos de um ano. Quando cheguei à sala fui sentar-me ao pé de algumas crianças e brinquei com elas. Enquanto estive nesta sala, para além de brincar também ajudei a dar a comida, a trocar fraldas e a adormecer as crianças.

No segundo dia fui para a sala das crianças com 2 anos. Aqui assisti à leitura dos livros “A carochinha” e “o lobo e os 7 cabritinhos”. Nesta semana a educadora estava a abordar o tema “Insetos”, e, deste modo, decidi elaborar umas borboletas com diversos materiais, solicitando a minha ajuda e a da minha colega. Enquanto

permaneci nesta sala ajudei na elaboração de trabalhos, nas idas à casa de banho, durante as refeições e estabeleci diálogo com as crianças.

Nos restantes dias estive sempre na sala das crianças com 1 ano. Nesta sala assisti a diversas atividades como por exemplo à aula de música, à aula de educação física e também assisti à atividade de digitinta, em que a educadora colocava tinta numa mesa e a criança colocava a mão na tinta e, em seguida, pousava a mão pintada sobre uma folha, esfregando-a livremente. Nesta sala também assisti à leitura de duas histórias e brinquei com as crianças durante os recreios.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero que esta semana de estágio foi muito enriquecedora para a minha formação, visto que até então tinha apenas estado na sala dos 2 anos durante uma semana, e, deste modo, pude assistir a diversas atividades que não tinha visto anteriormente, e também tive a oportunidade de permanecer em salas onde nunca tinha permanecido, como era o caso do berçário e a sala de 1 ano.

As crianças que permanecem na creche têm muitos recreios e tempos livres para brincarem. Segundo Hohmann e Weikart (2009), no recreio as crianças são:

(...) livres de correr, andar em brinquedos com rodas, empurrar e puxar carrinhos de mão, atirar bolas, descer montes a rolar, cavar, andar de baloiço, subir escorregas e fazer todas as outras coisas que os adultos os avisam para não fazer quando estão dentro de casa. (p. 212)

Sempre que as educadoras diziam às crianças que podiam ir brincar, juntava-me a elas para estabelecer contacto com as mesmas e conforme o que afirmam os autores anteriores (2004, p. 439), devemos juntarmo-nos “ (...) às brincadeiras das crianças ao nível destas.” Acrescentando ainda que devemos brincar “ (...) ao lado das crianças.” (p.439).

Considero importante brincar com as crianças para estabelecer contacto e uma relação de confiança, de modo a que esta perceba que pode contar connosco sempre que precise.

5.ª Secção – Grupo dos 4 anos

1.5.1 Caraterização da turma

Esta turma é constituída por 29 crianças, das quais 17 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Duas destas crianças vieram de outra escola, integrando-se muito bem no grupo.

Os alunos pertencem ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

1.5.2 Caraterização do espaço

Como já referi anteriormente, quando caracterizei a sala do grupo dos 4 anos, a sala deste grupo situa-se no salão, que está dividido por um biombo. E tal como o espaço do outro grupo com 4 anos, este também é preenchido com mesas hexagonais e cada mesa tem cadeiras da mesma cor (encarnada, verde, azul...).

Há ainda um espaço para guardar os livros e brinquedos que as crianças traziam de casa.

Existem também um armário onde a educadora guarda os materiais que utiliza durante as aulas, ou jogos e livros.

1.5.2 Horário da turma

Quadro 5 – Horário do grupo de 4 anos

Grupo dos 4 anos	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/ 10h00	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Educação Musical	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10h00/ 10h30	Desenho Série / Grafismos	Iniciação à Matemática	Desenho Série / Grafismos	Dobragem e colagem	Iniciação à Matemática
10h30 / 11h00	Recreio	Recreio	Educação Física	Recreio	Recreio
11h00 / 11h30	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca	Recreio	Iniciação à Matemática	Estim. à Leitura
11h30 / 12h00	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Educação Física
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Recreio				
14h30 / 15h00	Desenho Série / Grafismos	Conhecimento do Mundo	Dramatização / Fantoches	Desenho / Pintura	Pintura / Modelagem / Picotagem
15h00 / 15h30	Desenho Série / Grafismos	Conhecimento do Mundo	Trabalho de Grupo	Conhecimento do Mundo	Pintura / Modelagem / Picotagem
15h30 / 16h00	Corte e Colagem	Desenho de Livre	Trabalho de Grupo	Desenho / Corte / Colagem	Assembleia de Alunos
16h00 / 16h30	Jogos livres	Jogos livres	Jogos livres	Jogos livres	Jogos livres
16h30 / 17h00	Lanche / Saída				

Educadora: Andreia

(Horário sujeito a alterações)

1.5.3 Relatos Diários

5 de março de 2012

O dia começou com o acolhimento no salão, como é habitual, e assim que este terminou, a educadora Andreia e as suas crianças foram para o ginásio falar sobre o que fizeram durante o fim de semana. Em seguida, dirigiram-se para uma sala, onde a educadora deu uma aula sobre o tangram, e as crianças construíram a figura do peixe. Após comerem as bolachas, as crianças pintaram e cortaram peças semelhantes às do tangram, e colaram-nas numa outra folha construindo a figura do peixe. Posteriormente foram à casa de banho para depois irem almoçar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Este material possibilita às crianças desenvolverem a sua imaginação e criatividade, pois permite que elas elaborem novas figuras que ainda não conheçam. Para além de inventarem novas construções, também podem tentar descobrir como se constrói uma figura, encaixando as peças deste material, o que vai desenvolver inúmeras capacidades. Caldeira (2009, p.398) menciona que “ajuda a desenvolver as inteligências lógico-matemática, espacial e intrapessoal”. A mesma autora (2009, p.398) defende ainda que as crianças com este material “desenvolvem a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações das peças”. Afirma ainda que “a concentração e o estímulo à investigação e à criação”.

6 de março de 2012

A educadora leu uma história que uma criança trouxe de casa. O título desta era “João e o pé de feijão”.

Em seguida, as crianças foram para as mesas, onde a educadora colocou uma caixa de blocos lógicos, e distribuiu um cordão, a cada criança, que representava a linha fronteira. Durante esta aula a educadora abordou todas as características dos blocos lógicos, fazendo perguntas às crianças para elas chegarem aos atributos que já conheciam e que se lembravam.

Quando terminaram de comer as bolachas, a professora Iva veio buscar a turma para a sala dos computadores, onde permaneceram até à hora de almoço. Contudo, a educadora Andreia ia chamando algumas crianças para terminarem a proposta de trabalho do dia anterior.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora Andreia, ao seguir a rotina, lendo mais uma história às crianças, intensificou o gosto da leitura nas mesmas. Segundo Magalhães (2008, p.58), “durante a infância, a insistência em atividades regulares aparenta ser bem mais fecunda do que qualquer outra idade; a promoção de uma regularidade de leitura junto deste grupo etário torna-se, indiscutivelmente, uma aposta promissora”.

É essencial que o educador faça a leitura de histórias nos primeiros anos de escolaridade, pois estas leituras ajudam a criança a construir a sua identidade, a sua relação com o mundo e a tornar-se num ser ativo e tolerante. Gomes (2000, p.25) afirma que “a literatura infantil que hoje se escreve tem em conta os interesses das

crianças e dos pré-adolescentes, vão ao encontro das suas inquietações, está protagonizada por personagens que sentem e pensam como eles, vivem os mesmos problemas e apontam soluções”.

9 de março de 2012

Durante a manhã, os pais de algumas crianças foram assistir às aulas. As duas turmas juntaram-se no salão, e as educadoras responsáveis pelas turmas deram uma aula de Conhecimento do Mundo, onde falaram sobre as características dos insetos através do *PowerPoint*. Logo de seguida, as crianças realizaram uma proposta de trabalho, em que os pais as ajudaram na elaboração da tarefa.

Quando terminaram a proposta de trabalho, as crianças foram comer a bolacha e dirigiram-se para o recreio com os pais. Posteriormente, a educadora Andreia deu uma aula de Domínio da Matemática, onde o material utilizado foi o *Cuisenaire*. Assim que a aula terminou, as crianças e os pais dirigiram-se para o ginásio onde tiveram aula de Educação Física com a professora Iva.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero muito importante a vinda dos pais à escola, para que estes possam participar nas atividades escolares, para além das festas de final de período, também possam ver como é o dia-a-dia escolar dos seus filhos. Marques, Davies e Silva (1993, p.107) mencionam que “um dos objetivos mais importantes das relações escola/famílias/comunidades é aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/filhos, pais/professores”.

A escola é um espaço onde os professores, crianças e pais se podem encontrar livremente para combinar diversas atividades com vista a aumentar o conhecimento e as capacidades das crianças. Para além disso, estes encontros também são muito benéficos para fortalecer as relações.

12 de março de 2012

Como é habitual, à segunda-feira, a educadora Andreia começou o dia a falar com todas as crianças, sobre o que estes fizeram durante o fim de semana. Posteriormente a educadora deu uma aula no salão e utilizou como material auxiliar, palhinhas. A educadora Andreia ditou algumas situações problemáticas e as crianças com a ajuda das palhinhas resolviam-nas.

Quando as crianças regressaram do recreio, a educadora distribuiu uma folha branca por cada criança e fez um ditado gráfico.

Inferências e Fundamentação Teórica

Para a Associação dos Professores de Matemática (APM) (2007), as crianças associam a:

forma, estrutura, posição e transformações, e ao desenvolverem o seu raciocínio espacial, estão a estabelecer as bases que lhes permitem compreender não só a noção de espaço, como também outros temas de matemática e de arte, ciências e estudos sociais” (p. 113)

Ao realizar o ditado gráfico, o educador leva as crianças a desenhar, desenvolvendo nelas a noção de espaço, posição, direção e distância.

São estratégias diferenciadas que permitem à criança uma aprendizagem ativa, respeitando a individualidade de cada uma.

13 de março de 2012

Nesta manhã a educadora mostrou alguns trabalhos que as crianças concretizaram no fim de semana, cujos temas eram os peixes ou os insetos. Em seguida, mostrou um livro que uma das crianças trouxe, sobre os peixes e lembrou as características destes.

Em seguida, as crianças tiveram aula de matemática, onde utilizaram o *Cuisenaire*. Nesta aula a educadora começou por fazer questões para que as crianças lembrassem os valores de cada peça deste material e, posteriormente, jogaram ao jogo dos comboios. Quando terminaram a aula e no fim de arrumarem o material utilizado, as crianças realizaram uma proposta de trabalho em que tinham de pintar as peças do *Cuisenaire* de acordo com o seu valor.

Depois de comerem o lanche da manhã, as crianças tiveram aula de Informática com a professora Lúcia.

Inferências e Fundamentação Teórica

Caldeira (2009, p.137) refere que o jogo dos comboios consiste em pedir à criança “que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça...”. Ao realizar este jogo, a criança trabalha a decomposição de números, tal como desenvolvem Damas *et al.* (2010, p.66), este jogo “permite que os

alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras.”

Ao trabalharem com este material, e ao realizarem este tipo de exercícios as crianças vão perceber que um número pode ser representado de diversas formas, o que lhes vai facilitar o cálculo mental se este tipo de exercício for bem trabalhado e for realizado frequentemente.

16 de março de 2012

A educadora Andreia iniciou a manhã com uma aula de materiais, onde utilizou os blocos lógicos. Nesta aula, a educadora perguntou aos discentes quais os atributos destas peças, e após realizar alguns exercícios para as crianças identificarem os mesmos, concretizou também algumas práticas de sequências. Nestes exercícios, a educadora iniciava a sequência com as peças dos blocos lógicos no quadro e as crianças, em grupo, tinham de fazer o seu seguimento.

Após comerem as bolachas ao meio da manhã, os discentes realizaram uma proposta de trabalho cujo objetivo era iniciar as simetrias. Posteriormente a professora Iva foi buscar as crianças para estas irem para a aula de Educação Física.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os blocos lógicos são um material estruturado que proporciona o desenvolvimento do raciocínio lógico devido às atividades de comparação, correspondência e a classificação. Caldeira (2009, pp. 368-369) afirma que com este material “exercitam a lógica. A sua função principal é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação”.

Para Moreira e Oliveira (2005, p. 99), a manipulação dos blocos lógicos pode ajudar as crianças “no desenvolvimento das capacidades de descrição e memória visual e constância perceptual. Pode ainda auxiliar no desenvolvimento da ideia de sequência e de simbolização”.

19 de março de 2012

Após as crianças conversarem sobre o que fizeram durante o fim de semana, a educadora distribuiu uma proposta de trabalho em que tinham de realizar exercícios de grafismos.

De seguida, os discentes dirigiram-se para o ginásio onde a escritora Sílvia Alves foi ao Jardim-Escola contar histórias, apresentar três livros que escreveu, e falar com todos as crianças da Educação de Pré-Escolar.

Inferências e Fundamentação Teórica

É crucial que numa fase de iniciação as crianças realizem grafismos e atividades que desenvolvam a motricidade fina. O desenvolvimento desta destreza tem uma grande importância, Carvalho (1999) afirma que:

a fase de preparação corresponde à aquisição dos mecanismos da ortografia e da motricidade...há um aspecto que assume algum relevo, é ele o desenvolvimento muscular que torna possível a apreensão do instrumento de escrita e, a sequência dos movimentos numa superfície plana (p.72).

É imprescindível que crianças entre os 3 e os 5 anos realizem tarefas tão importantes, para que quando forem para o 1.º Ciclo, já possuam alguma mobilidade manual que lhes permita ter uma maior facilidade no domínio da aprendizagem da escrita.

20 de março de 2012

Neste dia dei aula durante toda a manhã às crianças de 4 anos. Comecei por realizar a estimulação à leitura, em que eu ia contando o conto da “Lebre e da Tartaruga”, e alguns discentes iam representando ao mesmo tempo.

Posteriormente, as crianças tiveram aula de Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. E com este material realizaram situações problemáticas e realizaram a escada por ordem crescente e por ordem decrescente.

Na área de Conhecimento do Mundo, abordei as características dos répteis, e levei uma tartaruga para a aula. Falei sobre os comportamentos destas, dos seus hábitos alimentares e todos as crianças tocaram na tartaruga.

Como no dia 23 de março faltei ao estágio, compensei as horas de faltas nesta tarde.

Durante a tarde eu estive a fazer contagens de palhinhas com os discentes para a educadora saber até que quantidade é que cada um conseguia contar. Enquanto isso, os restantes realizaram duas propostas de trabalho. Uma proposta consistia em concretizar o grafismo e pintar, e a outra proposta baseava-se nas peças do material de *Cuisenaire*, em que as crianças deveriam de fazer a correspondência entre as peças e os valores, e ainda tinham de pintar as peças com as cores corretas.

Inferências e Fundamentação Teórica

Iniciei a aula apelando à imaginação das crianças, pois escolhi algumas crianças para interpretar as personagens da história, com o objetivo de a dramatizar, para os seus colegas. A maioria das crianças já conhecia a história, mas elas estavam tão entusiasmadas por verem os seus colegas a dramatizá-la, que evidenciavam muita atenção ao que estava a acontecer. Para Spodek e Saracho (1998, p.243), “a imaginação é a base do trabalho criativo. As crianças devem ser confrontadas com experiências que requeiram o uso da imaginação”.

As crianças gostaram de dramatizar a história, pois foi uma maneira de entrarem no mundo da fantasia. Magalhães (2008, pp. 59–60) refere que “as estratégias de animação de leitura participada, ou posteriores propostas de dramatização após a leitura inicial de uma história ou de um poema, são bem recebidas por este público”.

Com este género de atividades, as crianças ao cooperarem desenvolvem a interesse.

10 de abril de 2012

A educadora iniciou a manhã perguntando e questionando as crianças acerca do que estas tinham feito durante as férias da Páscoa. Depois de todas as crianças partilharem o que tinham realizado, a educadora leu a história: “Adivinha o quanto gosto de ti, na Primavera”.

Em seguida, as crianças dirigiram-se para as mesas onde a educadora colocou algumas questões, tais como, quais eram as letras que estes já conheciam, e que já tinham conversado sobre elas na sala de aula, em que a maioria das crianças respondeu as letras “i” e “u”. A educadora pediu para as crianças dizerem algumas palavras que comesçassem pela letra “i”, e posteriormente fez o mesmo pedido com a letra “u”. A docente foi ainda buscar uma Cartilha Maternal para algumas crianças irem identificar as letras em questão.

Antes do almoço, a turma foi dividida em duas: metade foi para a biblioteca com a professora Susana, onde esta leu o livro “ Uma noite barulhenta”. A outra metade da turma foi com a professora Iva para a sala de Informática, onde realizaram exercícios com o tangram.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças ficam muito entusiasmadas sempre que vão para a biblioteca, pois adoram ouvir histórias, mas também gostam de ver livros, e serem eles a inventarem as histórias de acordo com as ilustrações. Além disso, o facto de terem contacto com os livros, pode levar a que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura. Fiand e Pottier e Fraser (citados em Mata 2006, p. 83) “realçam os benefícios da leitura de histórias, enquanto actividade lúdica, no desenvolvimento da criatividade, do prazer e até na construção de identidade da criança”.

Strickland e Taylor (referidos por Mata, 2006, p.83) dizem que:

desde há muito tempo que é evidente para os educadores que as crianças provenientes de casas onde são lidas histórias estão em condições mais vantajosas do que outras, têm mais vontade de ler antes de iniciarem a educação formal e mais facilidade para a aprendizagem quando esta se inicia.

Como já referi anteriormente, muitas crianças gostam de inventar histórias através das imagens, ou mesmo fingirem que estão a ler, e nós como educadoras devemos proporcionar momentos em que as crianças têm contacto com os livros, de modo a estimular o gosto pela leitura e pela escrita.

13 de abril de 2012

Neste dia a educadora lecionou uma aula com o 3.º e 4.º Dons juntos, pela primeira vez. As crianças fizeram duas construções, sob orientação da educadora, que foram as mobílias de quarto e a de cozinha.

Posteriormente à aula de Domínio da Matemática, os discendos dirigiram-se para o ginásio, onde tiveram aula de Educação Física.

Quando regressaram do recreio, as crianças e a educadora foram brincar ao jogo das adivinhas. Neste jogo, a turma dividiu-se em dois grupos, e o grupo um ia escolher um cartão que continha uma pergunta para o grupo dois, pergunta esta que a educadora Andreia lia, e o grupo dois tinha de adivinhar a resposta correta. Quando um elemento do grupo dois acertasse a resposta, outro elemento do mesmo grupo ia escolher um cartão para que a educadora lesse a pergunta à outra equipa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Como já foi referido noutras inferências, os alunos de 4 anos já trabalharam com o 3.º e com o 4.º Dons, mas separadamente. Nesta aula e pela primeira vez, as crianças

trabalharam com os dois Dons de Froebel em conjunto. Esta ligação entre os 3.º e 4.º Dons permite realizar cálculos mais trabalhosos, existindo também mais construções que as crianças podem realizar. Caldeira (2009, p. 277) confirma que “podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos. As crianças dispõem de 16 peças: 8 cubos e 8 paralelepípedos”.

Quando os Dons eram trabalhados individualmente, as crianças apenas tinham 8 peças para fazerem as construções, mas ao utilizarem os dois Dons de Froebel em conjunto dispõem de 16 peças para concretizarem as construções.

A autora referida anteriormente (2009, p.285) afirma que “os objectivos e o interesse pedagógico dos 3.º e 4.º Dons juntos são um acumulado dos objectivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida, vejamos: maior diversidade nas actividades; diferentes construções; cálculo mental...”.

16 de abril de 2012

Quando cheguei ao Jardim-Escola, a educadora veio falar comigo e disse-me que eu ia dar uma aula de *Cuisenaire*. Quando terminou a roda e depois das crianças irem à casa de banho, eu iniciei a aula com o material que me tinha sido solicitado. Nesta aula, as crianças fizeram o jogo dos comboios e eu estabeleci a regra de que cada comboio não podia ter mais do que 3 carruagens.

Depois das crianças comerem as bolachas, a educadora distribuiu uma proposta de trabalho relacionada com o material que tinha sido manuseado anteriormente, ou seja, o material *Cuisenaire*.

Inferências e Fundamentação Teórica

No exercício dos comboios eu determinei a regra de que cada comboio não podia ter mais do que 3 carruagens. Com esta regra, as crianças vão desenvolver capacidades e destrezas, pois, para além de terem de combinar várias peças para alcançarem apenas um resultado, têm também um limite de peças a empregar para obterem o resultado pretendido. De acordo com Caldeira (2009, p.137), “consoante as capacidades e destrezas que se pretendam desenvolver; pode ser pedido à criança que faça comboios apenas com 2 ou 3 carruagens”.

Quando as crianças começaram a fazer o exercício de acordo com a nova regra, algumas delas tiveram dificuldade em entender o que era pretendido. Contudo, fui chamando alguns educandos para irem ao quadro fazerem um comboio que já tinham

feito no lugar e todas as crianças puderam ver o que era pedido, e conseguiram acompanhar o exercício através da resolução que foi efetuada no quadro.

17 de abril de 2012

A Andreia pediu às crianças para recontarem uma história, que ela já tinha contado noutro dia. O título da história era “Adivinha o quanto eu gosto de ti, na Primavera”, e enquanto a educadora mostrava as imagens do livro, as crianças iam recontando.

Em seguida, as crianças foram para as mesas onde realizaram uma proposta de trabalho em que tinham de desenhar algo sobre a história que tinha sido recontada.

Neste dia veio uma senhora à escola falar sobre as ilhas dos Açores. Explicou às crianças o que eram ilhas, falou sobre algumas das características das mesmas e mostrou imagens destas.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças gostaram muito de recontar a história que ouviram ser contada pela educadora anteriormente. Todas queriam participar e inventar uma história através das ilustrações do livro. Enquanto as crianças iam recontando a história, era notório que algumas delas ainda se sentiam um pouco inibidos, mas este é um ótimo exercício para realizar, tendo como finalidade contribuir para que as crianças se sintam mais à vontade a falar em frente a outras pessoas, neste caso em frente aos colegas. Para além disso também é uma maneira de estimular a memória das crianças, pedindo-lhes que recontem o que ouviram. Sanches (2001) assegura que:

contar histórias, anedotas sobre o assunto faz recordar e memorizar mais facilmente e introduz uma componente de humor na relação pedagógica (...) Ler, contar e recontar histórias e outros textos em voz alta na aula estimulam a leitura e facilitam as aprendizagens e a desinibição dos alunos (p.56).

A educadora ao programar uma aula destas permitiu que as crianças participassem de uma forma ativa e espontânea, visto que alguns elementos do grupo queriam recontar uma parte da história.

20 de abril de 2012

A Andreia deu uma aula de Domínio da Matemática recorrendo à utilização de material de geoplano, em que o objetivo era concretizar a figura da árvore. Pediu

também às crianças para fazerem um quadrado, com os elásticos, no canto superior esquerdo, e um retângulo no canto inferior direito.

Posteriormente a educadora distribuiu uma proposta de trabalho pelos elementos da turma, onde tinham de desenhar o quadrado, e o retângulo que tinham no geoplano.

Antes de irem almoçar, as crianças ainda brincaram com plasticina.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero a atividade de mexer em plasticina, fundamental para o desenvolvimento das crianças. De acordo com a Enciclopédia de Educação Infantil (1997, p.1272):

O objectivo fundamental destas sessões de modelagem será que a criança comece a produzir objectos pela sua forma exterior ou silhueta, como passo prévio para representação mediante o uso das técnicas que já tenha praticado. Por outro lado, constituem um valioso recurso para desenvolver a coordenação visomanual.

Deste modo, modelar a plasticina torna-se imprescindível para a aprendizagem da criança, permitindo-lhe desenvolver diversas competências.

23 de abril de 2012

Neste dia, a educadora Andreia deu aula com o 3.º e 4.º Dons de Froebel, e fez a construção da camioneta. Durante esta construção, a educadora fez diversas perguntas às crianças, de cálculo mental.

Mais tarde, a Andreia ensinou uma lengalenga que o grupo ainda não conhecia. Depois de repetir a lengalenga diversas vezes, de maneiras diferentes, como por exemplo dizer a lengalenga devagar e depressa, ou dizê-la batendo as palmas, as crianças foram para as mesas, onde foi distribuída uma proposta de trabalho, em que tinham de fazer um desenho relacionado com a lengalenga que aprenderam anteriormente.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero que é muito positivo aprender novas lengalengas, ou músicas, pois, para além de ser uma ótima estratégia para as crianças retornarem à calma, ou para as manter concentradas, e não se dispersarem enquanto saímos da sala, para irem

para o recreio, ou para o ginásio, mas é, principalmente uma excelente maneira de exercitar e desenvolver a memória das crianças. Segundo Bertalot (2002, p.9), “o cultivo da memória por meio de poemas, canções, lengalengas, etc., realizadas repetidamente, de forma rítmica, torna-se um tesouro que dura para a vida”.

Outro autor, Moutinho (2007, p.11), considera que as lengalengas/rimas têm “melodia e ritmo, movimento, sentido e não-sentido. É o maior gozo que se pode fazer com sons, utilizando vocábulos, expressões, abusando deles, desmontando frases até ao riso extremo”. A melodia, o ritmo, o movimento são ótimos estimulantes para as crianças, pois vão ficar muito entusiasmadas por aprenderem algo que tenha ritmo e melodia, o que consideram divertido, e para melhorar as atividades vão movimentar-se enquanto aprendem algo novo. A junção do movimento, ou de novos ritmos enquanto as crianças dizem as lengalengas, vão facilitar a memorização destas cantilenas.

24 de abril de 2012

A Andreia iniciou o dia conversando com as crianças, sobre o comportamento inadequado que algumas delas tiveram no dia anterior durante o recreio. Falou sobre a postura de alguns elementos da turma durante o recreio, para com os seus colegas de turma, e também com outras crianças, de outras turmas.

De seguida, dei uma aula de blocos lógicos, combinada anteriormente, com a educadora a meu pedido. Nesta aula fiz diversas perguntas ao grupo, sobre o material que estavam a utilizar, ia pedindo para as crianças irem buscar à caixa deste material, peças com determinados atributos que eu dizia.

Posteriormente, a educadora distribuiu uma proposta de trabalho, em que as crianças tinham de fazer um desenho figurativo com as peças dos blocos lógicos.

Antes da hora de almoço, a turma dividiu-se em duas parte, e um grupo foi para a biblioteca com a professora Edite, e o outro grupo foi para a sala de informática com a educadora Iva. Passado algum tempo, os grupos trocaram de atividades.

Inferências e Fundamentação Teórica

Neste dia vou salientar a conversa que a educadora teve com as crianças devido ao mau comportamento que revelaram no dia anterior. É importante que as crianças percebam os seus atos e que estes tenham consequências. Segundo Loureiro (2000, p.131), “o discurso na aula é o meio que permite criar a compreensão conjunta entre professores e alunos, marcos partilhados de referência, em que o processo básico consiste em introduzir os segundos no mundo conceptual dos primeiros.” O mesmo

autor (2000, p.131) refere ainda que os discursos dos professores “desenvolvem estratégias variadas e são determinantes para o modo de pensar dos alunos, já que estimulam neles processos de reorganização”. A educadora refletiu e conversou com as crianças sobre os seus comportamentos menos próprios e aconselhou-os a pensarem nas suas ações antes de fazerem alguma coisa.

27 de abril de 2012

A educadora Andreia iniciou a manhã dando uma aula de Domínio da Matemática com o material estruturado Tangram, onde as crianças construíram uma árvore com as peças deste material.

Em seguida, a Andreia distribuiu uma proposta de trabalho em que as crianças tinham de pintar as peças do tangram, cortá-las e colá-las numa outra folha, produzindo a forma da árvore que construíram com as peças de tangram.

Quando terminaram a proposta de trabalho referida anteriormente, a professora Iva foi buscar a turma para terem Educação Física.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao realizarem o trabalho de Expressão Plástica, as crianças tiveram de cortar as peças do tangram, colocar cola e colar as figuras, de modo a fazerem a figura da árvore. Algumas crianças tiveram dificuldades em voltar a construir a árvore com as peças de tangram que tinham de colar numa folha. Hohmann e Weikart (2009) afirmam que:

os seus interesses pessoais e as suas questões e intenções levam à exploração, experimentação e construção de novos conhecimentos e compreensões. As crianças em acção são questionadoras e inventoras. Geram hipóteses (...) e testam-nas usando e combinando materiais de forma que faça sentido para elas (p.23).

Os mesmos autores (2009, p.27) afirmam que “no sentido lato, os adultos são apoiantes do desenvolvimento e, como tal, o seu objetivo principal é o de encorajar a aprendizagem activa por parte das crianças”.

As crianças iam experimentando colocar as peças do tangram de diversas formas de maneira a obter a figura da árvore. E as crianças que sentiam mais dificuldades em realizar esta proposta de trabalho, tinham o meu apoio e o da educadora, pois íamos circulando pelas mesas para ver quem é que precisava de ajuda e de reforço positivo, para tentar terminar a construção.

6.ª Secção – Grupo dos 5 anos

1.6.1 Caraterização da turma

Esta turma é constituída por 29 crianças das quais 17 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Duas destas crianças vieram de outro Jardim-Escola, integrando-se muito bem no grupo.

Os alunos pertencem ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

1.6.2 Caraterização do espaço

A sala dos 5 anos tem acesso para o recreio da Educação Pré-Escolar através de uma porta de correr de vidro, o que permite a entrada de luz solar, e também tem janelas, o que faz com que esta sala tenha bastante iluminação. A sala tem também acesso para a outra sala dos 5 anos e para a casa de banho.

No interior desta sala encontram-se vários armários onde a educadora arruma os objetos e materiais escolares necessários para o decorrer das aulas. Há uma mesa e uma cadeira para cada aluno e para a educadora. Existe um *placard* onde é possível expor os trabalhos elaborados pelas crianças.

1.6.3 Horário da turma

Quadro 6 – Horário do grupo de 5 anos

Grupo dos 5 anos	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/ 10h00	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita
10h00/ 10h30	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Cartilha e escrita	Informática/ biblioteca
10h30 / 11h00	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Informática/ biblioteca
11h00 / 11h30	Educação Física	Matemática-material	Educação Física	Iniciação à Matemática	Recreio
11h30 / 12h00	Conhecimento do Mundo	Matemática - escrita	Educação Musical	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Recreio				
14h30 /15h00	Matemática-material	Conhecimento do Mundo	Matemática - material	Desenho / Pintura	Inglês
15h00 / 15h30	Dobragens - Fitas	Pintura/ modelagem	Matemática - material	Lengalenga - destravalingua	Inglês
15h30 / 16h00	Matemática - escrita	Desenho de série	Dobragens-fitas	Matemática escrita	Assembleia de turma
16h00 / 16h30	Desenho/ pintura	Dramatização	Dramatização	Desenho / Pintura	Assembleia de turma
16h30 / 17h00	Lanche / Saída				

Educadora: Joana

(Horário sujeito a alterações)

1.5.4 Relatos Diários

30 de abril de 2012

Como este dia antecedeu ao feriado 1 de maio, houve *roulement*, em que apenas um professor de cada ano letivo foi trabalhar. Neste dia, a educadora Joana não foi à escola e por isso o seu grupo foi para a sala da educadora Marta.

Durante a manhã, a minha colega e eu tivemos a ajudar as crianças a realizar a prenda para oferecerem no Dia da Mãe.

Posteriormente, as crianças estiveram a terminar algumas propostas de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, em seguida, foram brincar livremente para o recreio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Visto este dia ter sido véspera de feriado, muitas crianças não foram à escola, e por isso o dia foi um pouco diferente do habitual. Após os alunos terem terminado as propostas de trabalho, foram para o recreio brincar até à hora de almoço.

4 de maio de 2012

Neste dia fui assistir à aula que a minha colega deu na sala dos 5 anos da educadora Marta.

A minha colega começou por ler uma história e fez a dramatização com uns fantoches. De seguida, as crianças foram para as mesas onde realizaram uma proposta de trabalho, em que tinham de colar as palavras nas frases lacunares.

Quando passou para o Domínio da Matemática utilizou o 3.º e 4.º Dons, e fez as construções da mobília de quarto e de sala.

Na Área de Conhecimento do Mundo, mostrou um *PowerPoint* em que mostrava diversos meios de comunicação e falou das suas funções.

Posteriormente, houve uma reunião com as professoras da prática pedagógica, para falarmos sobre as aulas que decorreram.

Inferências e Fundamentação Teórica

A minha colega, ao utilizar fantoches, cativou a atenção dos alunos. Para Pereira e Lopes (2007, p.21), o fantoche “ é um objeto inanimado, mas que ganha vida e

sentido dramático quando um animador lhe dá ânimo”. Estes autores afirmam ainda que o fantoche “é um boneco cujos movimentos são controlados por um ser humano/manipulador que possui uma intencionalidade dramática”.

Os fantoches utilizados para contar a história tornaram-na mais animada e ajudaram na expressão e na comunicação. As crianças gostam que lhes contem histórias e que estas contenham elementos que não estão habituadas a ver, e contar histórias com o auxílio de fantoches é um dos momentos que lhes podemos proporcionar.

7 de maio de 2012

A educadora Joana iniciou uma aula em que utilizou o material de 3.º e 4.º Dons, mas durante a aula esta teve que se ausentar durante alguns minutos e pediu-me para continuar a sua aula e assim fiz. Quando a educadora regressou, perguntou-me se eu queria continuar ou se ela retomava a aula, e eu disse que podia continuar.

Após a aula de Domínio da Matemática, a educadora leu um livro cujo título era “Só mais uma!”.

Antes do almoço as crianças tiveram aula de Educação Física, no ginásio da ESE.

Inferências e Fundamentação Teórica

A Educação Física é muito benéfica para o desenvolvimento físico das crianças, melhorando a sua coordenação motora e os seus movimentos. Serrano (2002, p.12) afirma que a:

Educação Física serve para facilitar a educação corporal, desenvolvendo os músculos e as articulações, melhorando o funcionamento dos pulmões e do coração, contribuindo para uma atitude corporal correcta e para o desenvolvimento do ritmo e da expressão corporal. (p.12).

A prática de Educação Física permite às crianças compreenderem o seu próprio corpo, o seu desenvolvimento, mas também proporciona hábitos de vida saudável. Sanchis (2007, p.9) salienta que “os tempos de actividade motora não são apenas a ocasião de satisfazer as necessidades das crianças se mexerem, mas são também um momento de verdadeira aprendizagem”.

As aulas de Educação Física, para além do desenvolvimento físico das crianças, contribuem também para o desenvolvimento da personalidade destas, pois durante as aulas, elas aprendem regras, cooperam com os colegas, partilham e trabalham em equipa.

8 de maio de 2012

A educadora Joana iniciou a manhã com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que distribuiu uma proposta de trabalho pelas crianças, e estas tinham de preencher umas frases com lacunas, cujas palavras se encontravam num quadro por baixo das frases.

Depois da turma comer as bolachas ao meio da manhã, a docente lecionou uma aula de Domínio da Matemática, onde utilizou o material de *Cuisenaire* e fez diversas situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora pediu a ajuda de duas crianças para distribuírem as caixas do *Cuisenaire*. Arends (1995) considera que o facto de se atribuir tarefas importantes às crianças é um aspecto motivador para elas.

Contou uma história, para que as crianças ficassem atentas, pelo que considero que esta estratégia consegue captar o interesse e curiosidade das mesmas.

Os Calculadores Multibásicos são um material manipulativo bastante apelativo para as crianças devido às cores, à facilidade com que se pode trabalhar e, às suas diversas funções. Segundo Nabais (s.d., p.61), “com este simples material é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial das operações do cálculo elementar.” Este material apresenta características definidas e, com ele, podem-se desenvolver conceitos abstratos e realizar diversos exercícios.

11 de maio de 2012

A educadora deu aula de Domínio da Matemática, onde colocou diversas situações problemáticas, nas quais estavam incluídas resolução com transporte.

Em seguida, a docente distribuiu uma proposta de trabalho que continha diversas operações com transportes para as crianças realizarem.

Posteriormente, a educadora Edite veio ter com o grupo à sala para terem biblioteca, durante este tempo a educadora leu a história “O ursinho barulhento”.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças, ao realizarem as propostas de trabalho, com a matéria que a educadora lecionou, vão-se aperceber das dificuldades que têm, para que consigam ultrapassá-las sozinhas ou com a ajuda da educadora. Segundo Figueiredo (2005):

parece certo que toda a organização precisa de um mecanismo que lhe garanta que os seus objectivos estão a ser atingidos, que lhe aponte como recuperar se algo não vai bem e que a incentive a buscar novas técnicas que possam corrigir tais falhas. Esse é, sem dúvida, o papel que a avaliação deve assumir numa pré-escola; para bem cumpri-lo não é suficiente julgar o desenvolvimento das crianças. (p. 40)

Para além das crianças, a educadora também se vai aperceber onde é que estas têm dificuldades, para que possa intervir, de modo a explicar novamente a matéria ou de uma outra forma para que a criança consiga compreender o tema que ainda não tinha conseguido entender.

14 de maio de 2012

Neste dia, as crianças começaram por realizar propostas de trabalho que ainda não tinham sido terminadas, de aulas anteriores. Ao mesmo tempo ia chamando algumas crianças para irem à Cartilha Maternal.

Depois de regressarem do recreio, as crianças dirigiram-se para o ginásio, onde estava um senhora a explicar quais os benefícios e os problemas que o sol pode causar nas pessoas, e os cuidados que devemos ter, principalmente quando vamos para a praia.

Inferências e Fundamentação Teórica

A educadora, durante as idas dos grupos à Cartilha, foi sempre carinhosa, motivando as crianças a aprender, e reforçando-as positivamente sempre que liam uma palavra. Considero este reforço fundamental, pois as crianças vão-se sentir motivadas para aprender. Para Vieira e Teixeira (2002), é importante o reforço das pequenas conquistas que as crianças forem fazendo, uma vez que aprender exige disponibilidade afetiva, esforço e atenção.

João de Deus (citado em Vieira & Teixeira, 2002, p.119) menciona que “podeis lisonjear o aluno mostrando-lhe em qualquer livro ou página de boa letra o muito que ele já sabe.”

Penso que é benéfico a iniciação à leitura acontecer na Educação Pré-Escolar, uma vez que, regra geral, as crianças aos cinco anos estão preparadas para desenvolver competências e capacidades referentes à leitura e à escrita. Mata (2006) afirma que:

o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução formal. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura e escrita, em contextos informais, tais como a sua casa (...). As crianças desenvolvem um trabalho crítico e cognitivo sobre a literacia desde muito cedo e não somente aos 6 anos. A abordagem à leitura e escrita deve ser feita de forma sequencial e lógica para a criança (p.18).

Mira (1995, p.13) refere que “o Método João de Deus parte de estruturas simples e significativas, para outras mais complexas que contêm as primeiras e para tal, escolheu metodicamente palavras de uso comum para cada lição.”

Quando uma criança lê uma palavra, a educadora pede-lhe que elabore uma frase com a mesma.

A construção de uma frase, após a leitura da palavra, é uma ótima estratégia, pois ajuda a criança a desenvolver o seu vocabulário, a expressão oral, a construção frásica e a compreender o seu significado.

15 de maio de 2012

Neste dia dei uma aula durante toda a manhã. Comecei com Iniciação à Matemática, em que utilizei o material matemático *Cuisenaire*. Com este material as crianças relembaram os valores de cada peça e resolveram algumas situações problemáticas.

Em seguida, contei uma história e pedi a ajuda a algumas crianças para dramatizar a história com uns fantoches que eu executei.

Posteriormente, separei a turma em sete grupos, e cada grupo tinha um puzzle com uma imagem de um meio de comunicação. Quando terminaram as construções dos puzzles, falámos sobre os meios de comunicação que eles conhecem, e quais eram os que eles tinham maior contacto. Antes do almoço realizaram uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação Teórica

Quando separei a turma em sete grupos, para cada um deles construir o puzzle, houve alguma agitação e barulho, pois todas as crianças queriam construir o puzzle.

Então nomeei um chefe para cada grupo e esse chefe teve que dividir tarefas pelos restantes colegas. Carvalho (2002, p.175) declara que “durante a execução de uma tarefa, os alunos cooperam mais ou menos para um objectivo comum, entram muitas vezes em conflito e comunicam entre si livremente”.

Com o objetivo de terminar com o barulho existente e para captar a atenção das crianças, tentei falar com elas fazendo inflexões de voz, visto que é uma forma de conseguir a atenção das pessoas com quem estamos a trabalhar. Jensen (2002, p.83) afirma que “uma mudança na tonalidade de voz, ritmo, volume ou sotaque podem prender a atenção”. Para além das inflexões de voz, também circulei pelo espaço em que os grupos estavam a montar os puzzles, para conseguir captar a atenção das crianças, aliando as inflexões de voz.

18 de maio de 2012

A educadora distribuiu as capas, onde as crianças guardam os trabalhos que não foram terminados, para que elas os acabem.

Em seguida, a educadora Iva veio buscar o grupo para ter Informática. Quando regressaram, a Joana deu uma aula de Domínio de Matemática e utilizou o material estruturado geoplano.

Inferências e Fundamentação Teórica

O material utilizado pela educadora, é benéfico para desenvolver diversas competências como a lateralidade, ou mesmo para abordar as formas geométricas, simetrias, entre outras coisas. Segundo Serrazina e Matos (1996, pp.13-14), “os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos”.

Os mesmos autores mencionam que:

uma das vantagens do geoplano é a sua mobilidade, o que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições. Outra das vantagens específicas do geoplano é que, ao contrário da folha de papel é um aparelho dinâmico, permitindo desenhar e apagar facilmente (pp.13-14).

As crianças ficaram muito entusiasmadas ao utilizarem este material, pois no fim de explorarem as figuras geométricas com a educadora, esta disse às crianças que tinham de fazer uma casa, que tivesse telhado, tinha de haver nuvens, e se elas quisessem podiam fazer mais alguma coisa, então para elas era como se estivessem a desenhar, mas através de elásticos. As crianças ficaram muito contentes quando

mostraram o geoplano umas às outras, e perceberam que apesar de terem feito o que a educadora pediu, alguns estavam muito diferentes dos outros.

21 de maio de 2012

As crianças começaram o dia a partilhar com os colegas, o que fizeram durante o fim de semana. Logo de seguida, a educadora pediu à estagiária que desse uma aula surpresa, em que a partir de uma imagem, ela e as crianças tinham de inventar uma história. A estagiária impôs algumas regras de modo a conseguir controlar as crianças, e para que a aula decorresse sem confusão.

Quando a Ana terminou de lecionar a aula, a educadora distribuiu uma proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo, sobre os estados da água.

Após terminarem a proposta de trabalho, as crianças dirigiram-se para o ginásio, para terem Educação Física.

Inferências e Fundamentação Teórica

A atividade que a Ana teve que fazer poderia suscitar algum barulho e alguma confusão, devido ao entusiasmo das crianças para participarem na construção da história. De modo a conseguir manter o controlo na sala de aula, a estagiária estabeleceu algumas regras, antes de iniciar a atividade. Pato (1995, p.50) refere que “é indispensável que os alunos contem, desde o começo, com algumas (poucas) regras, básicas e funcionais”.

A mesma autora (p.50) afirma ainda que o trabalho em grupo “é, em si mesmo, motivador da aprendizagem de crianças (...) é imprescindível que os alunos vivam situações de alegria”.

Considero muito importante a realização de atividades que envolvam toda a turma, não só para fomentar o espírito de entreajuda, mas também para que as crianças se respeitem umas às outras.

22 de maio de 2012

A manhã foi iniciada com a elaboração de uma proposta de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, cujo objetivo era ler um texto e outro exercício era juntar sílabas para formar palavras.

Depois das crianças comerem as bolachas ao meio da manhã, a educadora deu uma aula de Iniciação à Matemática, utilizando Blocos Lógicos, onde reviu os conceitos de reunião, é pertence e não pertence, através de conjuntos.

Inferências e Fundamentação Teórica

As crianças ao lerem o que vem escrito na proposta de trabalho, estão a desenvolver diversas competências segundo Rebelo, Marques e Costal (2000) são:

(i) domínio da coordenação óculo-vocal e treino da memória imediata: a leitura em voz alta é uma situação de comunicação oral e subentende a presença de uma audiência; (ii) domínio da entoação significativa: o objetivo da leitura em voz alta consiste em recuperar pela oralização a entoação significativa da fala e as interpretações possíveis que ela sugere (pp.123-124).

A leitura em voz alta, feita pelas crianças, é muito positivo, pois vai estimular as crianças que ainda não conseguem ler, pois vão se aperceber que quando já conseguirem ler sem ajudas, vão poder ler tudo o que quiserem sozinhos, e também vai estimular que lê, pois estas crianças vão se aperceber que trabalharam muito para aprenderem a ler, mas que valeu a pena, uma vez que já o conseguem fazer sem ajuda.

26 de maio de 2012

Neste dia, a educadora Joana começou a manhã, dando uma aula de Domínio da Matemática, utilizando o material estruturado *Cuisenaire*. Passado algum tempo, as educadoras Iva e a Edite foram buscar as crianças, para metade da turma ter informática e a outra metade ter biblioteca.

Posteriormente, a educadora deu continuidade à aula com o material estruturado, *Cuisenaire*, com o qual tinha iniciado a manhã.

Antes da hora do almoço, a educadora deu a cada criança uma proposta de trabalho, em que havia um exercício cujo objetivo era copiar algumas frases, e outro exercício era para as crianças escreverem a palavra corretamente de baixo da imagem correspondente.

Inferências e Fundamentação Teórica

Transcrever frases ou palavras é fundamental para que as crianças exercitem a escrita. Para Condemarin e Chadwick (1987):

a cópia também favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações. A linguagem escrita possui uma sintaxe que lhe é própria e que nem sempre reproduz a fala, como é o caso dos relatos de experiência.

A cópia favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo. (p. 182)

A cópia, para além de exercitar a escrita, também é benéfica para a aquisição de novas palavras ou mesmos para as crianças saberem escrever corretamente as palavras que utilizam no seu quotidiano.

28 de maio de 2012

Neste e dia a minha colega de estágio deu uma programada sobre o ciclo da água e a professora Isabel Ruivo foi assistir.

Começou pelo Conhecimento do Mundo, onde explicou o ciclo a água através da elaboração de um esquema em cartolina. As crianças tinham o mesmo esquema, e tinham de colar as setas no lugar correto. Em seguida, deu uma aula com o 3.º e 4.º Dons de Froebel, colocando algumas situações problemáticas. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, colocou uma música e cantou com o grupo. Em seguida, distribuiu uma proposta de trabalho às crianças e estas tinham de escrever as palavras corretas nos espaços lacunares.

Posteriormente dei aula de Educação Física, porque o professor não estava disponível e perguntou-me se podia dar a aula. Quando terminei esta sessão, fui para a reunião com as professoras da prática pedagógica, onde falámos das aulas que as minhas colegas estagiárias deram.

Inferências e Fundamentação Teórica

Considero as reuniões da Prática Pedagógica fundamentais, pois torna o aluno estagiário mais consciente e atento à sua formação. Alves (2002, p. 138) defende que “à escola caberá, então, interrogar-se sobre os saberes indispensáveis ao exercício dessa atividade profissional, e sobre a melhor forma de transmitir e avaliar com eficácia esses saberes”.

Estas reuniões também são benéficas, devido ao facto do aluno estagiário fazer a sua autoavaliação, e refletir sobre a sua aprendizagem e sobre a sua competência, de modo a que se apercebam onde é que podem melhorar a sua prestação.

29 de maio de 2012

Neste dia fui eu que dei as aulas durante a manhã. Como combinado com a educadora Joana, o tema desta aula foram os cuidados a ter na praia. Comecei pelo Domínio da Matemática, em que o material utilizado foram os algarismos móveis. Ditei diversas situações problemáticas para os alunos poderem realizar as operações com os algarismos.

De seguida, passei para o Conhecimento do Mundo e para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que mostrei um *PowerPoint* sobre os cuidados a ter na praia e pedi a algumas crianças para lerem o que estava no *PowerPoint*. Para finalizar distribui uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao planificar uma aula, um docente tem de programar o que se vai dizer, para que a exposição do tema não seja demasiado longa. Estanqueiro (2010, p.34) declara “o tempo dedicado à exposição oral depende da matéria, dos objectivos da aula e do nível de escolaridade dos alunos. Com alunos mais novos, a exposição terá que ser mais breve”.

É o professor que gere e organiza o caminho que a sua aula vai levar, tendo em conta sempre os interesses das crianças. Pacheco (1999, p.174) defende que “o professor, além de uma função instrutiva, desempenha uma função de organização e gestão da turma”. O educador, ao planificar a sua aula, deve dividi-la em três partes: introdução do tema, desenvolvimento e conclusão. Pacheco (1999, p.174) defende que “o professor, para um melhor sucesso didático, necessita de dividir a aula em três fases nucleares: introdução; desenvolvimento; e conclusão”.

1 de junho de 2012

No dia da criança, a educadora conversou com as crianças e disse-lhes como era um dia especial, elas podiam escolher o que fazer neste dia. Então aquelas crianças decidiram ir brincar para o fundo da sala com legos, livros e outros jogos, e outras crianças preferiram fazer desenhos. Passado algum tempo, as educadoras Iva e Edite foram à sala do grupo dos 5 anos e disseram que neste dia iam todos para o recreio, onde a educadora Susana contou uma história e posteriormente as crianças foram jogar à bola.

Inferências e Fundamentação Teórica

Este dia foi repleto de brincadeiras, em que houve momentos durante a manhã que foram as crianças que escolheram o que queriam fazer. Hohmann e Post (2003) afirmam que:

Cada criança escolhe aquilo que está de acordo com os seus interesses, inclinações pessoais e, ainda, com o seu nível de desenvolvimento. O tempo de escolha livre proporciona às crianças um período de exploração e de brincadeira sem qualquer tipo de interrupções (p.249).

Durante este tempo em que brincaram livremente pela sala, muitas crianças interagiram com a educadora, de modo a que também ela entrasse na brincadeira. Os mesmos autores mencionam ainda que:

Durante o tempo de escolha livre, os educadores ficam física e emocionalmente disponíveis para observarem e interagirem com as crianças. Ao mesmo tempo, respeitam a necessidade que as crianças têm em explorar e brincar ao seu próprio ritmo com pessoas e materiais que lhes interessam particularmente (251).

Na minha opinião, a educadora deve interagir e brincar sempre que possível com as suas crianças.

4 de junho de 2012

Logo pela manhã a educadora distribuiu uma proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo, sobre os Direitos das Crianças. Nesta proposta, as crianças tinham de pintar uma imagem e copiar uma frase.

Enquanto os elementos da turma realizavam a proposta, eu ia chamando um a um, ao pé de mim, para lerem um pequeno texto.

De seguida, as crianças foram para o ginásio onde tiveram aula de Educação Física.

Inferências e Fundamentação Teórica

Pretendo salientar a importância do exercício da leitura, que deve ser praticado frequentemente, tendo em conta que é uma forma de estimular e desenvolver algumas características fundamentais como por exemplo, a linguagem, a memória, o vocabulário e a reflexão. Para Gray (citado por Ministério da Educação, 1998, p.177):

Ler bem não significa somente identificar palavras e aprender ideias, mas também meditar sobre elas, discernir as relações e o sentido implícito. Para ser

capaz de servir-se das ideias, o leitor deve refletir sobre aquilo que lê, pesar o seu real valor, apreciar a validade das opiniões ou conclusões expressas.

O educador deve criar estratégias diferentes, que não sejam monótonas, de modo a formar crianças que criem o gosto pela leitura para que mais tarde estas sejam cultas e bem falantes.

5 de junho de 2012

A educadora Joana iniciou a manhã dando aula de Domínio da Matemática, em que utilizou o material estruturado, Calculadores Multibásicos. Nesta aula, a educadora ditou algumas situações problemáticas, de modo a que as crianças exercitassem o cálculo mental, mas também realizou diversos exercícios de leitura de números.

Inferências e Fundamentação Teórica

Com os Calculadores Multibásicos pode-se trabalhar diversas situações problemáticas, tais como as quatro operações. Nabais (s. d.) define o Calculador Multibásico:

O Calculador Multibásico é constituído por três placas, com cinco orifícios cada uma, e 50 elementos em seis cores diferentes: 10 amarelas, 13 verdes, 13 encarnadas, 10 azuis, 2 cor de rosa e 2 cor de lilás. Estes elementos encaixam uns nos outros, bem como nos orifícios das placas. (p.55)

Para além de se poder trabalhar as situações problemáticas, este material também serve para a realização da leitura de números por classes, por ordens, nas diferentes bases de numeração (sendo que numa fase inicial do uso deste material, a primeira leitura que se faz, uma vez que ainda não se usa a base dez, é a leitura por cores). Nabais (s. d.) refere que este material é:

Um meio de fácil concretização da aritmética na escola primária. Um material polivalente para a descoberta da matemática nas escolas secundárias: ideal para a introdução da criança na numeração (diferentes bases), bem como no algoritmo das operações aritméticas. (p.55)

Estes materiais são muito úteis, pois facilitam a aprendizagem dos conteúdos. Contudo, é necessário que o educador tenha a formação necessária, para ajudar as crianças a perceberem quais são as regras de cada material, para que posteriormente, quando as crianças passarem para o nível de aprendizagem seguinte, em que já não precisam dos materiais, continuem a ter o mesmo raciocínio, mas de um modo abstrato.

8 de junho de 2012

Neste dia a educadora Joana teve o grupo da educadora Marta na sua sala, uma vez que foi dia de *roulement*.

Joana conversou com as crianças, perguntando o que é que elas tinham feito durante o feriado. Passado algum tempo a educadora Iva veio buscar a turma da Joana para irem à Informática, como de habitual. As crianças do outro bibe azul permaneceram na sala, e realizaram uma proposta de trabalho.

Posteriormente, as crianças do grupo dos 5 anos foram para o recreio brincar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Brincar livremente permite que as crianças desenvolvam habilidades básicas e até mesmo adquirir novos conhecimentos através do processo de socialização. Cordeiro (2008, p.334) defende que “o jogo, especialmente na versão faz-de-conta, oposição e limite, e porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar e lidar com sentimentos”.

Este momento de brincadeira ao ar livre constitui uma forma de relaxamento.

11 de junho de 2012

Nesta manhã procedeu-se à com a concretização de uma proposta de trabalho de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Por volta das 11 horas, a professora Isabel Ruivo entrou na sala e disse que neste dia eu iria dar uma aula de Calculadores Multibásicos, e explicou-me o que é que eu deveria abordar durante a aula. Posteriormente, houve uma reunião com a professora Isabel, com algumas estagiárias que também deram aula neste dia e comigo. Nesta reunião foram abordados os aspetos positivos e negativos das aulas e ainda foram sugeridas outras estratégias que também poderiam ser adotadas.

Inferências e Fundamentação Teórica

As estratégias utilizadas enquanto se dá uma aula devem ter em conta a idade das crianças e a turma em particular, uma vez que todas as turmas são diferentes devido à heterogeneidade dos elementos que a constituem. No entanto, não basta expor bem a matéria, para que a criança se sinta atraído por esta, para querer saber sempre mais. É necessário que as crianças percebam que os educadores/professores

depositam esperanças e expectativas nelas. Cunha (1996, p.60) aborda o efeito de Pigmaleão, em que “se eu estou convencido que o aluno pode, ele poderá; se eu espero que aprenda, ele aprenderá; se eu confio em que ele estude, ele estudará”. A criança percebe que o docente tem expectativas em relação a si, através do olhar, de um sorriso, ou mesmo por ser chamado ao quadro. O mesmo autor (1996, p.61) refere ainda que a ausência de esperança também se transmite “quando nunca me lembro do nome do aluno, quando nunca o chamo, ou até quando lhe digo logo à partida «que o melhor é nem tentares porque tu não és para isto»”.

Na minha opinião, o docente deve incentivar sempre a criança a tentar, a mostrar-lhe de que este é capaz de fazer ou de entender a matéria que está a ser ensinada. Sempre que possível, o educador deve fazer um reforço positivo às crianças, para que estas percebam que são importantes e que não podem desistir só porque não conseguiram concretizar algo à primeira tentativa.

12 de junho de 2012

Neste dia, a educadora começou a distribuir às crianças algumas propostas de trabalho que estas já tinham realizado, para que pudessem corrigir os erros.

Posteriormente a educadora conversou com as crianças sobre os Santos Populares, pois no dia seguinte seria feriado. Após a educadora explicar o motivo de ser feriado, o grupo fez alguns manjericos, em que a minha colega Ana e eu, auxiliámos na elaboração desta atividade.

Ainda neste dia, a educadora Joana propôs que eu planeasse a realização de uma atividade matemática que estivesse relacionada com o feriado, para as crianças concretizarem na sexta-feira seguinte.

Inferências e Fundamentação Teórica

Quando a educadora propôs que eu organizasse uma atividade matemática disse-me que esta devia ser lúdica e didática. O educador é a pessoa que torna as matérias divertidas e faz com que as crianças gostem desta. Cunha (1996, p.60) salienta a opinião de uma criança que afirmou “o bom professor é o que nos faz gostar da matéria”. O professor não serve para entreter, nem para obrigar a estudar, mas sim para demonstrar que as matérias que estão a ser ensinadas são interessantes e que os alunos podem utilizá-las no seu quotidiano e que podem aprender sempre mais. O mesmo autor (1996, p.60) afirma que “o bom professor é aquele que apresenta de tal

modo a matéria que eu me sinto fascinado por ela e mobilizo as minhas forças e os meus recursos para a conhecer e gozar”.

O educador/professor deve incutir a autonomia nos alunos de modo a que estes percebam que devem estudar porque gostam da matéria, ou porque esta é necessária diariamente, e não porque são obrigados a fazê-lo.

15 de junho de 2012

Logo pela manhã, as crianças tiveram aula de Informática e biblioteca. Quando regressaram comeram bolachas e foram brincar para o recreio.

Ao voltarem para a sala de aula, distribui uma proposta de trabalho de Domínio da Matemática, relacionada com os Santos Populares.

Inferências e Fundamentação Teórica

É natural que as crianças não consigam estar muito tempo concentradas a realizar uma tarefa, sendo elas todas diferentes, tendo ritmos de trabalhos, e dificuldades, diferentes umas das outras. Marques (2001) afirma que:

A disciplina depende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula e de uma adequada gestão do tempo (...). Nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala, coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral (p.34).

Deste modo, enquanto ia distribuindo as propostas de trabalho, ia estabelecendo regras. Este procedimento deve ser estabelecido de acordo com cada situação, e para cada turma em particular.

Também é muito importante que as regras combinadas sejam postas em prática, para que as crianças percebam que as regras existem e têm de ser cumpridas. Desta forma é possível controlar o desenrolar da aula.

18 de junho de 2012

Neste dia, as crianças da Educação Pré-Escolar foram fazer uma visita de estudo. Contudo, decidi não ir visto que neste dia iam decorrer as Provas de Aptidão Profissional no 1.º Ciclo e eu achei melhor assistir. Então passei a manhã na sala do 2.º ano, com a professora Fernanda.

A professora começou por distribuir pelos alunos algumas propostas de trabalho com exercícios de ortografia e também fizeram exercícios de leitura.

De seguida, os alunos foram para o recreio, enquanto uma estagiária arrumava a sala para a sua prova. O tema da sua aula foi a Disney, em que explicou aos alunos o aparecimento dos desenhos animados e a sua evolução. Através deste tema a minha colega abordou as áreas de Língua Portuguesa, de Matemática e de Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Neste dia, as crianças da Educação Pré-Escolar foram visitar uma quinta. Para Almeida (1998, p.51), uma visita de estudo é “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objetivos educativos mais amplos ao mero convívio entre professores e alunos”. Segundo o autor Krepel (citado por Almeida, 1998, p.51), uma visita de estudo é “uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais”. Brehm (mencionado por Almeida, 1998, p.51) refere que uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola que “não tem obrigatoriamente de se realizar num local distante, pois pode visitar-se no meio envolvente à escola”.

Em relação aos locais a visitar é necessário fazer uma escolha criteriosa. Segundo Almeida (1998), os locais que se podem visitar são imensos, dando alguns exemplos:

Parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos, percursos urbanos, museus, monumentos, institutos de investigação e fábricas, podendo por isso decorrer em locais abertos ou fechados (p.51).

Apesar de não ter ido na visita de estudo, penso que o local foi muito bem escolhido, pois as crianças viram imensos animais e puderam interagir com eles. No outro dia em que fui estagiar as crianças contaram-me o que tinham feito na visita e o que tinham visto. No final da conversa deu para perceber que toda a turma tinha gostado muito de ir à quinta pedagógica.

19 e 22 de junho de 2012

Nesta manhã, as crianças realizavam algumas propostas de trabalho para rever a matéria que a educadora tinha ensinado, e para treinarem a escrita, e consequentemente a leitura. Enquanto o grupo realizava as propostas, as minhas colegas, que estavam a estagiar na outra sala dos 5 anos, e eu pintámos umas

prendas para as educadoras oferecerem às crianças como prendas de despedida, no final do ano letivo.

Inferências e Fundamentação Teórica

Sempre que possível, o educador deve confirmar as aquisições dos conhecimentos das crianças, através da concretização de uma proposta individual. Segundo Pires (citado por Abreu, 2005, p.33), “o trabalho individual, que pode ser mais guiado ou mais livre, é importante para o treino e consolidação das aquisições”. Através da elaboração destas propostas de trabalho, o educador consegue perceber a evolução de cada criança, consegue perceber se os métodos que está a utilizar estão de acordo com as carências das crianças e se necessário pode adaptar os seus métodos de ensino às necessidades das crianças.

29 de junho de 2012

Neste dia realizei a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), teve início às 11 horas e terminou às 12h15m. Comecei pelo Domínio de Conhecimento do Mundo, em que mostrei um mapa-mundo, para as crianças localizarem Portugal, e posteriormente mostrei um mapa de Portugal feito por mim, em esferovite. Neste mapa, as crianças localizaram a capital do país e as suas ilhas. Falei sobre diversas características como a gastronomia e levei um bolo típico, pastéis de nata, para comerem e, enquanto comiam o bolo, tocava uma música portuguesa. Mostrei também uma bandeira de Portugal.

Em seguida, passei para a aula de Domínio da Matemática, onde utilizei o tangram, para realizar a construção do barco e do retângulo. Enquanto fazia construção do barco falei um pouco sobre o passado dos portugueses, que descobriram diversos países que ainda ninguém sabia que existiam. Também fiz algumas situações problemáticas para os alunos resolverem.

Para terminar a minha aula distribui uma proposta de trabalho com um texto lacunar, e com um quadro com as respetivas palavras que faltavam no texto. As crianças leram as palavras do quadro e com a minha ajuda preencheram as lacunas. No final saímos da sala a cantar uma música, até ao recreio onde se realizou um pequeno jogo.

Inferências e Fundamentação Teórica

A Prova Final foi assistida pela educadora cooperante e por duas Professoras da Supervisão da Prática Pedagógica.

O tema que escolhi para esta aula foi Portugal, porque considero muito importante as crianças saberem características do seu país, como, por exemplo, qual a capital de Portugal ou alguns pratos gastronómicos que foram abordados durante a aula. Através desta aula deu para perceber os conhecimentos que as crianças tinham do seu país, uma vez que eu tentava apelar aos conhecimentos apreendidos anteriormente por elas. Os alunos ficaram muito entusiasmados quando viram o mapa de Portugal que fiz em esferovite, pintado com cores chamativas e coloridas.

CAPÍTULO 2

Planificações

2.1 Descrição do Capítulo

Neste capítulo é feita a fundamentação teórica relativa à planificação, abordando a preparação das aulas e as respetivas fundamentações teóricas.

O capítulo apresenta-se dividido em três partes. A primeira parte expõe a organização do capítulo. Posteriormente está a fundamentação teórica, que tem uma reflexão dos conteúdos teóricos, enquadrados na Lei de Bases do Sistema Educativo e nas Orientações Curriculares da Educação do Pré-Escolar, assim como alguns autores importantes na temática da planificação.

Na terceira parte deste capítulo estão 3 planificações baseadas no Modelo T da Aprendizagem, utilizados no Jardim-Escola, acompanhadas de inferências e de fundamentações teóricas. As três planificações são compreendidas em três áreas distintas: Domínio da Matemática, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Conhecimento do Mundo.

2.2 Fundamentação Teórica

Para o educador, a planificação tem que ter em atenção o desenvolvimento do processo de ensino e da aprendizagem, os conhecimentos e as competências que as crianças já têm adquiridas. O docente deve planificar atividades que englobem os diversos objetivos e ofereçam aprendizagens nos vários domínios curriculares.

Escudero (citado por Zabalza, 2000) garante que a planificação envolve:

prever possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp.47 - 48)

O docente pensa sobre a sua prática, ao planificar, utilizando os seus conhecimentos para traçar um plano que vai orientá-lo nas suas ações em sala de aula. Arends (1999, p.67) afirma que “a planificação inclui-se num dos aspetos mais importantes do ensino, porque determina em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas”.

A planificação é um utensílio essencial para a organização de conteúdos, e também simplifica e torna mais fiável o trabalho do educador. Para Altet (2000, p.113), os professores ao planificarem, “reúnem a documentação, definem os objetivos, escolhem um método, optam por determinadas estratégias e determinado material e

desta forma constroem um cenário que determina as interações que irão desenrolar na aula”.

Nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997, p.26) está referido que “planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização”.

O docente tem um papel muito importante ao planificar as suas aulas para a turma, mas a escola também tem a função de planificar enquanto grupo.

A escola deve ajustar e integrar o seu projeto à sociedade e à cultura em que está inserida. Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997, p.33), “localidades de onde provêm as crianças que frequentam um determinado estabelecimento de educação pré-escolar, a própria inserção geográfica deste estabelecimento – tem também influência, embora indireta, na educação das crianças”.

Cada escola é responsável pela gestão, e pelas decisões a partir das quais elabora um Projeto Geral, através do qual se realiza a elaboração do Projeto Curricular de Grupo. A Circular n.º 17/2007 descreve o Projeto Curricular de Grupo como um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola.”

Já o professor deve adaptar esse currículo à turma com que vai trabalhar ao longo do ano letivo. Vasconcelos (2008, p.81) defende que um efetivo gestor do currículo, que toma posse do documento existente, reedifica-o, conferindo-lhe intencionalidades próprias, de forma a estar adequado às crianças que serve e aos conceitos que insere, dando origem à planificação do Projeto Curricular de Turma/Grupo. Segundo a Circular n.º 17/2007, o documento referido anteriormente, é apresentado como “o documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projeto Curricular de Estabelecimento/ Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma”.

O Ministério da Educação (1997) realça que:

Planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades. (p. 26)

Peterson, Marx & Clark (citados por Zabalza 2000, p. 54) constataram que os educadores/professores destinam a maior parte do seu tempo a decidir os conteúdos que vão lecionar. De seguida, pensam nos processos instrutivos, ou seja, nas estratégias e atividades que vão realizar e por último concentram-se nos objetivos.

Contudo, é fundamental realçar que cada planificação tem o seu tempo e momento para ser preparada e realizada.

É através do currículo oficial que se efetuam alterações e adaptações curriculares específicas, como o desenho curricular da instituição. O desenho curricular adotado pelos Jardins-Escola João de Deus é o modelo T de aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez. Este modelo tem a denominação de modelo T, porque tem forma de T no campo de conteúdos e procedimentos/ métodos, assim como forma de T nos objetivos (capacidades/destreza e valores/ atitudes).

Pérez (s. d., p.40) declara que “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar”.

De acordo com Pérez (s. d., p.40), o modelo referido anteriormente inclui os seguintes constituintes:

Capacidades/destrezas – indicam os objetivos fundamentais que queremos desenvolver;

Valores/atitudes – mostram os objetivos fundamentais efetivos que pretendemos desenvolver;

Procedimentos/métodos – apresentam-se como forma de executar para serem apreendidas no decorrer do ano letivo.

Quadro 7 – Exemplo de uma Planificação no Modelo T de Aprendizagem

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos - Métodos
Objetivos	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes

As planificações que elaborei são referentes a um tipo de planificação de curto prazo, mais especificamente para aulas com a duração de 20/30 minutos, ou para toda a manhã (4 horas). Deste modo, apesar do modelo seguido ter sido de Pérez, este

autor considera uma planificação curta, aquela que tem a duração mínima de 6 semanas.

No final de todas as planificações encontra-se uma nota que diz que a planificação está sujeita a alterações consoante o decorrer da aula. Esta nota possibilita modificar a linha pela qual a aula está a ser dirigida caso seja necessário.

Este modelo dá-nos uma visão total do trabalho a realizar na aula durante determinado tempo, beneficiando a educação dos alunos.

Clark e Yinger (citados por Zabalza 2000) perguntaram a alguns docentes qual a importância de planificar. Das várias respostas distinguem-se dois grupos: um defende a definição dos objetivos que as crianças alcançam ao adquirirem os conteúdos, os materiais que se devem utilizar, como se organizam as atividades e para quanto tempo; o outro grupo dá maior interesse em como dispor os alunos, iniciar atividades e avaliar, entre outros.

É fundamental que cada professor planeie as suas aulas para a turma com que vai trabalhar ao longo do ano, mas este, não se pode esquecer que cada aluno é um ser individual, com facilidades e dificuldades de aprendizagens diferentes dos outros. Deste modo é importante que o docente tenha em atenção aquele que vai aprender, adotando metodologias de ensino apropriadas para o aluno.

Perante as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p.26), planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades”.

O educador/professor tem um papel de extrema importância no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que é ele que leva ao desenvolvimento das crianças. Estas serão mais autónomas no processo de construção e aquisição de planos e situações a desenvolver. O professor tem o dever de ajudar as crianças a encontrarem soluções para as problemáticas que forem surgindo.

2.3 Planificações

2.3.1 Domínio da Matemática

Quadro 8 – Plano de aula no Domínio da Matemática

Jardim-Escola Mestrado em Educação Pré-Escolar 2011/2012 Plano de aula	
Data: 24 de abril de 2012	
Educadora: Andreia	Aluna Estagiária de Mestrado: Raquel Capaz N.º18
Turma: 4 anos	Duração: 20 minutos
Domínio da Matemática	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none">❖ Blocos Lógicos:❖ Formas geométricas;✓ Cores;✓ Espessuras;✓ Tamanhos.	(Organização do espaço de aula) <ul style="list-style-type: none">❖ Distribuir o material pelos alunos;❖ Questionar os alunos sobre os atributos das peças deste material.❖ Realizar um jogo com as peças dos blocos lógicos onde eu peço aos elementos de cada mesa para levantarem uma peça com um ou dois atributos diferentes.
Objetivos	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">❖ Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none">✓ Comparar;✓ Diferenciar.❖ Classificar:<ul style="list-style-type: none">✓ Identificar.	<ul style="list-style-type: none">❖ Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none">✓ Atenção;✓ Empenho.❖ Respeito:<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Conviver.
Material: Blocos Lógico, tabela para assentar os pontos de cada mesa.	
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem	
Nota: Esta planificação está sujeita a alterações consoante o decorrer da aula.	

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta aula as crianças permaneceram sentadas nos respectivos lugares, nas mesas. Organizei o espaço de aula desta forma por ser a maneira mais fácil dos alunos poderem mexer no material sem grandes dificuldades, e para que todos os alunos tivessem acesso ao material de igual forma.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções das educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais”.

Em seguida, fiz diversas questões às crianças, sobre o material estruturado, Blocos Lógicos que utilizei para lecionar a aula de Domínio da Matemática.

O National Council of Teachers of Mathematics (2000, mencionado por Fernandes e Cardoso, s. d.) evidencia:

a importância da Matemática como uma linguagem capaz de provocar comunicação de muitas e variadas formas, das quais destaca: i) relacionar materiais físicos, figuras e diagramas com as ideias matemáticas; ii) reflectir e clarificar o seu próprio pensamento sobre ideias e situações matemáticas; iii) relacionar a linguagem comum com a linguagem matemática e com os símbolos. (p.7)

Coloquei perguntas sobre os atributos das peças do material estruturado que estava a ser utilizado.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007, p.74), a classificação constitui a base para “agrupar os objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto”.

Por último, realizei um jogo com as crianças, em que eu dava um ou dois atributos diferentes e o grupo a quem eu me dirigia tinha de levantar uma peça com essas características. Alsina (2004, p.6) menciona que “o jogo é um recurso de aprendizagem indispensável ao ensino da Matemática”. Bettelheim (citado por Alcina, 2004, p.7) diz que “o mundo lúdico das crianças é tão real e importante para elas como é, para o adulto, o mundo do trabalho e, conseqüentemente, dever-se-á conceder-lhe a mesma dignidade”.

2.3.2 Conhecimento do Mundo

Quadro 9 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola	
Mestrado em Educação Pré-Escolar	
2011/2012	
Plano de aula	
Data: 15 de maio de 2012	Aluna Estagiária de Mestrado: Raquel Capaz N.º18
Educadora: Joana	Duração: 30 minutos
Turma: 4 anos	
Conhecimento do Mundo	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos - Métodos
❖ Meios de comunicação	(Organização do espaço de aula) <ul style="list-style-type: none"> ❖ Mostrar várias imagens, relacionadas com a história que foi contada no domínio da linguagem oral; ❖ Explorar as imagens, questionando as crianças sobre os meios de comunicação que conhecem; ❖ Formar sete grupos de quatro elementos, eleger o chefe de grupo. Cada grupo tem de montar um puzzle, e colá-lo numa folha; ❖ Colar a folha que tem o puzzle, de cada grupo, numa cartolina.
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Observar: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Analisar; ✓ Identificar; ❖ Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender; ✓ Relacionar; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Estar atento; ✓ Respeito; ❖ Participação <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cooperação; ✓ Saber ouvir
Material: Imagens, puzzle, folhas, cartolina.	
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem	
Nota: Esta planificação está sujeita a alterações consoante o decorrer da aula.	

Inferências e Fundamentação teórica

Iniciei a aula organizando o espaço, em que pedi às crianças para se sentarem no chão em semicírculo, para mostrar diversas imagens relacionadas com uma história que contei na aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que falava dos Meios de Comunicação.

Para Cury (2004, p.124), sentar as crianças em u, em círculo ou semicírculo tem como objetivos “desenvolver segurança; promover a educação participativa; melhorar a concentração; diminuir conflitos em sala de aula e diminuir conversas paralelas”.

Em seguida, fiz a interpretação das imagens com os alunos, questionando-os sobre o que conseguiam ver nas figuras, e sobre os meios de comunicação que eles já conheciam.

Segundo Cachapuz (citado por Martins *et al.*, 2007, p.29), as concepções alternativas são todos os conhecimentos que os alunos formam antes, por eles próprios, de serem desenvolvidos em contexto de sala de aula. Cabe ao educador elaborar estratégias capazes de fundamentar e explicar, corretamente, o conhecimento desenvolvido por cada um dos alunos. Deste modo, “as concepções alternativas dos alunos interagem com aquilo que se ensina na escola”.

Posteriormente, separei a turma em sete grupos, e cada grupo tinha quatro elementos. Pato (1995, p.50) afirma que “quando 4 ou 5 elementos são colocados face a um jogo, cria-se naturalmente uma situação de interacção entre aqueles alunos que se designa dinâmica de jogo”.

Cada grupo tinha de montar um puzzle que tinha a imagem de um meio de comunicação, e colá-lo numa folha. De acordo com Oliveira (citado por Caldeira, 2009, p.50), “os jogos são estratégias que facilitam a auto-regulação cognitiva e afectiva, podendo ser utilizados nos mais diversos ambientes. São situações nas quais a criança encontra um contexto facilitador para reorganizar padrões comportamentais”.

2.3.3 Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 10 – Plano de aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola Mestrado em Educação Pré-Escolar 2011/2012 Plano de aula	
Data: 15 de maio de 2012 Educadora: Joana Turma: 4 anos	Aluna Estagiária de Mestrado: Raquel Capaz N.º18 Duração: 30 minutos
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos Conceptuais	
❖ Estimulação de leitura	(Organização do espaço de aula) ❖ Contar a história: “Os meios de comunicação”; ❖ Interpretar a história com os alunos; ❖ Pedir a colaboração das crianças para executar a dramatização com fantoches; ❖ Realizar uma proposta de trabalho; ❖ Corrigir a proposta de trabalho com o auxílio do computador e do retroprojektor.
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
❖ Expressão oral e escrita: ✓ Vocabulário; ✓ Oralidade. ❖ Orientação espacial: ✓ Situar; ✓ Interpretar.	❖ Criatividade: ✓ Imaginação; ✓ Curiosidade; ❖ Cooperação: ✓ Participação; ✓ Escutar.
Material: Proposta de trabalho; computador; retroprojektor, fantoches.	
Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem Nota: Esta planificação está sujeita a alterações consoante o decorrer da aula.	

Inferências e Fundamentação teórica

Antes de começar a aula organizei o espaço da sala, pedindo aos alunos que se sentassem em semicírculo no chão. De acordo com Arends (1995, p.95), “os professores devem ser flexíveis e experimentar diferentes arranjos”, no entanto é importante referir “que cada configuração tem as suas próprias regras de participação e estas necessitam de ser claramente explicitadas aos alunos”. Este mesmo autor defende que a disposição em semicírculo “encoraja mais a participação, mas pode levar a comportamentos fora da tarefa”.

Depois dos alunos se sentarem, contei uma história sobre os meios de comunicação. A opção de contar/ler uma história sobre os meios de comunicação tinha como objetivo recorrer aos conhecimentos prévios adquiridos pelas crianças sobre o tema, e envolver as crianças na fantasia da história.

Para Marques (1988), ouvir e ler histórias proporciona experiências significativas para a criança, pois envolve-a num ambiente entusiasmante, levando-a a criar uma imagem positiva de si e da linguagem, incluindo o ouvir e o falar.

Dohme (2010) afirma que as crianças têm uma necessidade muito grande de imaginar. Para elas, a fantasia não se trata apenas de um passatempo, pois desenvolvem a sua personalidade ao fazerem combinações, visualizações e suposições, daquilo que elas julgam que é a realidade:

As histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem “navegar” em diferentes culturas, noutras classes sociais, raças e costumes”.

Pedi a participação das crianças para fazerem uma dramatização com fantoches. Sem a cooperação dos alunos a actividade tornar-se-ia muito expositiva, e de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007, p.19), “admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo educativo”.

Em seguida, pedi aos alunos que se dirigissem para as mesas e se sentassem nos respetivos lugares para realizarem uma proposta de trabalho. Como indica Arends (1995, p.94), “esta formação é mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada, no professor ou num trabalho independente no lugar”.

Ainda o mesmo autor (1995, p.94) afirma que “a sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções”.

Nesta proposta de trabalho os alunos preencheram espaços lacunares, escrevendo as palavras que se encontravam num quadro por baixo das frases a

completar. Pedi para várias crianças lerem o texto e depois, em conjunto, verificávamos qual das palavras fazia sentido em cada uma das frases.

Eu projetei a proposta de trabalho com o auxílio do computador e do retroprojektor para que todas as crianças conseguissem visualizar bem a correção do exercício.

CAPÍTULO 3

Dispositivos de Avaliação

3.1 Descrição do Capítulo

Tal como no capítulo anterior, este também está fundamentado teoricamente, evidenciando as características e enquadramento teórico da avaliação.

Neste capítulo estão três dispositivos de avaliações, que foram realizados ao longo da prática pedagógica. Em primeiro lugar, encontra-se o dispositivo de avaliação de Domínio da Matemática, em seguida está o dispositivo do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em último, o dispositivo de Conhecimento do Mundo.

Cada dispositivo de avaliação será acompanhado da descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, uma grelha com as cotações dos alunos e um gráfico como análise conclusiva.

3.2 Fundamentação Teórica

Para Fisher (2004, p.21), “um planeamento e uma avaliação eficazes são inter-dependentes. O planeamento tem valor quando é influenciado por uma avaliação sistemática do que foi aprendido e ensinado e a avaliação é sobretudo importante quando influencia o que é planeado”.

A mesma autora (2004, p.24) menciona que um dos objetivos de avaliar as crianças antes de se começar o processo de ensino, “é fornecer informação que ajude os professores a criarem um planeamento eficaz, de modo a conseguirem ir ao encontro das necessidades de aprendizagem individuais das crianças”.

A planificação e a avaliação estão interligadas, uma vez que para o educador poder planificar as suas aulas e as atividades que pretende realizar com a turma, tem de perceber quais são os conhecimentos adquiridos pelas crianças, e quais as suas competências, para poder dar continuidade aos conhecimentos que elas já possuíam. E é através da avaliação diagnóstica que o docente vai perceber qual o ponto de partida pelo qual deve iniciar o processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação é uma componente muito importante na prática pedagógica, pois permite, tanto ao professor, com ao aluno, aperceberem-se dos conhecimentos já adquiridos, mas também das dificuldades que ainda têm, e devem ultrapassar com o auxílio dos docentes. Para Ribeiro e Ribeiro (1990):

a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades. (p. 337)

Os autores anteriores (1990, p.337) afirmam ainda que a avaliação tem a vantagem de informar os alunos sobre as aprendizagens que adquiriram, mas também facultar informação sobre dificuldades que os alunos devem superar.

Contudo, a avaliação não serve apenas para avaliar o aluno, mas também auxilia na avaliação do docente. Para Perrenoud (citado por Estanqueiro, 2010, p.83) “é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar”.

Para Brown, Race e Smith (2000, p.21), “a avaliação deve ser justa. Os estudantes devem ter igualdade de oportunidades para ter êxito, mesmo que as suas vivências não sejam idênticas”.

O professor, através da avaliação, vai aperceber-se se as metodologias que tem adotado, estão a dar resultados perante os alunos, ou se é necessário alterar o seu método de ensino, de modo a beneficiar as aprendizagens por parte dos alunos.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997):

avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

Para Brown *et al.* (2000, p.31), um dos motivos pelo qual se deve avaliar é “para diagnosticar falhas e permitir aos alunos que rectifiquem os seus erros”. Conforme afirmam estes autores, é muito desmotivante ter más notas constantemente e não se saber o que é que não está a correr bem. Os autores mencionam ainda que “uma avaliação eficaz permite aos alunos saber onde residem os seus problemas, e fornece-lhes uma ferramenta essencial para remediar as coisas”.

De acordo com Fernandes (2005, p.83), “é através da comunicação que todos os alunos devem tomar consciência dos seus progressos e/ou dificuldades em relação às aprendizagens que têm de desenvolver”. O mesmo autor (2005, p.83) defende que “o *feedback* deve clarificar perante os alunos o seu nível real, ou o seu estado, perante os objectivos da aprendizagem e, simultaneamente, dar-lhes informação que os ajude a alterar (melhorar) o referido estado se tal se revelar necessário”.

Na Educação Pré-Escolar, a avaliação pode ser diagnóstica e formativa.

A avaliação diagnóstica é realizada no início do ano letivo, no começo de uma unidade curricular, e de acordo com a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 (2011, p.4), esta avaliação pretende “conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa”. Segundo

Ribeiro e Ribeiro (1990, p.342), esta avaliação “tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.

Rosales (1992, p.36) afirma que “a sua realização tem como missão específica determinar as características da situação inicial de um determinado processo didático que se quer pôr em marcha e servir de base”.

Para Leite e Fernandes (2003a):

é necessário identificar os pré-requisitos dos alunos, face ao que se lhes quer ensinar e se deseja que eles aprendam. É, de certo modo, esta avaliação diagnóstica que permite situar os alunos em relação aos objectivos programados e regular, em função desses pré-requisitos, os caminhos para a construção da aprendizagem. (p.39)

É através da avaliação diagnóstica que se conhecem as bases dos conhecimentos que os alunos já adquiriram anteriormente, e após o docente perceber quais são as limitações dos alunos, vai poder planificar as suas aulas em função da turma com que vai trabalhar.

A Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011 (2011, p. 4) menciona que:

a avaliação diagnóstica pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa, de forma a permitir a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo também para a elaboração, adequação e reformulação do projecto curricular de grupo e ainda para facilitar a integração da criança no contexto educativo.

Ainda na circular anterior (2011, p.1), refere que “a avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo”. Ainda nesta Circular (p.2), é referido que a “avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador”.

A avaliação formativa tem como finalidade identificar as dificuldades e solucioná-las. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990):

a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p.348)

É importante que o docente perceba quais são as dificuldades que os alunos vão tendo ao longo das aulas, para que possa auxiliar e direccionar a aprendizagem de modo a eliminar essas limitações que vão surgindo.

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação tem como finalidade:

- contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planejar a ação;
- refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI);
- promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma;
- envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;
- conhecer a criança e o seu contexto, numa perspetiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo (p.3).

De acordo com Ferreira (2007, p.27), a função da avaliação formativa deve “incidir no processo de ensino-aprendizagem e não nos resultados, ou na averiguação dos pré-requisitos necessários às novas aprendizagens”.

A avaliação formativa é benéfica tanto para os alunos como para os docentes, uma vez que permite compreender as dificuldades que são necessárias eliminar, e encontrar meios para solucionar as falhas e os problemas que possam surgir ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 (2011, p.5), “a diversidade de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados utilizados na recolha de informação permite, ao educador “ver” a criança sob vários ângulos de modo a poder acompanhar a evolução das suas aprendizagens”.

Contudo, as avaliações que fazem parte deste capítulo são avaliações formativas, pois o objetivo é verificar se os alunos apreenderam a matéria lecionada, e identificar algumas dificuldades que possam surgir, de modo a que consiga encontrar soluções para ajudar os alunos a solucionar as suas dificuldades.

Utilizei uma escala, baseada na Escala de Likert, para a avaliação de todos os dispositivos de avaliação que compõem este capítulo. Atribuindo-lhe a seguinte cotação qualitativa e quantitativa, conforme apresento no Quadro 11.

Quadro 11 – Escala de avaliação utilizada

Cotação qualitativa e quantitativa	
Fraco	0 – 2,9
Insuficiente	3 – 4,9
Suficiente	5 – 6,9
Bom	7 – 8,9
Muito Bom	9 – 10

3.3 Dispositivos de Avaliação da área de Expressão e Comunicação: Domínio de Matemática

3.3.1 Descrição dos parâmetros e critérios

Para a realização deste dispositivo de avaliação distribui a proposta de trabalho por cada aluno do bibe encarnado (anexo 1). Li o enunciado e expliquei que, no exercício 1 tinham de fazer a ligação através de uma linha entre as peças e os seus respetivos valores. No exercício 2 os alunos tinham de pintar as peças do Cuisenaire com as cores correspondentes.

Para elaborar este dispositivo utilizei os seguintes parâmetros (Quadro 12)

Quadro 12 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Identificação de cada peça do Cuisenaire e associar o respetivo valor	Fez a correspondência correta de todas as peças	5	5
	Fez a correspondência correta de 8 peças	4	
	Fez a correspondência correta de 6 peças	3	
	Fez a correspondência correta de 4 peças	2	
	Fez a correspondência correta de 2 peças	1	
	Não fez corretamente a correspondência de nenhuma peça	0	

2. Pintura das peças do Cuisenaire, com as cores correspondentes	Pintou corretamente todas as peças	5	5
	Pintou corretamente 8 peças	4	
	Pintou corretamente 6 peças	3	
	Pintou corretamente 4 peças	2	
	Pintou corretamente 2 peças	1	
	Não pintou corretamente nenhuma peça	0	
Total	10		

1. Fazer a correspondência, com uma linha, entre cada peça do Cuisenaire e o seu respetivo valor: pretende-se que a criança faça a ligação das peças do Cuisenaire, com o valor das unidades que esta representa.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Fez a correspondência correta de todas as peças
- Fez a correspondência correta de 8 peças
- Fez a correspondência correta de 6 peças
- Fez a correspondência correta de 4 peças
- Fez a correspondência correta de 2 peças
- Não fez corretamente a correspondência de nenhuma peça

2. Pintar as peças do Cuisenaire, com as cores correspondentes: pretende-se que a criança pinte as peças do Cuisenaire de acordo com as cores deste material.

Foram determinados os seguintes critérios:

- Pintou corretamente todas as peças
- Pintou corretamente 8 peças
- Pintou corretamente 6 peças
- Pintou corretamente 4 peças
- Pintou corretamente 2 peças

Não pintou corretamente nenhuma peça

3.3.2 Descrição da grelha de avaliação

Quadro 13 – Grelha de avaliação

Parâmetros	Fazer a correspondência correta de :						Pintou corretamente :						Cotação	Cotação
Critérios	Todas as peças	8 peças	6 peças	4 peças	2 peças	0 peças	Todas as peças	8 peças	6 peças	4 peças	2 peças	0 peças		
N.º de alunos														
1	X						X						10	Muito Bom
2	X						X						10	Muito Bom
3		X						X					8	Bom
4	X						X						10	Muito Bom
5			X				X						8	Bom
6	X						X						10	Muito Bom
7	X						X						10	Muito Bom
8	X							X					9	Muito Bom
9	X							X					9	Muito Bom
10	X						X						10	Muito Bom
11	X						X						10	Muito Bom
12	X						X						10	Muito Bom
13	X						X						10	Muito Bom
14	X						X						10	Muito Bom
15		X					X						9	Muito Bom
16	X						X						10	Muito Bom
17	X						X						10	Muito Bom
18	X						X						10	Muito Bom
19	X						X						10	Muito Bom
20	X						X						10	Muito Bom
21	X						X						10	Muito Bom
22	X						X						10	Muito Bom
23		X					X						9	Muito Bom
24	X						X						10	Muito Bom
25	X						X						10	Muito Bom

3.3.3 Análise conclusiva

Observando a Figura 1, podemos verificar que 92% dos alunos obtiveram a classificação de Muito Bom, o que evidencia que os objetivos pretendidos, com a execução da proposta de trabalho, foram atingidos, pois mais de metade da turma obteve classificação máxima. Apenas 8 % dos alunos obtiveram a classificação de Bom, o que demonstra que os conteúdos foram apreendidos pela maioria das crianças.

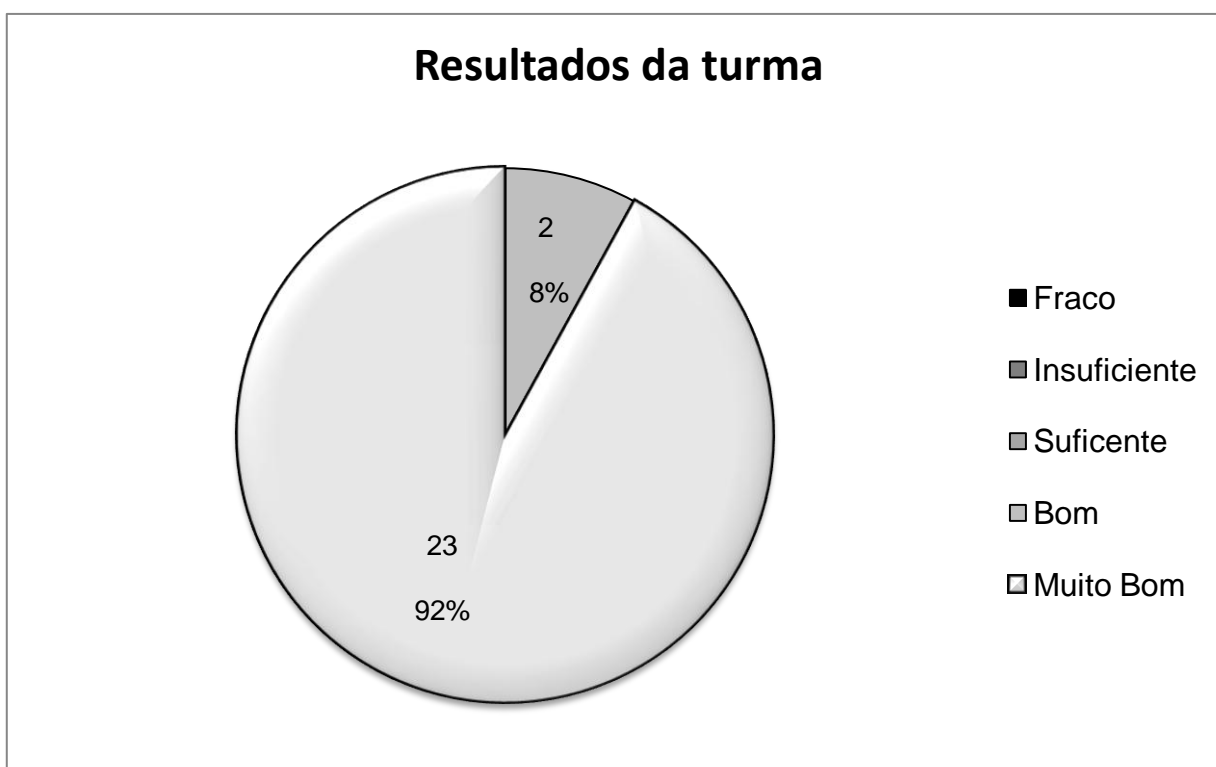


Figura 1 – Gráfico de classificações obtidas na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

3.4 Dispositivo de Avaliação da área de Expressões e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.1 Descrição de parâmetros e critérios

Para a realização deste dispositivo de avaliação, distribui uma proposta de trabalho a cada criança (anexo 2). No exercício 1, pedi-lhes para lerem as frases e sublinharem a afirmação verdadeira. No exercício 2, tinham de escolher as palavras que estavam num quadro, e legendar corretamente as imagens. (Quadro 14)

Quadro 14 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Realização da leitura de frases	Sublinhou todas as frases verdadeiras	2	2
	Sublinhou 1 frase verdadeira	1	
	Não sublinhou nenhuma frase verdadeira	0	
2. Escrever as palavras que legendam corretamente as figuras	Colocou a legenda correta em todas as figuras	4	8
	Colocou a legenda correta em 3 figuras	3	
	Colocou a legenda correta em 2 figuras	2	
	Colocou a legenda correta em 1 figuras	1	
	Não colocou a legenda correta em nenhuma figura	0	
	Copiou corretamente todas as palavras	4	
	Copiou corretamente 3 palavras	3	
	Copiou corretamente 2 palavras	2	
	Copiou corretamente 1 palavra	1	
	Não copiou corretamente nenhuma palavra	0	
Total	10		

1. Sublinhar as frases verdadeiras: pretende-se que a criança leia as frases e sublinhe a verdadeira.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Sublinhou todas as frases verdadeiras
- Sublinhou 1 frase verdadeira
- Não sublinhou nenhuma frase verdadeira

2. Escreve as palavras que legendam as figuras corretamente: o objetivo é a criança relacionar a imagem à legenda e escrevê-la corretamente.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Colocou a legenda correta em todas as figuras
- Colocou a legenda correta em 3 figuras
- Colocou a legenda correta em 2 figuras
- Colocou a legenda correta em 1 figuras
- Não colocou a legenda correta em nenhuma figura
- Copiou corretamente todas as palavras
- Copiou corretamente 3 palavras
- Copiou corretamente 2 palavras
- Copiou corretamente 1 palavra
- Não copiou corretamente nenhuma palavra

3.4.2 Descrição da grelha de avaliação

Quadro 15 – Grelha de avaliação

Parâmetros	Realização da leitura de frases			Escrever as palavras que legendam corretamente as figuras										Cotação	Cotação
Critérios	Sublinhou todas as frases	1 frase	0 frases	todas as legendas corretas	3 legendas	2 legendas	1 legenda	Nenhuma legenda correta	Copiou todas as palavras	3 Palavras	2 Palavras	1 palavra	0 Palavras		
N.º de alunos															
1		X		X					X					9	Muito Bom
2	X								X					10	Muito Bom
3		X		X						X				8	Bom
4		X		X					X					9	Muito Bom
5	X			X						X				9	Muito Bom
6	X			X						X				9	Muito Bom
7	X			X					X					10	Muito Bom
8	X			X						X				9	Muito Bom
9	X			X					X					10	Muito Bom
10	X			X					X					10	Muito Bom
11	X			X						X				9	Muito Bom
12		X		X					X					9	Muito Bom
13	X			X					X					10	Muito Bom
14	X			X					X					10	Muito Bom
15	X			X						X				9	Muito Bom
16	X			X					X					10	Muito Bom
17			X	X							X			6	Suficiente
18	X			X					X					10	Muito Bom
19	X			X					X					10	Muito Bom
20	X					X			X					8	Bom
21		X		X						X				8	Bom
22		X		X					X					10	Muito Bom
23	X			X					X					10	Muito Bom
24	X			X					X					10	Muito Bom
25		X		X					X					9	Muito Bom

3.4.3 Análise conclusiva

Examinando a Figura 2, podemos verificar que 21 alunos, ou seja, 84% dos alunos obtiveram classificação de Muito Bom. De toda a turma 3 alunos tiveram classificação de Bom, e apenas 1 aluno teve classificação de Suficiente.

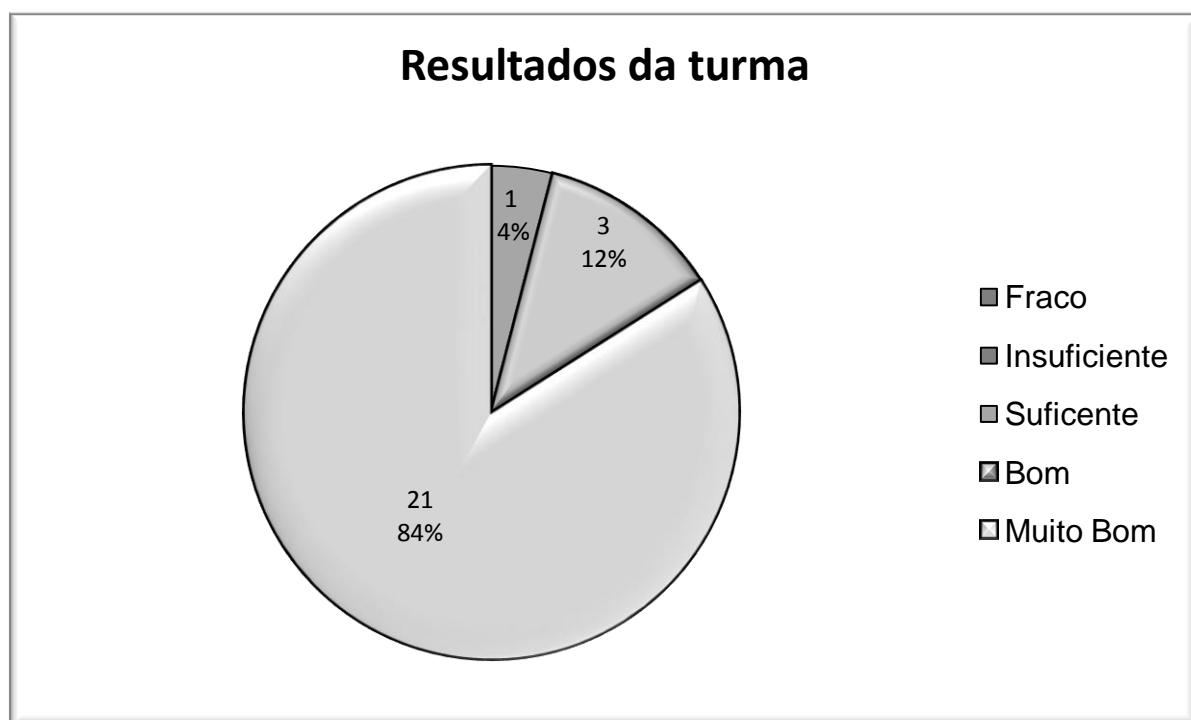


Figura 2 – Gráfico de classificações obtidas na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

3.5 Dispositivo de Avaliação da área do Conhecimento do Mundo

3.5.1 Descrição dos parâmetros e critérios

Para a concretização deste dispositivo de avaliação, distribui uma proposta de trabalho por cada criança (anexo 3). No primeiro exercício pedi-lhes para pintarem apenas os animais mamíferos. No segundo exercício, expliquei-lhes que tinham de encontrar na “sopa de letras” cinco nomes de animais mamíferos, e pintá-los. (Quadro 16)

Quadro 16 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação

Parâmetros	CrITÉrios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
1. Identificação dos animais mamíferos	Pintou todos os animais mamíferos	5	5
	Pintou 4 animais mamíferos	4	
	Pintou 3 animais mamíferos	3	
	Pintou 2 animais mamíferos	2	
	Pintou 1 animais mamíferos	1	
	Não pintou nenhum animal mamífero	0	
2. Identificação de cinco nomes de animais mamíferos, na “sopa de letras”	Encontrou todos os animais mamíferos	5	5
	Encontrou 4 animais mamíferos	4	
	Encontrou 3 animais mamíferos	3	
	Encontrou 2 animais mamíferos	2	
	Encontrou 1 animais mamíferos	1	
	Não encontrou nenhum animal mamífero	0	
Total	10		

1. Pintar apenas os animais mamíferos: Pretende-se avaliar se a criança reconhece os animais mamíferos.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou todos os animais mamíferos
- Pintou 4 animais mamíferos
- Pintou 3 animais mamíferos
- Pintou 2 animais mamíferos
- Pintou 1 animais mamíferos
- Não pintou nenhum animal mamífero

2. Identificação do nome de cinco animais mamíferos numa “sopa de letras”: pretende-se avaliar se a criança identifica todos os nomes.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou todos os animais mamíferos
- Identificou 4 animais mamíferos
- Identificou 3 animais mamíferos
- Identificou 2 animais mamíferos
- Identificou 1 animais mamíferos
- Não Identificou nenhum animal mamífero

3.5.2 Descrição da grelha de avaliação

Quadro 17 – Grelha de avaliação

Parâmetros	Pintar apenas os animais mamíferos						Identificar na “sopa de letras” cinco nomes de animais mamíferos						Cotação	Cotação
Critérios	Pintou todos os animais	Pintou 4	Pintou 3	Pintou 2	Pintou 1	Pintou 0	Identificou todos os nomes	4 nomes	3 nomes	2 nomes	1 nomes	0 nomes		
N.º de alunos														
1	X						X						10	Muito Bom
2	X						X						10	Muito Bom
3	X						X						10	Muito Bom
4		X					X						9	Muito Bom
5	X						X						10	Muito Bom
6	X						X						10	Muito Bom
7	X						X						10	Muito Bom
8	X						X						10	Muito Bom
9	X						X						10	Muito Bom
10	X						X						10	Muito Bom
11	X						X						10	Muito Bom
12	X						X						10	Muito Bom
13	X						X						10	Muito Bom
14	X						X						10	Muito Bom
15	X						X						10	Muito Bom
16	X						X						10	Muito Bom
17		X					X						9	Muito Bom
18		X					X						9	Muito Bom
19	X						X						10	Muito Bom
20	X						X						10	Muito Bom
21	X						X						10	Muito Bom
22	X						X						10	Muito Bom
23	X						X						10	Muito Bom
24	X						X						10	Muito Bom
25	X						X						10	Muito Bom
26		X					X						9	Muito Bom
27	X						X						10	Muito Bom

3.5.3 Análise conclusiva

Através da Figura 3, podemos observar que 92% dos alunos obtiveram a classificação de Muito Bom, o que demonstra que os objetivos pretendidos, com a execução da proposta de trabalho, foram alcançados, pois mais de metade da turma obteve classificação máxima, e apenas 7% dos alunos conseguiram a classificação de Bom, o que indica que os conteúdos foram apreendidos pela maioria das crianças.

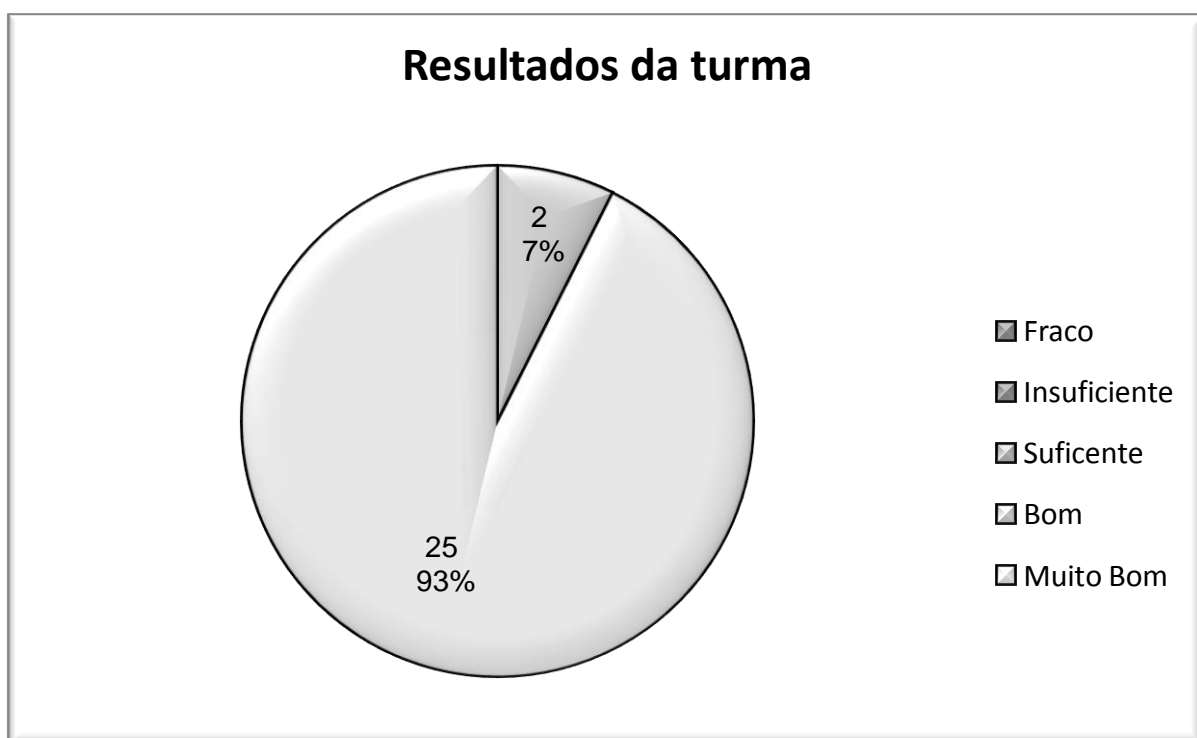


Figura 3 – Gráfico de classificações obtidas na área do Conhecimento do Mundo

Reflexão Final

Considerações finais

O presente relatório diz respeito ao estágio profissional, que decorreu durante o ano letivo de 2011/2012, tendo iniciado no dia 27 de Setembro e terminou no dia 22 de junho. Apesar do último dia de estágio ter sido no dia 22 de junho, o relatório ainda refere o dia 29 de junho, visto que neste dia realizei a Prova de Aptidão Profissional.

Na Escola Superior de Educação João de Deus, a Prática Pedagógica é muito valorizada, pois está presente desde o 1.º ano da licenciatura, na qual participamos enquanto espectadoras.

Durante este tempo tive a oportunidade de permanecer em sala de turmas diferentes, em cada faixa etária, mas também em relação às características de cada turma, o que me permitiu assistir e conhecer diferentes realidades educativas, mas também diversas estratégias que podem ser adotadas, para lidar com a turma em questão.

A realização deste estágio contribuiu para o meu crescimento pessoal, mas sobretudo para o meu desenvolvimento profissional, uma vez que me possibilitou articular a parte teórica com a parte prática e só deste modo tive noção da realidade educativa, o que contribuiu para diversas experiências positivas e outras menos positivas, mas também muito benéficas pois a partir delas percebi como melhorar o meu desempenho enquanto futura educadora. A prática contribui para a aquisição do conhecimento, através da experimentação e da reflexão. Alarcão e Tavares (1989, p. 35) referem que “o processo formativo (...) combina acção, experimentação e reflexão sobre a acção, ou seja, reflexão dialogante sobre o observado e o vivido segundo uma metodologia do aprender a fazer...”

Muitas das estratégias que adotei ao longo da prática pedagógica foram surgindo por descoberta através de problemas que, por vezes, foram aparecerem ao longo das aulas. Como estagiária e como futura docente começo a ter perceção de como vai ser a minha vida profissional.

Ao longo deste processo de formação fui ouvindo os conselhos das educadoras das turmas por onde estagiei, das professoras da prática pedagógica, ou até das minhas colegas, o que contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e para melhorar a minha atitude enquanto futura docente. Ao colocar em prática as críticas construtivas que ouvi, ao longo de todo o meu percurso, enquanto estagiária, evolui bastante.

Foi fundamental o facto de poder ensinar. Durante todas as atividades que desenvolvi em cada turma, visto que todas as turmas são diferentes, as minhas

experiências também foram todas distintas, e através da experiência real, e não através da teoria, percebi que cada turma é diferente e que não existe uma receita pré-concebida para lidar com as turmas. Tal como afirma Loughran (citado por Flores e Simão, 2009, p.27), “se os alunos futuros professores “sentirem” genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma pessoalmente mais significativa”.

Não posso deixar de salientar a importância de realizar o segundo e o terceiro capítulo, devido ao facto de ter contactado com diferentes faixas etárias, e de ter planificado aulas, e avaliado atividades para crianças com idades diferentes.

Contudo esta aprendizagem de ensinar nunca está concluída, pois é um processo que se desenvolve ao longo da vida, durante o qual se vai descobrindo uma atitude própria e um estilo, que implicam o conhecimento do “eu”, dos outros com quem vamos trabalhar, e dos contextos em que estamos inseridos. Deste modo, os educadores/professores devem ensinar de forma crítica e reflexivamente, sendo altruístas, abertos, inovadores, estando sempre em contínua aprendizagem e desenvolvimento, das suas competências e conhecimentos.

Limitações

Como principal limitação quero referir a questão do tempo que tive para elaborar este relatório de estágio profissional. Visto que tinha aulas, trabalhos para elaborar, estudar para os testes, preparar algumas aulas para lecionar durante a Prática Pedagógica, e ao mesmo tempo ainda tinha que realizar este relatório. Penso que a questão do tempo foi a grande limitação. É necessário gerir muito bem o tempo que temos, para conseguirmos realizar todas as tarefas que nos são propostas no mesmo período de tempo.

Por conseguinte, também considero que tive uma limitação, pois a grande maioria dos livros que eu pretendia requisitar, não estavam disponíveis. Contudo, compreendo que não é possível que todos os livros estejam disponíveis, sempre que cada aluno da ESE necessite de os consultar.

Apesar das limitações, guardo na memória todos os momentos mais difíceis, o trabalho, as horas de sono e o empenho que dediquei a este relatório.

Ao ver este relatório de estágio acabado, sinto que os esforços realizados para terminar este trabalho, valeram o empenho.

Novas pesquisas

Ao escolher esta profissão tenho de ter em atenção o facto de a sociedade em que vivemos estar em constantes mudanças. Por esse motivo, e por querer estar, sempre o mais informada e atualizada possível, vou querer estar disponível para novas aprendizagens e novas pesquisas.

O educador deve estar sempre informado e atualizado, no que refere à matéria que envolve a Educação Pré-Escolar, mas também em relação ao quotidiano das crianças. O docente deve evoluir e melhorar os seus conhecimentos, uma vez que o mundo está em constante crescimento e o educador não deve ficar desatualizado em relação ao que se passa à sua volta, mas principalmente ao que sucede em redor das crianças.

Durante todo o meu estágio profissional adquiri diversas aprendizagens importantes, e muito positivas para a minha formação e para o meu futuro profissional. Contudo, as aprendizagens são ilimitadas e devem ser vistas como emergentes, durante toda a nossa vida. Como tal, tenho a perfeita noção de que ainda tenho muito para aprender.

Pondero a possibilidade de obter mais formação na área do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois considero uma mais-valia para a minha formação profissional. Contudo também sinto a necessidade, de no futuro, aprofundar o meu conhecimento na área de Necessidades Educativas Especiais, pois sinto que é muito importante para a minha formação, mas principalmente para o bem-estar das crianças que tenham Necessidades Educativas Especiais, para que consiga lidar e compreender as suas necessidades.

Referências bibliográficas

- Abreu, M. D. (2005). *Currículo e diferenciação. Um contributo para a organização das aprendizagens na língua estrangeira*. Lisboa: Texto Editores.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: papa-lettras.
- Alarcão, I., e Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I., e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.^a Ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- Alves, M. P. C. (2002). *A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor*. In A. F. B. Moreira e E. F. Macedo (Org.). *O currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora. pp.135-149.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Associação de Professores de Matemática (2007). *Princípios e normas para a matemática escolar*. Lisboa: APM.
- Balancho, M. e Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Bertalot, L. (2002). *Criança querida – O dia-a-dia da alfabetização*. Lisboa: Antroposófica.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brown S., Race, P., Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.

Caldeira, M. F. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura da Facultad de Ciências de Educación.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Carvalho, J. (1999). *O ensino da escrita – Da teoria às práticas pedagógicas*. Braga : Inst. de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia 1999.

Carvalho, T. R. (2002). Padrões de comunicação na sala de aula. In M. S. Lemos & T. R. Carvalho (Org.). *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de outubro (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar).

Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de Abril (Avaliação das Aprendizagens na Educação Pré-Escolar).

Coll, C. e Derek, E. (1998). *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula. Aproximações ao estudo do discurso educacional*. Porto Alegre: Artmed.

Condemarin, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. (3.ª ed.) Lisboa: A esfera dos livros.

Cunha, P. D. (1996). *Ética e educação* (1.º Ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.

Cury, V. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.

Damas, E. e Oliveira, V. e Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – guia prático para professores e educadores*. Lisboa: Areal Editores.

Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lousã, Portugal: Associação de Jardins Escolas João de Deus.

Dohme, V. (2000). *Técnicas de como contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. Petrópolis (Brasil): Editora Vozes.

Durão, R. (2010). *Acolhimento aos alunos estagiários da formação inicial. Uma proposta de acolhimento e integração*. Dissertação de Mestrado inédita. Escola Superior de Educação João de Deus.

Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

Enciclopédia da Educação Infantil – *recursos para o desenvolvimento do currículo escolar* (1997). Vol. 1 – Expressão Plástica. Lisboa: Editora Nova Presença.

Enciclopédia da Educação Infantil – *recursos para o desenvolvimento do currículo escolar* (1997). Vol. 5 – Expressão Plástica. Lisboa: Editora Nova Presença.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação – O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Feldman, R. (1999). *Compreender a psicologia*. Lisboa: Mc Graw Hill.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Figueiredo, M. A. R. (2005). *Avaliação na educação pré-escolar*. Lisboa: Bola de Neve.

Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto: Editores.

Flores, M., e Simão, A. (2009) (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contexto e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Formosinho, J. et al. (1996). *A educação pré-escolar. A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editora.

Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz – Contributos para uma pedagogia de leitura*. Lisboa: Caminho.

Gourgand, P. (1980). *As técnicas de trabalho de grupo*. Lisboa: Moraes Editores.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Banet, B., Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Post, J. (2003). *Educação de bebés em infantários*. Cuidados e primeiras aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Weikart, D. P., Marujo, H., e Neto, L. (2004). *Educar a criança* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. e Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. 5.^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais educadores*. Lisboa: ASA Editores II, S.A.

Lambert-Lagacé, L. (1977). *A alimentação da criança*. Mem Martins: Europa-América.

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. *Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro. *Lei Quadro da Educação Pré-Escolar*.

Leite, C., Fernandes, P. (2003a). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: ASA Edições, S.A.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lopes, J. L. (Ed.). (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim de infância. Manual de atividades*. Lisboa: Coleção Práticas.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Magalhães, V. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: 'Um mundo de verdura' a não perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (Ed.). *Desenvolver competências em*

língua portuguesa. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Lisboa; pp. 55-73.

Marques, R. (2001). *Saber educar – Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.

Marques, R. (1988). *A prática pedagógica no jardim de infância*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R., Davies, D. e Silva, P. (1993). *Os professores e as famílias – A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

Martins, I. P. et al. (2007), *Explorando plantas...Sementes, germinação e crescimento*. (1.ªed.) Lisboa: Ministério da Educação.

Martins, I. P., Veiga, L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., e Pereira, S. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mata, L. (2006) *Literacia Familiar – Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Ministério da Educação (1998). *Criar o gosto pela escrita – formação de professores*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Mira, A. M. (1995). *João de Deus e a actualidade do seu método ou arte de leitura*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, D. e Oliveira, I. (2005). *O jogo e a matemática* (1.ª Ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão* (1.ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Moutinho, J. V. (2007). *O grande livro das lengalengas*. Porto: Edições Afrontamento.

Nabais, J.A. (s. d.). *À descoberta da matemática como o calculador multibásico*. Rio de Mouro: Educa.

Neto, C. (1997). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Pacheco, J. A. B. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Pacheco, J. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Portugal: Livraria Minho.

Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico*. Lisboa: Texto Editora.

Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.

Pérez, M.R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – Ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas profissão docente e formação – Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Portugal, G. e Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.

Rebelo, D., Marques, M. J. & Costa, M. L. (2000). *Fundamentos da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C., e Ribeiro, L.C. (1990). *Planificação e avaliação de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Rio Tinto: Edições Asa.

Rosales, C. (1992). *Avaliar é reflectir sobre o ensino*. Rio Tinto: Edições Asa.

Ruivo, I. M. S. (2008). Ler e escrever no jardim de infância. *O professor*, 97, 26-30.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de doutoramento inédita. Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educación.

Sanchis, S. (2007). *Atividades de expressão motora no pré-escolar*. Lisboa: Papo –Letras.

Serrano, J. (2002). *Educação pelo movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Serrazina, L. & Matos, J. M. (1996). *O geoplano na sala de aula*. (3.^a Ed.). Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora Inafop.

Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim, I., Silva, A. E Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim-de-infância*. Editorial do Ministério da Educação.

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Spodek, B. e Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Traça, M., E. (1998). *O fio da memória: Do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem*. Lisboa: Edições ASA.

Vasconcelos, T. (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.

Vasconcelos, T. e Assis, A. (2008). *Documentos curriculares para a educação de infância: um olhar sobre o passado, questões para o futuro*. In J. A. Pacheco (Org.). Organização curricular portuguesa. Porto: Porto Editora.

Vieira e Teixeira (2002). *Aprender a ler: Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Rio Tinto: Edições Asa.

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.

Zalbaza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed (Obra original publicada em 1996).

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. (5.^a Ed.). Porto: Edições Asa.

Zalbaza, M. A. (2001). *Didática da educação infantil* (3.^a Ed.). Porto: Edições ASA.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Webgrafia

Alarcão, I. (2009). *Formação e supervisão de professores*. Uma nova abrangência. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 8, pp.119 – 128. Consultado em 2012, Fevereiro 9, de <http://sisifo.fpce.ul.pt>;

Fernandes, D. M. e Cardoso, A. C. (s.d.). *Experienciar a cidadania com tabelas e gráficos no jardim-de-infância*. Recuperado em 2012, maio 12, de http://www.apm.pt/files/CO_Fernandes_Cardoso_4a28b37c1a215.pdf;

Paiva, J. (s. d.). *O estudo de caso e a problemática da observação em metodologias de investigação em educação*. Recuperado em 2001, novembro 25, de <http://www.jcpaiva.net>;

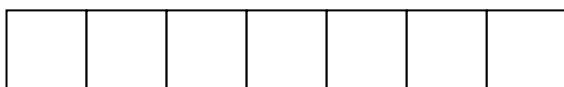
Ruivo, I. (2006). João de deus: método de leitura com sentido. Recuperado em 2012, maio 18, de http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf

ANEXO 1

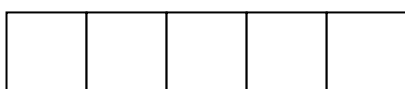
Dispositivo de Avaliação do Domínio de Matemática

Nome: _____ Data: _____

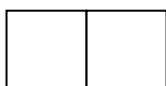
- 1) Faz a correspondência, com uma linha, entre cada peça do cuisenaire e o seu respetivo valor.
- 2) Pinta as peças com as cores que correspondem.



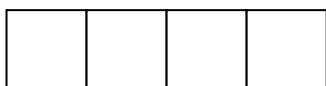
• 2



• 4



• 5



• 7



• 6



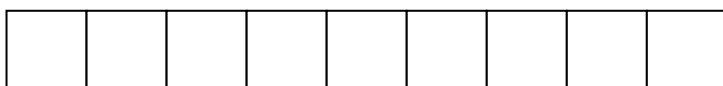
• 8



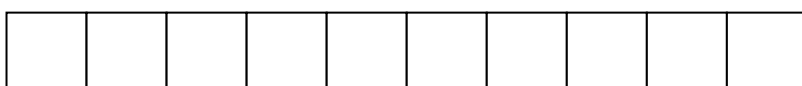
• 3



• 1



• 10



• 9

ANEXO 2

Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim Escola João de Deus – Estrela

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: _____ Data: _____

1) Lê as frases e sublinha a verdadeira.

Quando estou na praia devo:

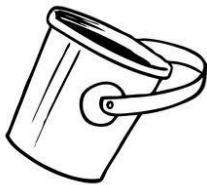
- a) colocar protetor solar.
- b) beber pouca água.
- c) estar sempre ao sol.

Não vou para o mar quando:

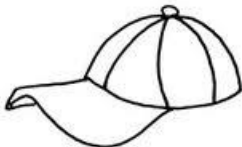
- a) está bandeira verde.
- b) está bandeira amarela.
- c) está bandeira encarnada.



1) Escreve as palavras que legendam corretamente as figuras.



- óculos
- chinelos
- balde
- chapéu
- toalha

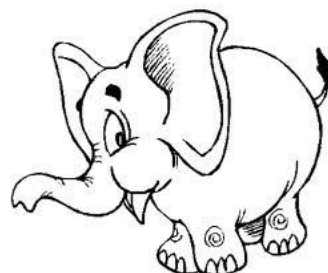
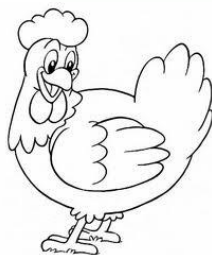
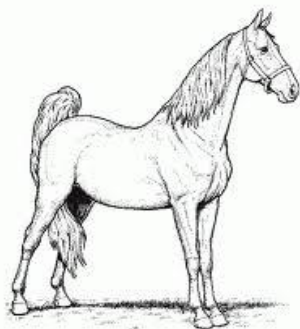
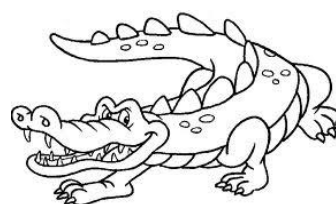
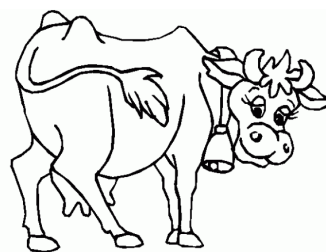
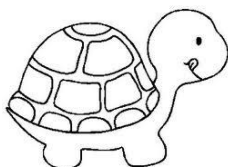


ANEXO 3

Dispositivo de Avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Nome: _____ Data: _____

1. Pinta apenas os animais mamíferos.



2. Encontra na sopa de letras cinco nomes de animais mamíferos, e pinta-os.

c	q	s	e	r	a	t	o	h	m
a	z	x	i	f	r	u	l	p	o
n	g	d	g	a	t	o	d	e	r
g	c	v	b	n	m	x	e	o	c
u	q	g	i	r	a	f	a	p	e
r	s	v	t	a	m	j	t	r	g
u	s	e	u	p	l	f	r	q	o